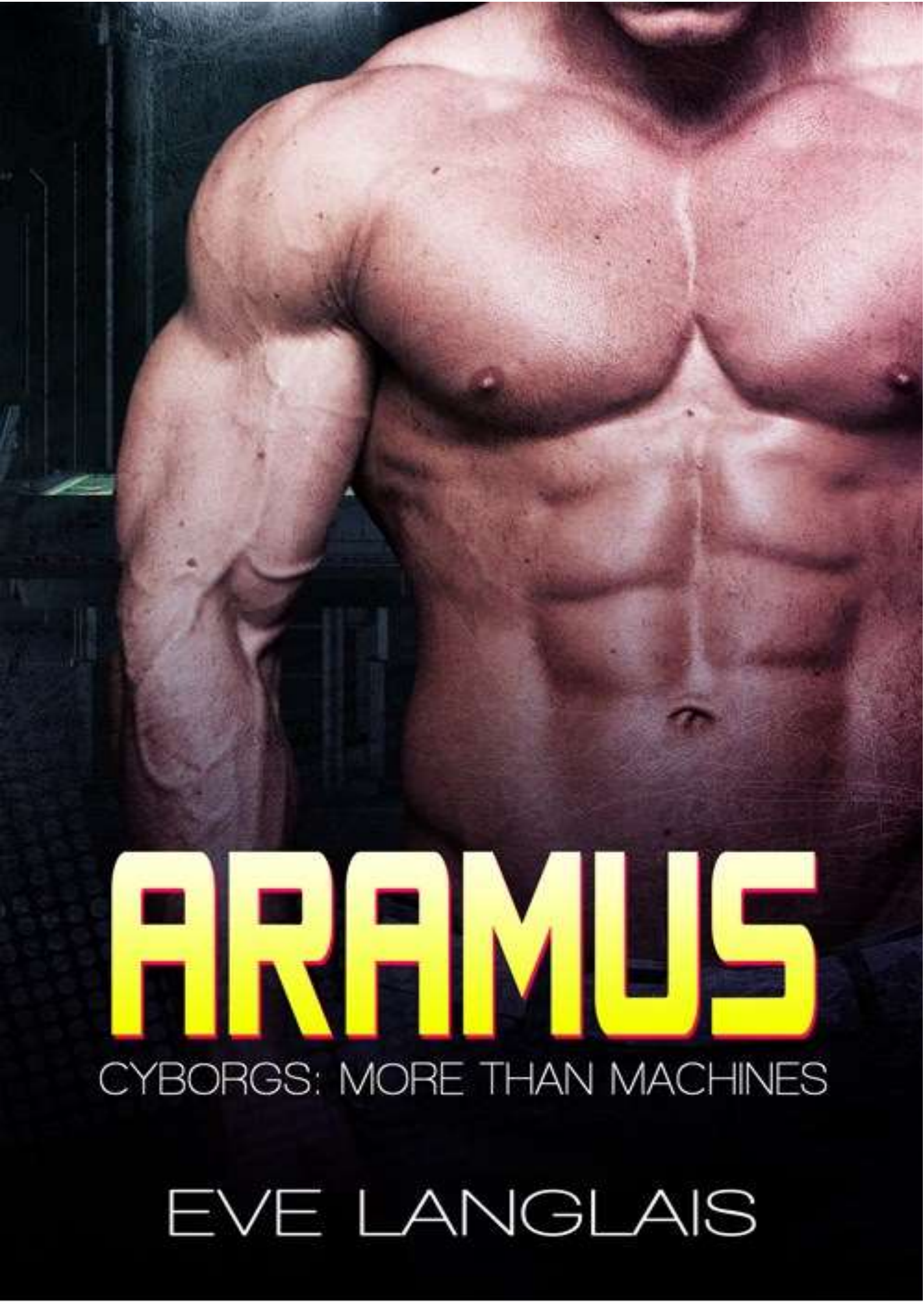




ARAMUS

CYBORGS: MORE THAN MACHINES

EVE LANGLAIS





Aramus

Cyborgs - Cyborgs More Than Machines 04

Eve Langlais

Equipe PL

Disponibilização: Soryu

Tradução: Susana

Revisão Inicial: Suzana M. L.

Revisão Final: Argay Muriel

Formatação e Leitura Final: Sofia



Comentário da tradutora: Susana

Da Série Cyborgs, mais que máquinas, esse foi o que mais gostei, a autora trabalhou melhor nos personagens e desenvolveu uma história com mais ação, detalhes técnicos (gente é ficção científica) e menos sexo explícito (e eu aprecio um bocado o tema... KKK), mas tudo em excesso perde um pouco a graça. Portanto quem viajar nessas páginas não vai se decepcionar.

Boa leitura.

Comentário da revisora – Espanhol – Português:

Suzana M. L.

A série é boa, lembra uma versão mais leve do seriado de TV. Andrômeda, com o ator Kevin Sorbo. Os personagens deste livro são sofridos. O mocinho é um guerreiro teimoso e ela uma cientista persistente, que luta pelo seu amor.

Vale a Pena Ler.

OBS: *O nome de uma das personagens é Carmen... com N.no final e não Carmem.com M, como em português Deixei no original em espanhol **CARMEN**.*

*Favor Não Publicar Nossos
Arquivos No Facebook*

Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a moderação
Se Você gosta dos livros feito pelo PL ajude !!!
Quem gosta respeita nosso grupo !
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo
de forma desnecessária



Não aceitaremos reclamações sobre as traduções do grupo !

Não gostou, leia o livro no idioma original



Equipe Pegasus Lançamentos



Aviso

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo *Pégasus Lançamentos* de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Sinopse

A eliminação de toda a humanidade sempre foi seu objetivo número um... Ao menos até que ele a conheceu.

Aramus nunca teve paciência ou simpatia com as desculpas que os humanos arrumavam como justificativa para caçar e exterminar os cyborgs. Ele passou por muitas coisas para perdoar e esquecer. Mas tudo isso muda quando ele salva uma frágil médica humana que se recusa a vê-lo como uma máquina. Ela o faz entender que nem todas as emoções são uma prova de fraqueza e que o amor pode tornar qualquer ser mais forte, mesmo um cyborg cínico como ele.

E para aqueles que riam da sua nova maneira de ver as coisas ou que ameaçassem à sua mulher? Bem. Ele estava mais que disposto a usar os punhos para um pouco de exercício.

Prólogo

Em um tempo antes que os Cyborgs se libertassem.

Um punho conectou-se diretamente em seu rosto, dando um golpe de força e impacto terrível. Não foi o suficiente para deslocá-lo de sua posição, nem recuar ou piscar.

— Puta merda! O rosto do bastardo é feito de aço — Queixou-se o militar rosnando e balançando os dedos doloridos.

— Deve pesar uma tonelada também — Observou outro soldado que estava nas proximidades, um espectador sanguinário, que incitava a tripulação aborrecida a ser mais cruel. — Deveria ter batido na sua bunda para ter certeza disso.

B351GI não contraiu um músculo sequer ou respondeu verbalmente enquanto discutiam suas tentativas de feri-lo ou distraí-lo de sua tarefa atual. Cyborgs sabiam obedecer.

— Vigie a porta. Não deixe que ninguém entre.¹

Ele levava suas ordens a sério. Nenhum perímetro seria invadido, enquanto ele ficasse de guarda. As ordens recebidas, no entanto, não davam instruções de como lidar

¹ Mensagem memorizada, ordem recebida do seu Superior.

com a tripulação que achava divertido ver quanto abuso poderia aguentar o corpo de um Cyborg.

E respondendo, um cyborg podia suportar muito, ou pelo menos bem mais do que os seres humanos poderiam tolerar com seus membros carnudos revestidos de músculos não melhorados.

— Hey, Freddy, de um chute nele como aquele cara fez na semana passada, quando atacamos a colônia que estava se rebelando.

— Isso mesmo, foi um golpe bom pra caralho — Adicionou o último membro do trio de encenqueiros. — Você jogou aquele agricultor, pelo menos, a dois metros — Ele imitou um pontapé exagerado, juntamente com um grito — Hi... Hahaha!

O cyborg analisou o movimento e considerou improvável que um ser humano tivesse desferido o golpe mencionado, a menos que o movimento fosse realizado em uma área de muito baixa gravidade.

Freddy, um ser humano cheio de cicatrizes no rosto denegria seu uniforme ao agir contra as regras e regulamentos militares, pensou o cyborg. O humano, como se estivesse sofrendo de um mau funcionamento do sistema nervoso, deu um passo para trás e antes de virar e balançar o pé para fora saltou sobre ele. A bota de combate com biqueira de aço bateu no centro do peito de **B351GI**.

Então pensou mais uma vez, que se ele possuísse a carne, costelas, enfim como o conjunto estrutural tão frágil

quanto de um ser humano teria, provavelmente, sofrido ferimentos graves. Sua BCI² calculou em 13% as chances de sobreviver a tal golpe. Mas ele era um Cyborg, constituído por órgãos biológicos e metade máquina. Ele não seria prejudicado, nem mesmo precisava se defender ou bloquear o ataque.

Suas ordens o proibia.

— Mas que merda! O robô é como uma maldita estátua!

Os soldados continuaram sua brincadeira estúpida, enquanto **B351GI** olhava a frente, ignorando-os. No entanto... Se viessem a se atrever a cruzar a linha invisível que ele protegia...

Um sinal de alerta soou ao mesmo tempo em que três explosões aconteciam, uma voz feminina computadorizada anunciou pelos alto-falantes a bordo:

Todos em seus postos. Erupção solar detectada. Impacto esperado em três minutos e vinte segundos. Desligar todas as unidades eletrônicas não essenciais.

— Oh merda, de novo não! — Queixou-se Freddy — Da última vez arruinou totalmente minha lista de reprodução do meu comunicador Samsung.

— Não me diga que você não o desligou? Cara, estamos muito próximos ao sol, você tem que proteger seu equipamento eletrônico. Você sabe quais as chances destas coisas poderem explodir em chamas?

² Abreviatura de Brain Computer Interface, (Interfase de computador cerebral) em português.

— Eu sei. Eu sei. É que sempre me esqueço.

Freddy não era o único a esquecer. Depois de cada explosão solar, havia uma infinidade de reclamações sobre as coisas não funcionarem como deveriam, o impulso eletromagnético danificava chips de computador e dispositivos de comunicação já que não eram blindados com chumbo. Mesmo as unidades Cyborg se desligavam durante um evento... A menos que houvesse um conflito claro e permanente com suas ordens recebidas, um conflito que estava enfrentando agora.

Se **B351GI** se desativasse na presença de três soldados que não estavam se dirigindo a seus destinos conforme ordenado, eles poderiam usar essa oportunidade para quebrar o seu perímetro, enquanto ele estivesse incapacitado.

Não demorou muito tempo para encontrar uma resposta. A estimativa de que se aproveitariam da oportunidade eram de 63% de que o fariam. O protocolo era claro.

Apesar de ameaça das ondas solares e de estar consciente dos possíveis danos aos seus circuitos. A obediência era fundamental, guardaria a porta. Além disso, **B351GI** não temia a erupção. O medo e outras emoções foram removidos quando ele foi modificado.

A contagem computadorizada continuou. Ele não saiu de sua posição ou desligou qualquer de suas funções corporais. Ele nem sequer pestanejou quando levou um soco e as provocações dos militares continuaram, se revezando em

empurrar e socar, tentando fazer seus corpos carnaais despreocupados com as erupções solares.

E então ele revidou.

Quando as emissões solares deixaram de passar através do navio, **B351GI** finalmente mostrou sinais de vida. Ele piscou. Uma piscada longa, cada átomo do seu ser, cada nervo, todos os seus circuitos, pulsavam cheios de orgulho. A energia extravasava dele.

Algo dentro dele se quebrou. Nada visível ou palpável. Não poderia definir com certeza qual a parte dele se quebrou durante um milésimo de segundo de eternidade, no entanto, quando a erupção solar, continuou seu caminho, viajando a milhares de quilômetros por segundo, **B351GI** não se sentia mais o mesmo.

Por um lado, sentia o ar em sua pele, uma brisa assobiando o ar reciclado e processado. Sentia sob seus pés os motores da nave rugirem, todos os sistemas ativados. Ele ouviu com clareza e, mais estranho ainda, compreendia o tom de zombaria dos três que o agrediram durante o evento. O evento que mudou tudo e a ele.

Estou danificado. Ou talvez...?³

Mas sua programação era precisa neste caso. Unidades suspeitas de mau funcionamento má programação ou sistemas com defeito devem relatar o dano e se dirigirem à instalação de reparos imediatamente para uma análise.

³ Pensamento não expressado em voz alta. Será identificado no texto, em negrito e itálico, sempre que ocorrer este tipo de situação.

Isso é o que devo fazer, mas não entendo por que devo.

Em vez de obedecer ao código programado, ele tomou uma decisão. Que novidade! Ele optou por seguir as ordens em andamento. Proteger a porta. Uma passageira.

Manteve a posição com as pernas separadas, mãos levemente cruzadas atrás das costas e os olhos adiante, mas ele viu o pé que subiu para fazer contato violento contra a parte carnuda de sua anatomia que, por algum motivo, fora mantida intacta, seu saco escrotal. A área não era protegida e o soldado não hesitou em atacar, e sucederam três fatos decisivos.

Primeiro, os dedos do pé de seu atacante cruzaram a linha invisível que passava entre suas pernas, (o resultado foi bastante doloroso), e cruzou os limites a que ele estivera vigiando. Segundo...

— Que dor maldita — **B351GI** disse com a voz rouca, já que pouquíssimas vezes usava a voz biológica, usava mais o receptor e transmissor wireless embutido em seu corpo.

Sua observação dita em voz alta resultara crua e distinta, mesmo em meio à crueldade dos humanos que zombavam dele. O silêncio pesado se instalou ao redor. Três pares de olhos se arregalaram.

— Essa coisa acabou de falar?

O soldado o fitava com a boca aberta.

— Não... Não pode ser. Eles não fazem nada, nem mesmo mijam se não tiverem ordens para isso — Freddy

afirmou insolente.

— Eu estou dizendo que ele falou — Insistiu o companheiro.

— E eu digo que não.

— Prove então. Acerte-o com o pé nas bolas dele novamente!

E lá estava o terceiro, este um erro fatal. **B351GI** não queria experimentar de novo o mesmo desconforto que ainda sentia em suas partes baixas, isso sem mencionar o erro de Freddy, que cruzaria a linha novamente.

B351GI pegou o pé antes de atingi-lo e o segurou com uma mão de ferro.

— Solte-me, seu Filho da Puta!... — Freddy gritou enquanto pulava tentando manter seu equilíbrio precário.

Pobre Freddy. Ele não estava autorizado a dar ordens a ele.

— Eu não penso assim.

Não demorou muito para torcer e quebrar o pé do agressor. Assim como não demandou mais energia ou esforço para silenciar seus gritos. Uma torção no pescoço, um estalo alto, e Freddy desabou no chão, morto. Esta unidade orgânica ineficiente tinha terminado de pagar a penalidade por ter desobedecido ordens. É claro que seus companheiros não viam dessa forma.

— Não... Não pode ser. O cyborg matou Freddy.

Sim, ele tinha feito. Então ponderou suas opções, mais

uma vez uma coisa nova para ele, sobre se devia ou não responder. Ele escolheu para dar uma explicação.

— Ele cruzou a linha.

Sua resposta simples não conseguiu apaziguá-los. Obscenidades começaram a escapar de suas bocas, suas expressões se tornaram selvagens. O par restante sacou suas armas laser, armas que não deviam ser usadas nas naves em trânsito, apenas na superfície de planetas, onde nenhum tiro acidental causaria uma ruptura no casco. Mais uma vez, outro exemplo de falta de inteligência e desobediência às regras mais básicas. **B351GI** os avisou do risco.

— O uso de armas lasers é proibido a bordo da nave, lei numero oitenta e três, subseção A do manual militar a bordo de naves em trânsito. Por favor, guardem suas armas — Disse educadamente, de acordo com sua programação.

Os soldados continuaram apontando suas armas, ameaçando atirar. Seu BCI analisava a situação. Ameaçar destruir seu corpo? Pouco importante. Sua primeira diretriz determinava que a vida humana fosse mais importante que um Cyborg.

Mas o que dizer de suas ordens? Se ele ficasse incapacitado, não poderia obedecer a ordem anterior classificada como muito importante.

Eu não permitirei que me destruam.

Não que sentisse a necessidade de sobreviver ou de proteger a si mesmo, a ordem anterior poderia salvá-lo. Estranhamente a ideia despertou seu senso de humor.

Estaria sentindo certa alegria com o fato, já que metade de sua boca se curvou para cima, e segundo seus bancos de dados, isso era definido como um sorriso de diversão.

— Que assim seja.

Ele não poderia dizer definitivamente que não gostara de desarmar os seres humanos, tornando-os incapazes de violar seu posto de vigilância. Os humanos eram incapazes de burlar sua força e agilidade. No entanto, intimamente riu, um riso frio e carente de alegria, talvez carregado de malícia, quando horas depois, o Tenente Wilson, o oficial que tinha dado a ordem para ficar de guarda, chegou ao corredor empalideceu quando seu olhar caiu sobre os corpos.

— O que diabos aconteceu aqui?

B351GI não piscou nem se moveu.

— Eu fiz uma pergunta direta a você, Cyborg. O que aconteceu aqui?

Pareceu que seu tenente esqueceu por um momento que as unidades cyborgs não falavam. Seu esquecimento não durou muito. Ele socou a parede.

— Malditas unidades cyborgs imprestáveis. A segurança vai ficar furiosa. Evidentemente, o dispositivo de comunicação entre as unidades cyborgs e o computador central foi danificada.

B351GI decidiu ajudar seu comandante, obviamente sobrecarregado.

— Eles tentaram invadir a área, senhor. Eu me

encarreguei de impedi-los.

Aparentemente, a resposta e as ações referentes a toda situação, não foram consideradas corretas. O Tenente declarou que a unidade estava com defeito, apesar de que o próprio **B351GI** ter considerado sua reação correta, o cyborg foi levado à área de armazenamento e o engenheiro de bordo o declarou inapto para o serviço.

B351GI foi julgado como perigoso para os seres humanos, e foi condenado ao extermínio. **B351GI** discordou da avaliação dada pelos humanos. Na verdade, ele não concordava com muitas das coisas que os seres humanos faziam. Então, ele parou de ouvir e obedecer às ordens que lhe eram dadas. Passou a não se importar com o que os humanos pensavam ou queriam. Ele os ignorou, mesmo enquanto imploravam pela própria vida.

Juntando-se a outros irmãos cyborgs mais avançados intelectualmente, **B351GI** se libertou e fez um voto enquanto estava em meio ao sangue e carnificina, deleitando-se com a conquista da liberdade.

***Nenhum ser humano poderá me controlar outra vez.
E aquele que tentar, vai morrer.***

Capítulo Um

Anos mais tarde, no Planeta natal Cyborg...

— O que quer dizer com Seth se foi? — Gritou Aramus enquanto levantava uma mão para silenciar a cacofonia de perguntas que vinha de todos os presentes na reunião pedida apressadamente pelo Conselho Cyborg.

Joe esperou que se estabelecesse o silêncio antes de responder.

— Eu acho que as minhas palavras foram bem claras. Seth desapareceu, em outras palavras, não está mais no planeta.

— Ele está morto?

A cabeça de Joe virou de um lado para outro, negando.

— Mas como e quando? Acabamos de chegar aqui — Aphelion soltou uma observação desnecessária, já que todos os presentes estavam cientes deste fato óbvio.

Joe deu de ombros de uma forma bem semelhante à humana.

— Eu não tenho certeza do momento exato, mas nos parece que não muito depois da chegada da nave SS Bite-me, capitaneada por Aramus que trouxe a nossa mais recente adição, Bonnie.

Com as sobrancelhas grossas arqueadas, Aramus fulminou com o olhar o membro feminino mais problemático com que já lidara em toda a vida.

— Eu sabia que ela era encrenca! Sugiro eliminá-la agora mesmo.

Sua solução lógica não ficou sem resposta. Einstein deu um pulo e se colocou em frente à Bonnie.

— Está dizendo absurdos! Bonnie não poderia ter participação no desaparecimento de Seth, ela esteve comigo o tempo todo.

— Talvez ela estivesse se comunicando com quem fez isso.

— Sem um transmissor interno? — Einstein zombou.

— Há mais de uma forma de enviar mensagens. Eu não sei como ela fez isso, mas tenho certeza que ela é culpada de alguma forma.

Ela era certamente a culpada de ter colocado cola nas botas de Aramus, que precisou de horas de imersão em uma solução química para remover os pés das botas, e tinha bolhas para lembrá-lo disso, a bordo da nave, ela o infernizou com brincadeiras bizarras. Ela e os outros riam das brincadeiras chamadas de piadas. Aramus tinha certeza de que ela planejava intrigas e confusão, talvez seus circuitos estivessem em um ciclo fechado, a versão Cyborg de insanidade.

Bonnie bufou.

— Um momento, Senhor Mal-humorado, mas você está redondamente enganado. Em vez de soltar conclusões infundadas e paranoicas, é melhor voltar a usar seu chapéu de alumínio, por que você não deixa o chefão aí falar, sabe, o cara que tem um cérebro na cabeça, não pedaços de alumínio?

— Um; todos sabem que você realmente precisa de um chapéu de alumínio para colocar a sua mente rabugenta para funcionar — Ele chegara a procurar o significado desta frase na primeira vez em que ela usou esse insulto em particular. — Dois... Não existe dois, porque você sabe que eu não tive nada a ver com isso, porque se tivesse, Joe certamente teria mandado me prender.

Maldição, ele odiava quando ela fazia sentido. Joe nunca a deixaria vagar livremente pelo planeta, se ele suspeitasse dela, fato que Joe reforçou zangado com uma mensagem sem fio...

Ela não é responsável. Então se sente, cale-se e pense. ⁴

— Você é um pé no meu saco metálico, isso sim — Aramus rosnou quando praticamente desabou em uma cadeira.

Apesar de sua explosão de raiva, a lógica ditava que Bonnie, a nova fêmea cyborg integrante da sociedade Cyborg, não tinha nada a ver com o desaparecimento de Seth. Ele ainda mantinha a opinião de que deveriam matá-la, ao menos

⁴ Frases e orações em negrito são mensagens de rádio wi-fi, utilizada entre os Cyborgs.

ainda achava que ela era uma traidora e ele a odiava por ter levado Einstein para o lado negro, o lado do... Ugh... Amor. Era quase como uma doença contagiosa, derrubando bons soldados cyborgs em seres melosos. Os fazendo sentir emoções humanas em vez de agirem com lógica. Isso o fazia ter vontade de vomitar o ácido digestivo do estômago.

O que significava toda essa coisa de amor se os transformava em sombras humanas de si mesmos? Aramus afirmava que a luxúria definiria melhor essa loucura, mas ninguém o ouviu.

Inferno, todos eles o ameaçavam agora de procurar uma mulher que o fizesse mudar de ideia. Ele preferia doar suas peças à reciclagem, primeiro.

Não era estranho que ele quisesse salvar seu amigo das garras de uma emoção tão castradora? Ao mesmo tempo sabia que muitos cyborgs recomendariam que ele fosse reprogramado por pensar desta forma, mas não poderia deixar de pensar assim. Ele odiava tudo que se referia aos humanos, especialmente as emoções.

Com o desaparecimento de Seth, ele viu uma oportunidade para libertar seu amigo Einstein das garras de Bonnie, um plano que falhou. Pelo menos havia tentado, mas era tarde demais. Seu amigo estava completamente corrompido pela fêmea.

Joe tomou o controle da situação com um punho batendo na mesa de reuniões. Ainda bem que a estrutura era muito forte, porque não era uma batida suave, e barulho alto

cortou o caos. O silêncio caiu imediatamente.

— Basta! Como estava dizendo antes de ser interrompido... — Joe olhou Aramus e sutilmente coçou o queixo com o dedo médio — Seth está desaparecido. E Bonnie não tem culpa disso. De acordo com a mensagem de texto que recebi do próprio Seth, devo acrescentar, ele partiu de bom grado. Só não disse com quem e para onde.

— Você está dizendo que Seth não estava sozinho? — Aramus perguntou a Joe.

— Não, ele não estava.

— Então, quem mais está faltando?

— Ninguém.

Mais uma vez uma enxurrada de perguntas foi disparada em direção ao líder. Joe levantou a mão e obteve o silêncio imediato.

— Eu sei que todos vocês tem perguntas. Eu também. Mas neste momento, não tenho as respostas. Apenas sei que Seth deixou nosso planeta e ele não estava sozinho.

— Ele deixou nosso planeta com um estranho?

— Mais uma vez, eu não sei. Ele não me passou os detalhes. Tudo o que posso confirmar é que quem sumiu com ele, não está registrado em nossos arquivos populacionais.

— Eu tenho uma pergunta diferente, que ninguém parece estar preocupado em externar. Como o fizeram? Como ele entrou em contato com essa pessoa misteriosa? Como isso aconteceu sem que soubéssemos da presença de estranhos

em nosso planeta? — Aphelion os interrompeu.

Os punhos de Joe se contraíram sobre a mesa sob o bombardeio das perguntas.

— Eu receio não ter resposta para qualquer uma dessas perguntas.

— Quer dizer que você não sabe? Como pode ser isso? — A questão despertou a curiosidade de Einstein, era evidente na maneira como seus olhos mecânicos brilharam, e se inclinou a frente. — Ao menos temos a certeza de que ele deixou a superfície do planeta?

— Sim.

— Se ele não está no planeta, obviamente deve ter usado algum tipo de nave.

— Isso é certo, mas nossos sistemas de rastreamento e comunicação não nos deu qualquer indicação da nave entrando ou saindo do planeta. E confiem em mim quando digo que monitoramos e revisamos todas as leituras dos últimos dias para o caso de termos perdido algo. Apesar da falta de lógica nisso, Seth está definitivamente desaparecido. Ele deixou o planeta, de alguma forma, como, ainda não sabemos.

Toda a situação não era plausível. Eles tinham o sistema de monitoramento mais avançado que a humanidade e a própria tecnologia Cyborg tinha a oferecer, graças às mudanças e melhorias, cortesia da inteligência e inovação Cyborg. Nada poderia superar esse sistema, ou pelo menos, nada deveria ser capaz.

A implicação fez até mesmo um filho da puta duro e frio, como Aramus congelar. Se alguém pudesse estar entre eles, chegar sorrateiramente e pegar um dos soldados cyborgs mais habilidosos, tão facilmente, o que mais poderiam fazer? Era quase insuportável pensar nisso. Uma explicação racional tinha que existir. De alguma forma, em algum lugar, alguém tinha esquecido um fato crucial.

— Você está tentando dizer que temos alguma espécie de Houdini no planeta? E que ele magicamente teletransportou Seth para outro lugar... — Aramus não pode conter a resposta cáustica enquanto seu BCI procurava uma maneira de conciliar os fatos com a situação... E falhava.

— A lógica diz que é impossível ele ter desaparecido sem vestígios, no entanto, não posso refutar as provas. Mas eu não iria tão longe a ponto de chamar o ocorrido de magia.

— Será que seu desaparecimento não pode estar relacionado com a tecnologia peculiar que o exército humano parece estar desenvolvendo neste momento? — Einstein pensou em voz alta.

— Você acha que inventaram algum dispositivo de teletransporte?

— Ou algo sofisticado que realmente esconda a aproximação e a presença de uma nave na órbita e superfície de planetas. Basta lembrar o sistema de camuflagem que encontramos, não conseguimos detectar ou sentir a presença das naves até as termos praticamente sobre nós, tal tecnologia existe.

— Falando nisso, você já fez algum progresso sobre este assunto? — Joe dirigiu sua pergunta a seu subordinado nerd cibernético.

Einstein balançou a cabeça.

— Nenhum progresso ainda. Desmontei peça por peça, analisei cada chip nos mais potentes microscópios e escaners, realizei todos os testes em que pude pensar. Não só é uma tecnologia desconhecida, como também o são os metais e polímeros que compõem o sistema. Eu ainda não tive a oportunidade de testar os elementos e leituras de energia empregada nesta tecnologia, mas se eu tivesse de dar um palpite...

— Desde quando costumamos dar palpites? — Respondeu Aramus.

Einstein continuou seu raciocínio como se não tivesse ouvido a interrupção grosseira.

— Por mais inconcebível que possa parecer, tal tecnologia pode ser de origem alienígena.

— Alienígena ou você quer dizer humana, nós nunca encontramos provas que confirmassem a existência de formas de vida além da nossa e humanas — Aphelion parecia não acreditar.

Einstein balançou a cabeça.

— Quero dizer alienígena mesmo, nem humana ou cyborg. Eu não sei como, mas creio que os humanos fizeram contato com vida extraterrestre, ou pelo menos com sua

tecnologia.

— Sem chance — Exclamou Aramus.

— Por que não? — Perguntou Kyle.

Conhecido como o interrogador, Kyle muitas vezes já havia declarado que talvez existisse vida em outros planetas, mesmo que os cyborgs ainda não tenham encontrado nada mais inteligente ou maior do que um cavalo. Mesmo estando em seu planeta atual e tendo encontrado formas de vida, de quatro a oito pernas, de mamíferos a várias espécies mais primitivas, nenhuma mostrou mais do que instintos primitivos. Definitivamente nada como a inteligência com que os seres humanos evoluíram.

— Eu vou dizer a você por que não é possível. Não há como os militares humanos manterem algo tão grande, controlado e secreto. Não se esqueça de que nós sabemos como as coisas funcionam nas bases, mesmo as mais secretas. Soldados falam. Eles falam com suas esposas, amantes e amigos. Rumores, especialmente sobre algo tão inusitado, vazam.

— E, no entanto, eles mantiveram a criação dos cyborgs e o que fizeram a nós, seres humanos, em segredo por muito tempo. Até que nossa rebelião não pode ser mais contida.

Muitas cabeças assentiram ao redor.

— Isso prova o meu ponto — Declarou Aramus.

— Não realmente. O segredo foi a público, e uma vez descoberto, os militares manipularam a mídia para nos fazer

parecer monstros, depois passaram a espalhar informações falsas em que humanos morreram como parte de uma conspiração cyborgs para derrotar humanidade.

— E se essa tecnologia alien não estiver nas mãos dos militares?

Chloe mantivera silêncio até agora, falou baixinho, mas todos a ouviram.

— E se os responsáveis forem os financiadores do projeto Cyborg? A Companhia fez o impossível para esconder o fato de que tinham criado as unidades cyborgs do sexo feminino. Se tiverem essa tecnologia alienígena, quanto quer apostar que vão fazer o diabo para manter isso em segredo, até mesmo dos militares?

— É possível.

Mesmo Aramus não podia negar que ela dizia a verdade. A Corporação se mantivera desconhecida e secreta, financiara e implantara a criação e depois o extermínio dos Cyborgs, certamente tinha o poder exclusivo para explorar e ocultar os aliens e sua tecnologia. Suas descobertas teriam acabado nas mãos dos militares simplesmente pela questão de quem pagaria mais.

Bonnie bateu as mãos.

— Sensacional. Finalmente, vamos conhecer alguns marcianos verdes!

— Não temos como saber se essa inteligência alienígena tem ou não uma camada externa verde — Einstein, como de

costume, estava preso aos fatos, e Bonnie lhe mostrou a língua. Einstein lançou a ela um sorriso terno, o que fez Aramus sentir náuseas. — Mesmo que ainda não tenhamos ideia de sua constituição física, e tendo em conta o que descobrimos até agora sobre essa nova tecnologia empregada pelos humanos, sem dúvida alguma afirmo que não é da Terra.

Desta vez, a cacofonia de vozes não pode ser restringida já que todos os Cyborgs presentes expressaram as opiniões, alguns em voz alta, outros entre si através de seus comunicadores internos. Por meio de contato mental Aramus questionou Joe.

— O que pensa da suposição de Einstein?

— A suposição dele tem fundamento, isso daria sentido ao que encontramos ultimamente e assim também a algumas mensagens que andamos interceptando — Declarou Joe.

— Que mensagens? Como não fiquei sabendo delas antes? Estivemos percorrendo a galáxia durante anos, e nunca encontramos nada que indicasse a presença de seres com capacidade e tecnologia para explorar o espaço. Não encontramos nada nas áreas que já exploramos — Aramus ainda duvidava.

— O Universo é muito grande, não visitamos nem uma fração de planetas e sistemas que possam suportar vidas como as entendemos. Quem pode dizer realmente o que há mais além? Talvez tenha sido por algum golpe de

sorte, uma nave alienígena cair nas mãos dos humanos. De acordo com a tecnologia encontrada, talvez não tenha sido muito difícil adotar ou adaptá-la as finalidades dos humanos — Joe foi categórico.

— Eu não gosto.

— Eu tampouco, mas ao menos isso nos dá algo com o que trabalhar.

— Não há como saber, só temos pedaços desse lixo alienígena, e nada que comprove uma inteligência superior. Ou matar — Aramus racionalizou.

Dado seu nível de frustração atual, estava mais que disposto a fazer uso de práticas de tiro, mais precisamente, alvejar um uniforme militar.

— É aí que está enganado, meu amigo. De fato, contamos com uma vantagem. Mas no momento não acho sensato transmitir isto à população cyborg em geral, mas a mensagem de Seth continha um pouco mais do que informei aos demais. Ele também deixou as coordenadas.

— De onde? — Aramus o questionou

— Isso ele não especificou, apenas insinuou que encontraríamos as respostas se fôssemos lá. Também disse que devemos fazê-lo com prontidão, e esperar que haja resistência.

Aramus não hesitou.

— Quando partimos?

— Sabia que me diria isso!

Joe sabia que Aramus nunca recusaria uma oportunidade de brigar ou matar seres humanos. Vivia para ouvi-los gritar, para fazê-los pagar, gostava de ver o medo em seus olhos quando enfrentavam a sua mortalidade, enquanto pagavam por seus crimes contra ele e seus irmãos.

— Agora?

— Vá mais devagar meu amigo.

— Pensei que a mensagem exigia rapidez.

— Sim, mas não quero mandá-lo para longe sem ter um plano e com uma pequena tripulação. Ou já se esqueceu do que houve na última missão?

Ah, sim, a traição de um dos tripulantes. Cyborgs morreram devido a suas ações, mas sua deserção fora um aviso de que nem todos os Cyborgs viviam por sua revolução e que não eram imunes à chantagem.

— Então, escolherei criteriosamente minha tripulação. Confio em Aphelion e Einstein.

— Einstein não poderá acompanhá-lo. Preciso dele em seu laboratório para decifrar o mistério dos artefatos.

Joe e ele fizeram uma lista, antes de se decidirem por uma pequena equipe de oito mais Aramus. Oito Cyborgs que não possuíam nenhum vínculo no Planeta Cyborg ou com a Terra. Oito soldados que se destacavam em batalha. Oito dos melhores e Aramus para guiá-los. Não houve alarde para sua

partida. Nenhum anúncio ou aviso. Eles simplesmente se uniram para uma missão ao desconhecido, para o perigo ainda por determinar.

Havia dias em que era genial ser um Cyborg assassino tendo acesso livre para causar caos e estragos. Aramus quase nu, seus choppers⁵ e um sorriso eufórico.

Esta é uma missão que certamente vou adorar.

⁵ Choppers pequenos machados de combate ou rifles de assalto tipo AK-47. A autora quis salientar que o personagem está fortemente armado.

Capítulo Dois

— O que está esperando? Corte e abra.

A voz gritou em seu ouvido, e Riley encolheu-se, o idiota a fez deslizar o laser ziguezagueando através da carne que ela dissecava.

Oops.

Ela se preparou para a bofetada, que surpreendentemente não veio. Em vez disso, recebeu uma versão verbal.

— Puta estúpida. Não pode fazer nada direito?

Interiormente, ela fervia.

Imbecil pomposo! — Pensou... Externamente se manteve calma.

— Eu... Sinto muito. Assustou-me. Mas não se preocupe, eu não danifiquei nada que fosse importante.

Como se essa coisa morta sobre a mesa me importasse.

Por que a Companhia e os militares mantinham a busca dos corpos mutantes e por que continuavam a mandar seus corpos, eram perguntas que aprendera a não fazer. A primeira surra a ensinara bem a lição. As seguintes a fizeram entender que só continuaria a viver e respirar apenas

enquanto encontrassem uma utilidade nela.

Tentar se defender não era uma escolha, não sem armas ou um pequeno exército, e ela não seria estúpida para causar problemas. Vira o que acontecia aos que protestaram e se rebelaram. Sumiram, em geral partiam esperneando e gritando, arrastados por soldados mercenários... E nunca mais voltaram.

À medida que desprendia a pele e os músculos da área peitoral do espécime, começou seu discurso monótono sobre suas conclusões, sabendo que tudo estava sendo gravado para ser ouvido e discutido entre os cientistas que estavam em volta da cúpula de vidro da sala de cirurgia hermética e esterilizada. Ao que parecia, tinham transformado estas pobres almas em monstros, algo a ser temido ou escondido.

Que Deus não permitisse aos homens introduzirem acidentalmente um vírus mutante na Terra. Melhor fazer a investigação fora do planeta com uma equipe pequena... Uma equipe que fosse dispensável, o que a incluía, quisesse ou não. Mas tinha a impressão, de que não se tratava de algo contagioso, já que ninguém na sala usava trajes especiais e a única descontaminação a que fora submetida, foi quando a transferiram da nave de transporte às instalações da empresa. Ainda tremia ao lembrar-se da frieza dos jatos de água. Parecia que com ela, seria dispensável o gasto de água quente.

***Sem falar que me tiraram a liberdade e os direitos.
Mas a quem posso me queixar?***

— Semelhante aos outros espécimes, esse também tem sua anatomia similar a do homo sapiens com ligeiras variações. Conto quatorze pares de costelas, ossos mais densos e longos que os de um ser humano. Os extremos se fundem em conjuntos formam uma caixa peitoral. A distribuição da estrutura esquelética é reta e também similar a do homo sapiens, já que o espécime mostra dois membros superiores (braços) e dois inferiores (pernas), essa estrutura implica uma natureza bípede. Entretanto, a estrutura é composta por um material desconhecido, de uma cor cinza escura com uma textura menos porosa que a do osso humano. São necessárias análises mais detalhadas para classificar a substância. Cabe ressaltar que essa estrutura óssea é extremamente forte, resistindo a impactos e mesmo danificando as ferramentas elétricas a minha disposição para parti-la ao meio e analisar seu interior.

A resistência desta estrutura esquelética com frequência a fazia pensar em Wolverine com seus ossos de adamantium.

Exceto que estes pequenos não são tão quentes.

Enquanto relembrava suas descobertas, com numerosos aspectos idênticos aos demais cadáveres que tinha dissecado antes, deixou sua mente vagar. Depois do que presenciara, a novidade de descobrir o que escondia debaixo da epiderme do que, parecia à primeira vista, um alienígena, desaparecera depois dos primeiros corpos. E pensar que ficara tão emocionada quando a tinham dado a primeira missão, até mesmo enquanto ela acreditava ser um membro de valor na equipe.

— Fala a sério, um ser humano mutante? Como assim? Estamos falando de um ser do tipo X-Men?

Ela fitara seu superior no Centro Militar de Investigações Médicas em que trabalhava descrente, pensou que alguns de seus colegas de trabalho estavam de brincadeira.

— Sim — Afirmara seu superior. — Mas essa informação é altamente sigilosa. Nada do que relatarei aqui deve sair deste escritório. Entendido?

Ela assentiu com a cabeça. Então se lembrou da cláusula em seu contrato que tratava sobre a confidencialidade.

— Entendido.

— Excelente. Nós encontramos um cadáver semelhante a um humano, veja bem, semelhante, mas não é humano. Queremos que você examine os restos.

Examinar... Ou procurar pontos fracos e fortes. Não se passou muito tempo para que ela entendesse que os corpos sobre a mesa de autópsia não morrerão por causas naturais ou por acidente. Os buracos à bala nas órbitas oculares (porque os crânios eram muito duros para serem perfurados) tornaram isso bem evidente.

E durante certo tempo, muitos meses atrás, enquanto ainda acreditava que trabalhava para o bem maior, ela tentou questionar, exigir respostas. Foi então que descobriu que em alguns lugares as leis não tem nenhum significado. Que ela não significava nada, e as pessoas que se escondiam debaixo

de uma camada de cortesia, apenas camuflava sua natureza cruel. Ainda se surpreendia a forma como pessoas aparentemente boas poderiam partir para a violência sem temor de repercussão. Gente tão podre que não hesitava em ameaçá-la com coisas terríveis, torturando a fim de garantir sua obediência absoluta.

Impossível procurar ajuda ou delatar os responsáveis diante das autoridades. Assim que começou a resistir a ordens e ações revoltantes, eles a encarceraram. Sem julgamento. Sem chamadas telefônicas. Seus direitos civis foram ignorados. Fora arrancada de sua família e a cortaram de todo contato com o mundo exterior. Depois a levaram para fora do planeta.

Era uma antropóloga forense respeitada na sociedade humana, suprimiram todos os seus direitos, fora sequestrada e enterrada dentro de uma montanha em um planeta que pensou ser inabitável. Teria de esquecer seu futuro brilhante e a vida que conhecera. Agora, era uma prisioneira, sem esperança de fuga ou resgate. Ninguém sabia onde estava, e se viessem, a saber, quem a salvaria? Sua família não conseguiria montar exatamente uma missão de resgate no limite da galáxia. Tampouco se atreveria a pô-los em perigo. Os militares e a Companhia, uma organização secreta e sem nome, tinham o poder de controlar e até matar seus entes queridos.

Mas não vão controlar minha mente!

Embora parecesse cooperar, intimamente, ela ignorou a

sua impotência. É claro, em sua fantasia, ela era uma heroína 'chuta bundas', brandindo uma maldita pistola enorme, gritando 'Liberdade', enquanto explodia os bastardos miseráveis. Na verdade, provavelmente seria a primeira a se jogar debaixo da mesa mais próxima.

Deus, como odeio a minha covardia.

Mas tinha sorte, diferente das outras prisioneiras, ela não precisou enfrentar o estupro. Pelo menos tinha algum valor. Eles queriam sua mente intacta para fazer seu trabalho e não ficar por aí choramingando ou tentando se matar. Como se bater ou xingar fosse um tratamento melhor, mas isso ainda podia suportar em troca de manusear o bisturi, um castigo aceitável... Não importando se fosse merecido ou não.

Se ela não fosse tão covarde já teria tirado a própria vida, teria usado o bisturi em si mesma ou quebrando as ferramentas e aparelhos usados naquela sala. Mas, ela queria viver, embora sua vida não valesse muito. Apesar de tudo o que sofrera, não poderia extinguir a revolta em seu interior que se negava a sair, ou a esperança, embora se recusasse a rezar, pois vira tanto mal que achava difícil acreditar mais em Deus. Que Deus, permitisse aos homens perpetuar tal vilania e crueldade? Nenhum Deus deveria permitir que isso continuasse...

Um repentino estrondo e as sirenes ensurdecedoras surpreenderem a todos. Desde sua chegada ali, essa era a primeira vez desde que as tinha ouvido, e não pôde deixar de

perguntar.

— O que é isso?

Pela primeira vez, uma pergunta sua não recebeu como resposta um tapa violento.

— Estamos sendo atacados — Seu carcereiro parecia não acreditar nas próprias palavras, e com razão.

Mas como? Desde sua chegada há vários meses atrás, suspeitava que a instalação estivesse camuflada no planeta que consideravam inabitado por seres humanos. Escondida dentro de uma montanha rochosa, com o tráfico mais básico permitido, dentro e fora das instalações, pretextando tomar leituras de superfície, ninguém devia saber da existência dessas instalações. A Companhia e os militares se asseguraram disto.

Entretanto, alguém os descobrira.

— Quem quer que seja, espero que o bastardo morra logo.

O filho de puta em questão, chamado Arthur Dennison, se deleitava em atormentá-la, empurrou-a para fora de seu caminho em vez de rodeá-la. O empurrão a jogou contra a superfície implacável da mesa de autópsias, acertando seu quadril. Ela se atreveu a lançar um olhar furioso a suas costas enquanto o miserável batia em retirada.

— E vou me assegurar de que esses miseráveis morram dolorosamente.

O sujeitinho não passava de um energúmeno, não tinha

sequer o título de médico ou patente militar, mas por alguma razão, ele era seu supervisor, e um desgraçado sádico. Tornara sua vida um inferno.

Arrastada de volta a sua cela pelos mercenários entusiasmados, que discutiam em um idioma que lhe era desconhecido, ela nem tentou lutar ou fugir. Se a instalação estava sendo atacada, preferia se esconder. Em uma batalha, ela só seria um estorvo. Era melhor esperar quieta e com a esperança de que ao invadirem os laboratórios, também viessem para salvar, não só para destruir.

Porque qualquer coisa seria melhor que este inferno.

Capítulo Três

Se eu acreditasse em inferno, provavelmente seria igual a este planeta.

Ou bem semelhante!

Aramus pensou enquanto tinha sua primeira visão da superfície escaldante de seu destino. Novamente checkou as coordenadas. Estavam no lugar certo.

Em que Diabos Seth estava pensando ao nos mandar para esse lugar miserável?

Não seria a primeira vez que o maldito Cyborg os pegara em uma brincadeira.

Este asteroide não está escondendo nenhum segredo.

A menos que fosse como sobreviver em um planeta composto principalmente de rocha vulcânica, lava e fumaça. Nada orgânico poderia existir nessa superfície. Mesmo os Cyborgs, tão versáteis como eram, achariam o calor excessivo para que seus circuitos pudessem funcionar em capacidade máxima. Mas, no interior rochoso... Isso se mostrou bem diferente.

— Senhor, estou detectando ondas de rádio de baixo alcance emitidas da grande montanha, exatamente nas coordenadas.

— Pode identificá-las, Kentry? — Aramus indagou ao seu oficial de comunicações.

As opções eram limitadas, militares, civis ou piratas. Nenhum deles mantinha relações amigáveis com os Cyborgs, mas se fossem civis, em geral, poderiam ter uma vantagem, afinal ter a reputação de assassinos vinha bem a calhar algumas vezes.

— Impreciso, Senhor.

— Explique.

— Estou captando mensagens em Russo, Espanhol, Inglês, e também alguns jargões militares. As propriedades magnéticas que compõe o asteroide torna difícil conseguir um registro mais preciso.

— Passe-me as estatísticas do asteroide novamente.

Na tela surgiu um resumo do que já sabia, informações que seu BCI já tinha armazenado. Entretanto, Aramus, às vezes, encontrava mais facilidade em detectar elementos interessantes quando tinha uma representação visual.

Descoberto há cerca de dez anos, o asteroide, batizado PAHOEHOE, girava numa órbita binária em torno de duas estrelas, perto o suficiente para tornar a superfície uma massa em derretimento contínuo, um desastre fulminante. Escasso em minérios de uso essencial, nenhum sinal de vida ou água, o planeta fora considerado não apto à colonização e inútil para a mineração. Em outras palavras, uma aberração no Universo.

Então voltou a um detalhe específico, na verdade um nome em especial.

— O General Boulder foi quem descobriu esse asteroide. E foi ele quem o designou como inabitável.

Isso sim era interessante. Aquele humano estava metido até o rabo no programa Cyborg, o General Boulder era um jogador de primeira, se ele esteve naquele lugar era como marcá-lo com uma bandeira vermelha.

— De acordo com nossas informações, sim Senhor.

— Bem... Mas se esse asteroide é tão inútil, por que, de acordo com os registros espaciais que roubamos há pouco tempo de um cargueiro militar, houve aqui visitas periódicas, supostamente para obter leituras. Leituras do que? Do quanto pode ficar mais quente?

— Não tenho ideia, Senhor. Mas parece suspeito. Aconselho a fazermos uma varredura mais de perto?

— Não. Já estamos perto o suficientemente. Creio que eles não tenham conseguido rastrear nossa presença ainda, ou qualquer esperança de surpreendê-los já estaria fora de cogitação. Mantenha-nos fora da vista, Aphelion.

— Com certeza, Capitão.

Absurdo. Aphelion era um dos mais sérios Cyborgs que já conhecera, com a presença de Bonnie a bordo na missão passada, Aphelion mudara radicalmente seu jeito de se expressar e agir. Malditos fossem os humanos e seus hábitos, que pareciam se espalhar como um vírus fatal, corrompendo

unidades perfeitamente equilibradas e tornando-as um caos total de emoções. Ainda bem que ele mantinha um controle férreo sobre suas ações. Não sucumbiria às emoções inúteis. Antes de sucumbir daria a si mesmo uma lobotomia.

Ocultando a nave em uma das luas mais distantes do asteroide, Aramus e a tripulação se reuniram para decidir o próximo movimento.

— Eu digo que devemos invadir com as armas em punho — Xylo, assim como Aramus, preferia um confronto direto.

— Mas não sabemos a que enfrentaremos. Podemos acabar caindo em uma armadilha — Aphelion, como de costume, foi a voz da razão.

— Se acaso forem alienígenas, devemos fazer contato em primeiro lugar — Interveio Kentry, que como Kyle, acreditava estarem lidando com alienígenas.

— Não creio que sejam extraterrestres — Declarou Aramus. — Ou se esqueceram das naves militares humanas entrando e saindo desta área, sem falar dos padrões de comunicação que detectamos até agora?

— Falando de entrar e sair, por onde vamos entrar?

Kyle acabara de expor uma questão importante. Tendo em conta que não sabiam o que esperar, eles não poderiam simplesmente abrir um buraco na montanha para fazer uma visita surpresa aos ocupantes. Não, se tinham a intenção de resgatar ou investigar algo lá dentro, tinham que ter um plano.

— Não detectei sequer uma área que seja grande o bastante para aterrissar uma espaçonave de pequeno porte. Embora os humanos possam ter lançado suprimentos e maquinário para construir ou manter uma base militar, mas me parece improvável já que há ventos fortes que poderiam levar a carga diretamente para uma cratera em atividade, a recuperação seria impossível. Tem que haver uma entrada escondida ou camuflada. Temos de encontrar e derrubar as comportas externas do hangar para entrarmos — Respondeu Kentry, enquanto estudava minuciosamente um mapa aéreo.

Aramus grunhiu.

— Camuflada ou não, não nos serve. Não podemos simplesmente bater na comporta principal, chamar e pedir um convite. Já que se esconderam tão bem e o quanto é difícil o acesso à base certamente vão atirar primeiro sem se importarem em questionar — Ele mesmo agiria assim. — Entretanto, se esta instalação foi construída de modo tradicional, então terão pelo menos dois pontos de acesso. Um grande o bastante para receber naves ou cargueiros e uma entrada menor, no lado oposto e não tão perto, para poderem escapar caso haja uma emergência.

Os humanos aprenderam muito rápido, uma instalação militar entranhada dentro de uma montanha ou planeta, poderia ser um desastre fatal. Especialmente se houvesse Cyborgs controlando essa saída.

Aramus quase sorriu com carinho ao se lembrar da invasão a uma base militar na quinta lua em órbita de

Saturno. Que divertido fora!

— Bem, ao escanear a montanha, notei uma concentração de metais em determinada área, devem ser as comportas — Anunciou Kyle, olhando seu Capitão fixamente por um momento enquanto deixava seu BCI analisar as possibilidades.

— Muito bem, agora que decidimos como entrar, o que estamos procurando? — Perguntou Xylo. — Não recebemos muitas informações sobre o assunto.

— O Comando também não sabe muito. Mas todos nós sabemos que Seth desapareceu — As cabeças assentiram ao seu redor. — Bem, antes de sumir, Seth enviou a Joe uma mensagem dizendo que devíamos vir aqui. E que encontraríamos respostas muito interessantes neste lugar.

— Respostas para o que?

Aramus encolheu os ombros.

— Não posso dizer porque não sei. Vocês apenas precisam saber que podemos esperar muita resistência da parte dos humanos, mas também creio que não poderemos eliminar todos os que estiverem em nosso caminho, certamente teremos de extrair a força as respostas que queremos.

Na opinião de Aramus, as ordens seriam uma perda de tempo e oxigênio. Os humanos sempre foram mentirosos e hipócritas, o único humano bom era o que estava morto. Com certeza mentiriam para justificar suas ações.

— Então devemos regular nossas armas para aturdir e incapacitar?

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas, se suas vidas estiverem em perigo, não hesitem em usar a força letal. Uma vida Cyborg vale mais do que a de qualquer ser humano.

— Senhor, encontrei as entradas — Kyle os interrompeu. — Dê uma olhada.

Fazendo uso da tecnologia holográfica instalada na mesa da sala de reuniões, Kyle ampliou uma imagem tridimensional da montanha. Fez a imagem girar lentamente sobre seu eixo, uma imagem perfeita mostrava cada canto, cada fenda, e cada anormalidade em sua superfície. O sombreado de cor diferente mostrava a densidade da rocha enquanto a tonalidade e quantidade de minerais se destacavam na figura tridimensional. Não era difícil delinear as portas do hangar de serviço. Sua grande dimensão arroxeadada se destacava em contraste com o resto da imagem, mas foram os dois portais menores a leste e ao sul da montanha que realmente captaram sua atenção.

— Como se podem ver... — Kyle apontava para a figura desnecessariamente —, há duas portas, aqui e ali. De acordo com as análises feitas, o que indicou várias pegadas e queima de lixo, a do leste parece ser por onde eliminam seu lixo.

— E quanto à entrada do sul?

— Parece que atualmente não está sendo usada, de acordo com nossas leituras recentes, um canal de lava abriu

caminho muito próximo à entrada tornando-a perigosa para transitar.

Mesmo os trajes ambientais podendo suportar altas temperaturas, a lava os destruiria certamente. Seria fatal até mesmo para os Cyborgs, que podiam sobreviver em condições extremas.

— Então será a entrada sul. Mas vamos precisar de alguma distração para manter a atenção longe da área por onde entraremos, já que não podemos aterrissar muito perto e teremos que fazer o caminho a pé ou em pequenas naves até alcançarmos nosso objetivo.

— Acho que posso arranjar uma distração — Aphelion realmente sorriu e até estalou os dedos com um gesto tão semelhante ao dos humanos que fez Aramus franzir o cenho. — Vou manobrar a nave tão perto deles que vão borrar as calças, isso certamente chamará a atenção.

— Enquanto os seres humanos estão atentos à entrada principal, vamos atacá-los pelas costas.

Um plano sólido, perfeito. Um que saiu como o previsto, sem nenhum entrave ou dúvida.

Que coisa enfadonha.

Pensou Aramus enquanto saiam de trás de um vulcão a cerca de cinco quilômetros de seu objetivo final, vestidos com trajes criados para suportar o calor extremo, suportando até mesmo algumas bolas em chamas que escapavam das erupções, Aramus e sua equipe de infiltração, composta por ele mesmo e cinco tripulantes, esperou o sinal.

— Fomos detectados? — Enviou a mensagem questionando Aphelion.

— Não, mas com minha aproximação, seus canais de comunicação ficaram em silêncio. Vou abrir a comunicação por rádio e pedir para entrar.

Excelente.

— ***Rápido!***

Aramus enviou a mensagem através da sua interfase neuronal, sua comunicação Cyborg não afetada pelas grandes propriedades magnéticas do planeta. Dada à baixa gravidade, tinham optado por não usar um veículo de solo e em vez disso, confiaram em seu treinamento espacial e nas habilidades inatas para levá-los rapidamente através da superfície hostil. Correndo e saltando de rochas a penhascos, com a baixa gravidade os ajudando a se impulsionar as alturas. Saltavam sobre riachos de rochas fundidas às escarpas porosas, só para saltar novamente, percorrendo o caminho rapidamente por terra.

Um Cyborg mais emotivo poderia facilmente admirar a paisagem áspera, suas tonalidades avermelhadas onde o calor preponderava em contraste com a escuridão, onde o calor se perdera parcialmente, criando formações retorcidas, as explosões fulgurantes espalhando a chuva de lava pelo ar. Apesar de seu desprezo por todas as coisas que lembravam os seres humanos, Aramus não pode evitar uma vez mais de comparar o atual cenário com as referências bíblicas do Inferno que a maioria das religiões humanas acreditava.

A única coisa que falta aqui é alguns militares miseráveis grunhindo amarrados às rochas sendo torturados por demônios.

E ele teria muito gosto em fazer o papel de demônio se pudesse encontrar um ou dois humanos para castigar.

Esperando que Aphelion tivesse conseguido chamar a atenção dos humanos, Aramus e os outros chegaram à entrada sul. Sem hesitar, Kentry foi trabalhar na porta, puxando o painel de controle e cortando alguns cabos. Em primeiro lugar, desarmou os alarmes que estavam na abertura da entrada e logo começou a modificar os circuitos, criando um comando manual que os permitisse manter a porta aberta. No interior todos se amontoaram, abarrotando a câmara de pressão, mas não queriam perder tempo quando abrissem a porta interna da instalação. Kentry apertou o botão interno, e a saída para a superfície se fechou. O ar invadiu quando a pressão da sala se estabilizou.

— Ao meu comando — Murmurou Aramus, mantendo um olho no relógio. — Três, dois, um.

Com a pressão restabelecida, a porta se abriu, e se lançaram a câmara de serviço bem maior, já se prepararam com as armas apontando... Nada. Ao que parecia sua chegada ainda não fora descoberta. Embora um alarme soasse a distância, nenhuma força inimiga os esperava para dar as boas-vindas.

Que vergonha. Nada como começar uma missão com um bom número de ossos quebrados e disparos para ter o sangue

bombeando adrenalina pelo corpo. O portão da câmara soou quando se fechou.

— Espalhem-se. Silenciem todas as comunicações a menos que seja uma emergência. Se lembrem do que eu disse sobre as baixas. Se conseguirem fazer prisioneiros os que encontrem pelo caminho, excelente, se não... — Ele encolheu os ombros. — Não deixe que soe o alarme para advertirem os outros, entendido.

— E acima de tudo, se divirtam! — Xylo não pôde evitar acrescentar, seu visor ocultando a alegria que todos puderam ouvir no tom de sua voz.

Um riso mortal coletivo ecoou no espaço poeirento, mas logo o cortaram assim que chegaram aos corredores, um à esquerda e outro à direita. O que encontrariam nos caminhos que percorreriam era uma incógnita.

Aramus encabeçava a equipe, líder de seu grupo, segurava ligeiramente um laser na mão e uma adaga na outra. Descobrira que em um combate corpo a corpo uma arma branca era mais eficiente para fazer um trabalho que precisasse de um pouco de discrição. É verdade que não dava a mesma satisfação que usar os punhos. Nem todos os de sua espécie compartilhavam sua preferência. Algumas unidades Cyborgs amainaram sua necessidade de ver sangue desde a libertação e evitavam armas com bordas afiadas, alegando que faziam um serviço sujo. Aramus não entendia qual era o problema. Um pouco de água eliminaria facilmente o sangue na lâmina.

O corredor que percorriam tinha a altura variada de três a menos de dois metros, às vezes, ele e sua equipe tinham que se curvar. As paredes eram de rocha porosa com luzes incrustadas a intervalos, o chão coberto por uma espécie de piso emborrachado o que tornava a irregularidade do chão rochoso menos notável. Ao que parecia, o túnel fora criado de forma natural, talvez uma antiga fissura na crosta de lava, agora fria, em pouco tempo deixaram para trás o labirinto de corredores e câmaras, em uma das quais surpreenderam o pessoal da limpeza no refeitório. Com a arma já regulada para estontear, Aramus simplesmente apontou e disparou, deixando o humano gordinho cair antes que este pudesse abrir a boca para gritar.

Kentry imobilizou o humano mais jovem, que, com as mãos cheias de pratos, caiu ao chão com estrépito. Aramus se voltou para fitar seu subordinado com uma careta. Kentry levantou as mãos em um gesto de 'Oops' destinado a aplacar a fúria de seu superior. Aramus grunhiu. Usando as algemas descartáveis⁶ que havia trazido, prendeu as mãos e os tornozelos das duas primeiras vítimas... Cem por cento, humanos, que não reagiram como o esperado, para grande decepção de Kentry... E quando Xylo e Kentry checaram a área da cozinha, atrás do refeitório. Saíram de lá com mais dois corpos humanos pendurados no ombro, era evidente a raiva na expressão dos dois Cyborgs.

— O que houve? — Aramus sussurrou. — Esses dois

⁶ Provavelmente algemas de plástico

deram trabalho ou ativaram algum alarme?

— São fêmeas humanas, e aqueles desgraçados ali, as acorrentaram como se fossem animais — Grunhiu Xylo. — Estavam tão apavoradas, e nem sequer podiam gritar. Eles as deixaram mudas.

Efetivamente, quando Kentry e Xylo colocaram com cuidado suas cargas no chão, os rostos das fêmeas, mesmo inconscientes, tinham linhas de medo e ansiedade. E não era de se surpreender. Aramus pôde ver as cicatrizes nas gargantas, duas pequenas incisões que incapacitaram as cordas vocais. Também notou os ferimentos nas pernas, braços e rostos. Vítimas de sua própria espécie. E pensar que os humanos chamam os Cyborgs de bestas animais.

— Eu as estonteei, não estava certo do que devia fazer — Kentry explicou quase se desculpando. — Não creio que teriam dado o alarme, mas, como temos de manter a fama, de Cyborgs grandes e cruéis.

Sim, grandes e cruéis realmente. Apesar de continuarem matando os militares, a Companhia, e a quem os atacava sem motivo, sempre poupavam os civis, principalmente as fêmeas humanas e crianças, mas os humanos preferiam acreditar nos relatos falsos da imprensa, acreditavam que os Cyborgs eram assassinos sanguinários. Aramus apreciara especialmente um documentário afirmando que os Cyborgs sequestravam as pessoas e que as usavam como peças de reposição. Como se os Cyborgs quisessem contaminar seus corpos melhorados com as imundas partes humanas.

— Nós não vamos amarrá-las junto com esses monstros? — Perguntou Kentry.

Parecia cruel mesmo para ele dar as fêmeas desnutridas e tão maltratadas o mesmo tratamento que a seus agressores, entretanto, ele sabia por experiência própria que as vítimas poderiam causar problemas se não fossem tratadas corretamente.

— Até que nós tenhamos o controle total da situação, não podemos permitir liberdade de ação a ninguém.

Kentry pareceu descontente, mas era um soldado obediente, ajoelhou-se e cumpriu suas ordens antes que seguissem adiante.

Seu próximo encontro ocorreu em um dormitório, uma sala grande com cerca de uma dúzia de beliches, apenas alguns estavam ocupados. Pegar os mercenários de surpresa; já que estavam ocupados em responder ao aviso ordenando a todos que se apresentassem em seus postos de trabalho, se mostrou fácil.

Mas a situação da fêmea que descobriram ali... Ela caiu de joelhos diante deles com lágrimas escorrendo no rosto sujo e coberto de hematomas, aquilo foi muito mais difícil. Humana ou não, Aramus não podia deixar de sentir piedade por ela. O estado físico dela o deixou zangado.

No grupo seguinte encontraram os inimigos de fato, guardas armados de lasers, os Cyborgs não deram a estes humanos a misericórdia dada aos que já tinham encontrado. Aramus justificou suas mortes com o fato de terem apontado

suas armas para eles. Sem mencionar que isso deu a ele a satisfação de pôr fim a alguns dos envolvidos na tortura das mulheres, embora isso não fosse um fator importante na equação.

— Agora vamos dar uma olhada no que estes humanos guardavam? — Perguntou em voz alta antes de arrebentar a fechadura da porta.

O que encontrou quase o colocou de joelhos e explodiu seu temperamento que já cozia em fogo lento.

Capítulo Quatro

— Não posso acreditar, é Avion — Kentry sussurrou espantado.

— Pensei que estivesse morto no ataque ao asteroide há meses atrás — Mesmo Xylo que habitualmente era espalhafatoso manteve a voz baixa.

Aramus concordou com seus camaradas enquanto observava condoído o Cyborg acorrentado à parede de rocha, um Cyborg que conhecia muito bem. Um Cyborg que todos tinham acreditado morto. Um amigo que fora torturado e usado em experimentos até chegar ao ponto de parecer a sombra do que fora um dia. Dizer alquebrado, nem sequer se aproximava da descrição desta unidade antes viril. Os músculos do Avion apareciam atrofiados, sua pele ressecada, os cabelos emaranhados e sujos. Aramus não podia deixar de sentir dor por sua aparência esquelética.

O que aconteceu a ele?

Os Cyborgs podiam suportar uma grande quantidade de castigos. Sua capacidade de desligar os receptores de dor contribuía para isso. Também poderiam extrair alimento praticamente em qualquer situação, sua pele podia absorver os nutrientes e minerais que tivessem a seu redor, significando que nunca morreriam de fome. Mas não parecia o caso de Avion.

Como conseguiram fazer isso a um Cyborg tão forte quanto esse?

Colocando sua arma na cintura, Aramus se aproximou de Avion, que estremeceu assim que pousou suas mãos sobre ele.

— Irmão. Estamos aqui para libertá-lo.

Levantando a cabeça lentamente, com o cabelo desgrenhado e sujo de sangue seco que cobriam parte de sua face, Avion o enfrentou e Aramus sentiu um calafrio, ele já vira muitas coisas horrendas, mas aquilo o surpreendeu. Seu pobre amigo.

Conchas vazias no lugar dos olhos o encararam, inúmeros cortes abertos e sem cicatrizar, cobriam o rosto cheio de contusões.

— Aramus? — Disse Avion com voz rouca.

— Sim, sou eu. Vamos tirá-lo daqui. Agente enquanto me ocupo das correntes.

— Elétricas — Avion gemeu.

A advertência chegou tarde. Aramus já tinha dirigido às mãos as correntes com a intenção de quebrá-las com sua força acrescentada pela raiva, assim que entrou em contato com o metal, a energia fluindo através do corpo do amigo, volts e mais volts de eletricidade saltaram sobre ele. As mãos nas correntes dando livre acesso aos seus circuitos.

Mesmo tendo se acondicionado a suportar grandes cargas de corrente elétrica (um condicionamento que havia

levado meses), não caiu. Mas tampouco ficou ileso. Sacudiu a cabeça e cambaleou para trás enquanto seus nanobots corriam na corrente sanguínea para reparar os danos em seu sistema neuronal.

— Merda! Não é a toa que Avion não consegue se libertar. Aqui têm energia suficiente correndo através dele para matá-lo.

— Matar, não. Testar — Sussurrou Avion. — Testar. Sempre.

— Mas para o que?

Mas seu amigo não respondeu. O queixo de Avion tombou sobre seu peito quando perdeu os sentidos ou se reiniciou. De qualquer maneira, ele não sofreria mais nenhuma dor a partir de agora.

— Kentry, encontre o painel de controle desta coisa e desligue a eletricidade. Creio que acabamos de encontrar o que estávamos procurando.

— Não esteja tão seguro, Capitão — Anunciou Xylo do corredor. Mostrando a cabeça pela porta. — Vi uma tela no corredor principal e analisei um mapa da instalação. De acordo com o esquema e a lista de trabalho, há mais de uma dúzia de celas guardadas como essa.

— Há mais Cyborgs?

— Não sei. Não pude invadir o sistema de segurança interno.

O zumbido grave que soava na sala antes parou e

Kentry ajoelhado na porta, voltou à cabeça e anunciou.

— Consegui desligar.

— Soltem Avion.

— E depois? — Perguntou Kentry enquanto apontava seu laser às correntes.

— Quero que o leve ao compartimento de carga e se escondam até que possamos tirá-lo daqui de maneira segura.

— Mas e quanto às demais celas?

— Xilo e eu vamos dar uma olhada. Avion, em seu estado atual, nos incapacitará de agir com rapidez, a surpresa ainda é nossa aliada, portanto vamos aproveitá-la.

— Sim, Senhor — Kentry ergueu o corpo flácido de Avion sobre o ombro. — Vamos enviar novas instruções à tripulação da nave?

— Sim. Temos de abrir caminho até à entrada principal. Tenho a sensação de que ao terminarmos de ver as celas, vamos precisar de uma fuga rápida.

E principalmente um acesso rápido a área médica Cyborg.

— Acha que nos superam em número?

— Sim, mas isso não é problema quando se trata de seres humanos.

Um Cyborg podia facilmente derrubar uma dúzia de seres humanos.

— Se não estar preocupado com resistência deles, então

por que vamos precisar de Aphelion e a nave?

— Porque agora estou zangado.

E quando Aramus se enfurecia, as coisas tinham a tendência de explodir.

Capítulo Cinco

Aramus e Xylo invadiram duas celas mais, com as armas reguladas para matar. Quem precisava de prisioneiros quando tinham Avion para responder as perguntas? Além disso, agora não se tratava só de uma missão de resgate, agora era uma questão de vingança. Ninguém feria ou torturava um de sua espécie e vivia para contar. Não com o Aramus por perto.

Invadiram cela por cela. Infelizmente, seus ocupantes pareciam mais mortos que vivos. Eles não despertaram durante seu resgate, nem sequer eram Cyborgs. Ao que parecia nem os próprios seres humanos foram poupados dos experimentos, foram cruelmente torturados por sua própria espécie, a princípio não entenderam os motivos das torturas até que chegaram a quarta cela.

A segurança ali era muito mais numerosa e armada que nas celas anteriores, um alarme estridente disparou assim que a invadiram. Ao entrarem logo notaram a mudança no ar, alto teor de dióxido de carbono. Aramus só se surpreendeu com a presença estranha do gás um momento antes de ver o motivo.

Um ser de pele cinzenta estava deitado e imobilizado sobre uma maca na sala, parecia um tipo de área médica. As máquinas apitavam e zumbiam enquanto os tubos entravam

e saíam no corpo do alienígena por vários pontos, alguns gotejando fluídos, outros drenando o sangue.

— Eu não acredito! É um maldito ET? — Xylo disparou incrédulo.

Seu primeiro impulso foi dizer que sim, mas quanto Aramus olhou mais de perto à criatura humanoide, se questionou. Quais seriam as chances de que a vida extraterrestre fosse tão semelhante à sua?

— Não sei o que é, mas aqui não pode ficar.

Seja lá o que fosse, Joe e o Conselho Cyborg iriam querer saber mais a respeito. Mais alarmes dispararam, sistemas acendendo luzes vermelhas quando a coisa na maca se retorcia.

— Merda! Merda! — Aramus amaldiçoou quando a coisa parecia se sufocar, sua respiração rejeitando o ar, de repente rico em oxigênio.

— Merda! Ele está morrendo — Observou Xylo.

— Porra, eu posso ver isso! — Retrucou furioso.

O que devo fazer?

Não dera atenção aos avisos de alerta na porta, afinal quem esperaria encontrar algo como aquilo.

— Doutor — Subitamente os lábios finos da criatura sussurraram. — Procure um me...

Os grandes círculos, com suas pupilas totalmente negras, piscaram uma, duas vezes, logo se fecharam quando o peito deixou de subir e descer.

Maldição!

Joe ficaria uma fera por terem deixado o ser estranho morrer. Saber ou não o que havia atrás daquela porta, não importaria a ele. Ele como Capitão deveria ter sido mais cuidadoso.

— Você acha que o alien realmente pediu médico? Acha que ele pediu ao médico encarregado deste lugar?

— Como diabos vou saber? — Aramus respondeu mais furioso.

— O que vamos fazer com isto? — Xylo fez um gesto com a mão apontando o corpo.

— Vamos levá-lo conosco. Embora esteja morto, Einstein e os outros vão querer vê-lo.

É, vê-lo, dissecá-lo, e descobrir que coisa é essa.

Uma explosão sacudiu a instalação. Parecia que Aphelion tinha captado a mensagem e se autoconvidou a entrar. Bem... Isso tornaria mais fácil transportar a coisa.

— Quero que leve o corpo à nave. Coloque-o em uma câmara de êxtase⁷.

— E você?

— Não ouviu essa coisa. Tenho que encontrar o médico encarregado desta pocilga.

E assim que puser as mãos nele, arrancarei

⁷ Câmaras destinadas a manter o corpo de alguém em um estado de inconsciência similar ao sono profundo, mantendo seus sinais vitais ao mínimo.

algumas respostas e ensinarei a este carnicheiro uma dolorosa lição.

Capítulo Seis

Aramus se reuniu com a outra metade da equipe de desembarque fora do hangar onde as armas do S.S. Bite Me encurralara um pequeno grupo de mercenários que se mantiveram firmes na defesa de sua posição.

Ah! Como se pudessem deter minha nave.

Kyle tinha um corpo pendurado no ombro.

— Relatório.

— Tivemos que matar alguns humanos, Senhor. Sacaram as armas e começaram a disparar.

Afinal jogaria suas ordens à distância.

— Esqueça as ordens anteriores. As coisas mudaram. Use as armas em potência letal, elimine os soldados e mercenários, mas se encontrar algum pessoal médico traga-os vivos para mim.

— E se o inimigo se render?

Encha-os de chumbo, quis dizer, mas ele sabia que Joe cairia em cima dele.

— Se um dos humanos é assim tão covarde para se entregar, faça-os prisioneiros.

— Sim, Senhor.

— O que vocês encontraram? — Perguntou Aramus.

O rosto de Kyle se retorceu.

— Chefe, esse lugar é uma verdadeira merda. Encontramos dois Cyborgs, Senhor. Um deles morreu quando estávamos escapando. Levou um tiro na cabeça por um mercenário. A outra, tivemos que sedá-la, estava totalmente descontrolada quando a encontramos.

— Ela? — Aramus o questionou.

— Sim, Senhor. Localizamos uma unidade feminina. Entretanto, está gravemente danificada.

Kyle indicou o corpo sem vida que levava.

— Que Diabos eles estão tramando? — Refletiu Aramus em voz alta.

— Alguma coisa bem ruim para nós — Murmurou um de sua tripulação.

Sabia que era algo bem ruim mesmo principalmente para os Cyborgs.

— Leve a fêmea à nave e volte para continuar a busca — Este lugar teria de ser totalmente destruído, considerando o alcance de suas operações, mas as surpresas que estavam ali teriam de ser salvas antes da destruição.

— Diga a Aphelion que baixe tudo o que conseguir dos arquivos desta instalação.

— Sim, Senhor.

Assim que distribuiu as ordens, Aramus, por um momento se concentrou no mapa do painel do computador central, luzes vermelhas mostravam o caminho da destruição

que ele e sua equipe tinham deixado para trás. Só havia outras duas ramificações situadas à esquerda.

Aramus se afastou, zangado, não só com o que tinha encontrado, mas também extremamente irritado com Seth. Como ele soubera daquele maldito lugar? O que estava sendo tramado pelos militares e pela Companhia? Aramus queria estar além de seu próximo objetivo. Queria respostas.

Esteja onde estiver, Doutor! Vamos ter uma conversinha bem interessante.

O grupo seguinte de soldados com que topou, sem hesitar começou a atirar contra ele, e Aramus permitiu, enquanto os furos de balas em sua carne alimentava sua raiva crescente. O sangue que derramou enquanto acabava com seus inimigos brutalmente acalmou em parte seu ódio... Mas não pôde extingui-lo. Nenhuma quantidade de sangue derramado ou gritos jamais poderia expiar o que aqueles seres humanos fizeram ou a dor que eles causaram.

Agora dando atenção total aos avisos nas portas, abriria a que estavam vigiando suas vítimas mais recentes, mercenários. Aramus manteve a porta intacta, pois poderia conter um dos experimentos de pele cinzenta. Não queria correr o risco de matar mais um.

As duas portas seguintes que derrubou não tinham nem soldados, nem trancas para proteger, mas a porta mais a frente lhe chamou a atenção. No interior, encontrou humanos. Provavelmente médicos e enfermeiros, devido às roupas brancas. Um biólogo que gaguejava, conforme

declarou sua profissão. Um químico declarou outro, e uma mulher bem agressiva, que exigiu que lhe desse um comunicador para entrar em contato com seu pai, um sujeito importante na Terra, segundo ela. Ele a amordaçou antes de prendê-la. Tinha pouco tempo ou paciência para qualquer exigência humana.

Uma porta mais a esquerda. Quase deu a volta. Já vira o suficiente da violência e miséria oculta atrás das portas. Mesmo não gostando dos humanos, ele se condeou com a tortura. Sim, tortura. Estes não eram os resultados de exercícios de condicionamento igual ao que ele e os outros Cyborgs foram expostos. As cicatrizes e contusões, não tinham nada a ver em tornar estes humanos mais resistentes ou provar um novo programa físico. Fora simplesmente prazer em ser cruel.

Posso ser um filho da puta violento, mas posso ver onde se cruza a linha de torturar por apenas diversão.

Assim, não era de admirar que hesitasse uma fração de segundo antes de abrir a última porta neste túnel? Por um momento se perguntou que atrocidade encontraria ali?

Não pense, soldado. Faça.

Deu-se um forte chute mental no traseiro. Agora não era o momento de confabular com suas emoções. Mas fez uma nota mental para dar uma checada mais tarde em sua programação defeituosa. De onde saíram todos estes sentimentos não desejados.

A porta fechada cedeu facilmente debaixo da força bruta

que a aplicou e se abriu revelando uma pequena cela com uma luz piscando. Assim como os outros cômodos usados para prender os seres humanos, continha uma pequena cama de armar, chuveiro e bacia... E um ocupante assustado.

A figura encolhida olhou para cima, seus joelhos flexionados para o peito debaixo de um jaleco branco manchado, cabelos cobriam o rosto sujo. Grandes olhos atentos o fitavam, e Aramus quase deu um passo atrás, não por medo, mas sim pela resignação estampada em seus olhos. Ela esperava morrer. A arma em sua mão baixou. Esta humana maltratada não representava perigo para ele.

— Quem é você? — A questionou.

Não era uma Cyborg, isso era certo.

Nisso apostaria sua mão direita. Se estivesse enganado, sempre poderia substituí-la por uma mecânica novinha em folha, sucessivamente, o último modelo com armamento, disparando projéteis das pontas dos dedos. Desgostoso pensou no tom agressivo que usou na pergunta, isso quase o fez se arrepender. Mas todo ser humano, maltratado ou não, não mereceria sua piedade.

— Eu... Eu...

O doce sussurro a colocou na categoria feminina. O gaguejar a colocou também em sua categoria de “esgotando minha paciência”.

— Não tenho o dia todo. Quem é você?

— Meu nome é Riley Carmichael.

— O que você está fazendo aqui? É médica?

— Suponho que me chamaria de médica.

— Afinal é ou não é médica?

— De certa maneira.

Mas, seria o que a coisa cinzenta morta queria que encontrasse? Aquele pedacinho de ser humana, suja, patética. Não, ela não poderia ter feito as torturas que tinha visto. Mas, as aparências podiam enganar. Com exceção de seu caso. Ele parecia um grande e maldito filho de puta, e era. Multiplicado por dez.

— Venha comigo.

— Você veio nos resgatar?

O medo desvaneceu nos grandes olhos azuis quando a esperança os iluminou.

— Pode se dizer que sim.

Em pé, a fêmea mal o chegava ao queixo, e seus pulsos pareciam frágeis quando os agarrou para prendê-los atrás de suas costas com a tira de plástico.

— O que está fazendo?

Ela o encarou, o cheiro forte de seu medo era acre e desagradável.

— Prendendo-a.

— Mas pensei que estava aqui para resgatar a mim e aos outros.

— Estou aqui para resgatar as vítimas.

— E não me considera uma vítima? — Ela soava descrente.

— Você é humana. Está um pouco machucada e suja, não parece ter sofrido muito.

— Estive trancada em uma cela por meses. Batiam em mim se não os obedecesse. Passei fome. Quanto mais teria de sofrer para que você me visse como vítima?

— Está falando? Está acorrentada a uma parede? Eles fizeram experimentos com você? — Bombardeou-a com perguntas, cada uma a fazendo se retroceder como se a esbofeteasse.

— Não, mas só porque precisavam de meus conhecimentos.

— Sorte sua que eu também precise, no momento, ou a colocaria junto aos outros humanos que vão morrer. Agora se cale ou vou amordaçá-la como fiz com a outra humana.

Diante da ameaça, ela apertou os lábios com força e, em silêncio, o seguiu para fora da cela, seu passo hesitante, olhando a esquerda à direita enquanto observava a matança fora de seu confinamento. Ouviu-a engolir em seco enquanto dava um passo com cuidado sobre uma poça de sangue coagulado.

Mas antes que pudesse entrar em contato com sua equipe e obter a atualização dos acontecimentos, um grupo de soldados, militares, chegou correndo e parou na esquina. Aramus se preparou para as balas que lançariam sobre ele, mas franziu o cenho rapidamente quando um deles gritou: —

Lá está à maldita. Atirem nela.

Nela? Não deveria ser eu o seu objetivo? Que grosseiro.

A mulher em questão não voltou correndo para a cela, o que seria mais inteligente, ou congelar no lugar... O que teria garantido sua morte. Não, em vez disso mostrou um mínimo de inteligência enquanto se escondia atrás dele e com um gritinho agudo disparou: — Não fique aí parado. Tonto, mate-os antes que nos matem!

Será um prazer.

Aramus arremessou sua adaga, a lâmina acertando o pescoço de um dos soldados que se preparavam para abrir fogo. O sangue jorrou. Não seria uma morte instantânea, não obstante, um golpe fatal. Outros soldados viram em primeira mão a precisão de um Cyborg treinado para nunca falhar.

Embora as balas viessem na direção de Aramus, ele só pestanejava quando um disparo ocasional o atingia.

Quanto ao sujeito que ordenara a morte da fêmea, tentou correr enquanto tropeçava nos corpos de seu esquadrão morto, o humano covarde choramingava pedindo clemência.

— Não me mate. Só seguia ordens.

— Ordens de quem?

Ao que parecia, não teria a resposta, já que o soldado de repente ficou rígido, seus olhos rolaram nas órbitas enquanto seu corpo se retorcia, espuma branca começou a sair de sua

boca. Aramus deixou o corpo cair o corpo com desgosto. Parecia que os militares não queriam que pusessem as mãos sobre seus soldados.

Um toque suave nas costas o fez se virar rapidamente, preparado para atirar. Conteve-se no último momento quando se deu conta que a pequena doutora estava ao lado dele. Ela olhou ao redor e murmurou: — Usou estricnina ou alguma variação dela. Esse é o ingrediente principal de pílulas suicidas.

— Fanáticos de merda.

— Ao menos está morto.

— Sem responder a qualquer pergunta. Por que querem acabar com você?

— Isso parece obvio, não querem que eu seja interrogada.

— Há muitos soldados mais?

Ela encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Fiquei trancada na cela a maior parte do tempo.

— Afinal o que você sabe?

— Sei que estou contente por estar viva e eles mortos. Obrigada.

Aramus respondeu com um grunhido. Não queria sua gratidão.

— Por que se escondeu atrás de mim em vez de fugir?

— Fugir para onde? Pense bem, grudar em você parece ser a forma mais inteligente de sair daqui.

De fato. Quando cessariam as maravilhas? Finalmente encontrara um ser humano com um mínimo de sentido comum. Aramus utilizou seu comunicador interno para verificar o progresso de sua equipe.

— **Relatório da situação.**

— **Só resta uma ala para verificar no corredor sudoeste** — Anunciou Kyle. — **Já não encontramos mais resistência. Entretanto, as celas da prisão neste setor estão vazias ou só deixaram corpos. Parece que os soldados estão executando o pessoal civil e os detentos, antes de abandonar seus postos.**

— **Os covardes fugiram** — Anunciou Aphelion com gravidade. — **Meus sensores detectaram uma nave deixando a atmosfera.**

— **Por que não foi atrás deles?** — Aramus explodiu.

— **Devido à velocidade, a capacidade das naves, e a trajetória, calculei em 17% de probabilidade de capturá-los, então optei por permanecer aqui como apoio adicional.**

A transmissão foi interrompida por um momento.

Aramus estava irritado por ter perdido a oportunidade de exterminar por completo aqueles monstros, mas Aphelion tomara a decisão correta. Somando o fato de que transportariam Cyborgs feridos e depois teriam de juntar

pistas do que os militares planejavam ali, tudo isso antes que os humanos despachassem uma nave para limpar ao planeta usando bombas nucleares. Seria perda de tempo uma perseguição inútil.

— ***Quantos Cyborgs libertamos?***

— ***Dois machos e uma mulher no total. Outras duas fêmeas morreram durante o assalto.***

— ***Encontraram mais seres cinzentos? Além do morto, quantos vivos?***

— ***Todos os alienígenas desapareceram, incluindo o morto.***

Aramus não se incomodou em corrigir Aphelion sobre o termo alien. Parecia uma descrição apropriada no momento, já que não sabiam quem ou o que eram os seres de pele cinza.

— ***O que quer dizer com desaparecidos?***

— ***Quando as unidades voltaram às celas para transportar os corpos, descobrimos que todas as três celas estavam vazias.***

— ***Merda! Queria pelo menos levar um deles para que Einstein pudesse estudá-lo.***

— ***A boa notícia é que pegamos alguns humanos antes que os soldados os executassem. Com sorte, serão capazes de encher alguns espaços em branco e nos informar o que acontecia aqui. A má notícia é que todos são civis. Os soldados que prendemos e deixamos***

inconscientes estão mortos.

— Suicídio?

Não era incomum encontrarem tropas de fanáticos, e ele já presenciara um exemplo como esse.

— Bem, a menos que conseguissem atirar nas cabeças uns dos outros com as mãos ainda presas as costas.

Alguém não queria deixar testemunhas para trás.

— Então, o que temos?

— Ao todo cinco humanos. Duas fêmeas estão mudas, um humano está gravemente ferido, mas os outros dois parecem ilesos.

— Seis. Estou com um dos médicos — Aramus acrescentou, franzindo o cenho à fêmea humana pequena que permanecia colada a ele.

— O que faremos com eles?

— Coloque-os em nossa área de contenção. Eu os interrogarei mais tarde. E como vai a coleta de arquivos?

— Devagar. Alguém começou a limpar os arquivos assim que nos descobriram. Consegui salvar alguns dados. Espero que Einstein possa dar um pouco de sentido a tudo isto. Kentry está à procura de discos rígidos neste momento para que Einstein possa recuperar mais informações.

— Avise-o para agir rápido. A nave que escapou

pode voltar com amigos. Tivemos sorte por pegá-los de surpresa, mas não estamos preparados para enfrentar uma frota de cruzadores de ataque.

— ***Entendido.***

— ***Excelente. Estarei a bordo em breve com minha prisioneira humana.***

Caminhando apressado pelo corredor, com a médica em seus calcanhares, Aramus notou que não precisou dar a ela nenhum incentivo para mantê-la em movimento, permaneceu ao seu lado, mas não em silêncio.

— Quem é você?

Ele não respondeu. Ela não recuou.

— Tem uma nave? Onde está?

— Cale-se ou a trancarei novamente em sua cela —
Grunhiu finalmente.

Imediatamente se arrependeu de ter usado um tom áspero enquanto os ombros frágeis se encolhiam, fazendo seu corpo pequeno ficar ainda mais compacto, como se ela estivesse preparando para receber um golpe. Por uma estranha razão, uma parte dele queria a oferecer tranquilidade.

Lembrando a si mesmo que ela era somente outro ser humano e que não mereciam compaixão ou ajuda. Emoções embotavam o sentido comum e lógico. Precisava se reiniciar na primeira oportunidade que tivesse e deletar as sensações defeituosas que o ameaçavam.

***Inferno, que as emoções humanas fossem malditas.
Não deixarei que minha parte humana triunfe. Sou um
Cyborg. A lógica é tudo o que importa.***

Capítulo Sete

Riley não sabia o que pensar. Quando a figura imponente vestida dos pés a cabeça em traje espacial, se apresentou chutando a porta de sua cela como um herói de um filme de ação, havia sentido tanto temor quanto esperança, quando este declarou sua intenção de resgatá-la. Logo depois ele tinha deixado claro com seu tom de voz e palavras que não a considerava uma vítima, e sim uma prisioneira. E a forma como falava com ela, era como se não fossem da mesma espécie...

O observou furtivamente enquanto caminhavam pelo corredor enquanto era fato que a violência ali reinara absoluta. Com o traje espacial que ele usava, muito pouco podia discernir a respeito de seu salvador que ao que tudo indicava parecia humano, grande, mas humano. Ao se lembrar dos corpos mutantes semelhantes ao dos humanos, começou a se preocupar.

Seria um grupo de resgate para as pobres criaturas torturadas e mortas? Fora jogada de uma situação insustentável a outra?

OH, Deus, espero que não queiram realizar testes em mim como fizeram nos cadáveres que examinei.

Tendo em conta o que presenciara nos últimos meses, não os culparia se sentissem a necessidade de vingança, mas

de que forma os faria entender que fora tão vítima quanto seus companheiros? Seria o suficiente?

Um buraco enorme nas portas da entrada principal da instalação mostrou outro grupo de resgate. Para preservar a pressão e a integridade da instalação, um fato que apreciou, um túnel selado acoplou e os conduziu a uma espaçonave militar.

— É da Terra? — Perguntou, esquecendo-se da ordem de permanecer em silêncio.

Felizmente ele não a repreendeu, mas sua réplica não respondeu realmente a sua pergunta.

— Não mais.

O que significa isso?

— Ao menos você é humano?

— Não.

— Um alien?

— Definitivamente não! — Antes que ela pudesse perguntar mais, o grandão grunhiu. — Cale-se.

Ela o viu estreitar os lábios, agora zangado. Riley não quis provocá-lo mais. Não até que soubesse mais sobre a situação. Entraram em uma sala vazia, exceto pelas formas enoveladas dos outros detentos, saltou quando a porta atrás dela se fechou com um estrondo. As trancas eletrônicas se fecharam, trancando-os definitivamente.

Muito bem. Troquei uma prisão por outra.

Endireitando as costas, decidiu não ceder ao desespero. Eles, obviamente, não tinham a intenção de matá-la, ou o grandão já o teria feito na cela.

Mas ele pode ter me salvado para torturar depois.

Sim, mas não deixaria que sua mente a levasse nessa direção. Ainda não. Tinha que pensar positivo se quisesse manter a calma.

Então, o que tenho a meu favor?

Um, estava viva e com seu corpo intacto.

Dois, o grandão não fez a ela mal algum. Embora tivesse amarrados seus braços atrás das costas, apenas há deixara um pouco desconfortável.

Três, finalmente estava fora daquela sua cela imunda e esperando sair daquele planeta esquecido por Deus.

Quatro, o desconhecido significava esperança.

Cinco...

Era somente ela, ou estariam ouvindo um som sinistro? Levantou o olhar e se esqueceu de enumerar os aspectos positivos da nova situação, já que um gás branco começou a escapar dos dutos de ventilação.

— Vão nos matar! — Queixou-se um dos outros ocupantes.

— OH cale-se, Percy. É só uma nuvem de descontaminação. Basta sentir o odor.

— Não... Me... Mande... Calar a boca!

O sujeito chamado Percy lançou um olhar à mulher que o tinha repreendido, o dedo indicador empurrando para cima as lentes grossas dos óculos.

— Então não banque o bebê chorão. Ou prefere estar de volta a sua cela?

— Vocês eram prisioneiros também? — Aventurou Riley.

— Todos nós. Parece que nossos captores tinham interesses bem variados.

Uma névoa fina, com um odor acre e azedo, caiu sobre eles e os envolveu. Ela sentiu um formigamento na pele. Estendendo o braço, observou a leve umidade sobre a pele, e franziu seus lábios carnudos. Mostrava marcas vermelhas ao redor da boca, como se alguém a tivesse batido recentemente.

— Será que os mataria nos permitir ao menos um banho? — Ela se queixou baixinho. — Estou farta de feder como um peixe morto.

Um banho rápido a faria um bem enorme, principalmente sem ter um guarda lascivo espiando, um com água morna e sabão. Era curioso, como coisas pequenas as quais estava acostumada e tinha como certas, se pareciam agora como um luxo.

Dando uma olhada mais atenta ao grupo, Riley se deu conta de que reconhecia uma pessoa, David ‘Sei lá o que’. Às vezes ele fora uma presença silenciosa durante as autópsias, tirando amostras de sangue e tecido. Estava de barriga para cima no chão, com uma bandagem manchada de sangue cobrindo seu abdômen.

— Quem é você? — Riley perguntou a mulher.

— Meu nome é Carmen

— O meu, Riley.

Carmen apontou para o homem de óculos.

— E o idiota da gagueira é Percy.

— N... Não sou um idi... Ota — Balbuciou. — Puta.

Carmem lhe lançou um beijo, enquanto Percy franzia o cenho. Parecia que se conheciam, mas não se gostavam necessariamente.

— Alguém tem ideia de onde estamos? — Perguntou Riley, aproximando-se da mulher latina, que parecia ter melhor controle da situação.

— Em algum tipo de nave militar.

— Acha que os militares nos capturaram?

— Estamos encrocados, isso sim. Notou os trajes que esses sujeitos estão usando? Não são militares. Acho que são piratas ou Cyborgs.

— Cyborgs!

Riley se arrepiou diante da palavra. De todas as opções, aquela a assustava mais. Todos sabiam que os Cyborgs odiavam os humanos. Com a programação falha, se tornaram máquinas de matar, eliminando qualquer coisa que respirasse.

— Não me diga que acredita nesse caldeirão de mentiras que as fontes de notícias andam espalhando por aí?

Riley mudou seu peso de um pé a outro quando Carmen a olhou fixamente, o desprezo encrespando seus lábios.

— Vi imagens do caos que provocam quando invadem uma colônia.

— Caos, sim. Mas realmente foi feito por eles? Não, eu não acredito.

Carmen a indicou que se voltasse. Riley se perguntou por que... Um momento depois as fitas de plástico ao redor dos pulsos caíram no chão.

— Onde arranjou a faca?

— Já estava comigo quando me capturaram. Nenhum deles se incomodou em procurar uma arma. Suponho que não nos veem como uma ameaça.

Observando as duas fêmeas sentadas no chão com o olhar perdido, o homem inconsciente de barriga para cima no piso, Percy, que retorcia as mãos com nervosismo, e Carmen, que guardou a faca para pentear os cabelos com os dedos... Riley podia ver o porquê.

— Então, o que veem em nós? — Riley perguntou.

Se não queriam salvá-los, então por que os tinham tomado como prisioneiros? Carmen encolheu os ombros.

— Só espero que não seja por peças.

— Como?

— É uma brincadeira. É uma das malditas mentiras que chegam à população espalhadas pelos militares. Creio que estão procurando respostas.

— E não estamos à procura delas também? —
Murmurou Riley — Humm!... Talvez queiram saber a respeito dos extraterrestres.

— Não são extraterrestres — Disse Carmen.

— Não estamos falando dos caras cinzentos?

— E de quem mais? Você chegou a vê-los? — A atenção de Carmem se concentrou em Riley.

— Sim.

— E o que pareceu a você? Eram ETS? Algum falou com você?

O nariz de Riley franziu.

— Cadáveres não costumam ser muito comunicativos.

— Você é médica forense?

— Uma antropóloga forense. Eu estudo cadáveres.

— Então deve saber alguma coisa. Eram alienígenas ou humanos?

— Nenhuma uma coisa nem outra. É quase como uma combinação de DNA humano com outra coisa. Mas você também teve contato com eles, qual sua opinião?

— Sou uma psicóloga. Minha tarefa consistia em convencê-los a se comunicar conosco.

— E?

— Ah... Eles falavam e entendiam o inglês, mas parece que não tinham muito a dizer. Quero dizer, nossas conversas se resumiam em 'Me ajude', 'Me mate', ou 'Eu vou te matar'.

Também tinha um tipo que dizia querer ter sexo comigo, mas eu não sei se ele era parte do mesmo projeto, porque era o único que não era mantido em uma câmara de gás. De fato, estou quase certa de que era um Cyborg.

— Tinha Cyborgs ali também? Não vi o corpo de nenhum deles.

— Talvez porque não tivesse morrido nenhum, ainda. São seres com muita resistência.



Sim, somos bem resistentes. Aramus ouvia a conversa dos detentos com o sistema de comunicação da cela oculto, queria mais informações antes que começasse o interrogatório. A instalação estava segura. Os únicos seres vivos que restavam ali eram os Cyborgs realizando varreduras nos arquivos encontrados e os ratos, que pareciam seguir os seres humanos onde quer que fossem.

Os indícios o levavam a acreditar que os prisioneiros não eram elementos importantes para a Companhia, que permanecia constantemente um passo adiante deles. Entretanto, os prisioneiros tinham alguma informação, respostas a algumas das perguntas que afligiam os Cyborgs.

— O que vamos fazer com eles? — Aphelion o questionou baixinho.

Aramus o silenciou com sinal e passou a tamborilar com os dedos sobre o braço de seu assento.

— Matá-los.

— Diabos, eu sei que não está pensando seriamente nisso.

Não. Não estava. Humanos ou não, eles mais pareciam vítimas, não os predadores.

— Vamos interrogá-los.

— E depois?

Depois... O que? Não podiam deixá-los onde os encontraram. A instalação estava comprometida, assim que soltassem o túnel pressurizado da nave do buraco que tinham feito na entrada, o planeta voltaria a tomar posse da área. Levá-los a Terra, tampouco era uma possibilidade. Então, o que fariam? Não muito.

— A eliminação deles seria mais condizente com a situação — Aramus declarou, embora o faltasse entusiasmo para impor tal extremo a um grupo que, obviamente, já sofrera demais. — Você já sabia que eu diria isso.

Aphelion sacudiu a cabeça com evidente desgosto.

— Por que tudo com você têm que acabar em morte? Tem que haver outra opção.

— Suponho que poderíamos deixá-los em algum planeta colônia.

— A Companhia não vai procurá-los?

— Só se souberem que estão lá.

— O que acontecerá assim que entrarem em contato com seus familiares? Certamente será uma sentença de morte, não só para eles, mas também à colônia que os

acolheu.

Aramus franziu o cenho.

— E o que diabos quer que eu faça com eles? Não posso matá-los. Não posso deixá-los. O que sugere?

— Podemos levá-los conosco.

— Levá-los ao nosso planeta? Perdeu algum parafuso da cabeça?

— Minha mente está intacta e funcionando com eficiência de noventa e oito, ponto três, por cento.

— Eu gostaria que realizasse um diagnóstico para estar mais certo disto, sua sugestão é ilógica.

— Por quê?

— Por que.

— Por que, não é uma resposta lógica.

Se houve algum momento em que Aramus odiou a lógica Cyborg, esse momento surgia agora.

— Porque não podemos ter um bando de humanos correndo em minha nave causando problemas, só por isso.

— Então os manteremos confinados até chegarmos em casa e deixaremos que Joe cuide deles. Não seriam os primeiros humanos que agregamos para o bem de nossa sociedade.

Verdade.

Apesar de sua aversão pessoal por humanos, ou em particular aos que tinham causado mal a seus irmãos

Cyborgs, ainda que alguns de seus irmãos não compartilhassem de sua aversão, que até tenham tomado fêmeas humanas como companheiras. E mesmo havendo humanos, humanos abandonados e alquebrados por terem sido obrigados a trabalho forçado em planetas e asteroides, apenas por divergirem de opinião dos militares e de governos corruptos, trabalhando entre eles. Sim, os Cyborgs deram a esses humanos abandonados por sua própria espécie uma segunda chance de viver como homens e mulheres livres e com direitos.

Mas onde se encaixariam os prisioneiros que acabaram de fazer? Eles trabalharam para o inimigo. Tinham instigado à tortura e feito experiências dolorosas com os Cyborgs e sem dúvida também com os extraterrestres. Como poderia ele e sua tripulação levá-los para casa sabendo disso? O que aconteceria se um ou mais deles fosse um espião?

— E se estiverem mentindo? E se o abuso aparente for apenas mais uma artimanha para nos fazer baixar a guarda, permitindo que se infiltrem entre nós e começar a passar informações aos militares?

— Creio que não sou o único que precisa fazer um diagnóstico. Está deixando que a paranoia o controle, meu amigo.

— Paranoia ou prudência?

— Pura semântica. Não se pode viver suspeitando de que todo ser humano só queira fazer o mal.

— Por que não? Isso me manteve vivo até agora.

— Vivo e infeliz.

— Isso quem afirma é você. Estou perfeitamente satisfeito com meu modo de ver as coisas. Eu sou o comandante desta nave. Tenho a oportunidade de viajar, explorar e trazer suprimentos e informações a colônia Cyborg.

E matar todo ser humano que se interponha em seu caminho. Que mais poderia pedir um Cyborg?

O fim do vazio que me atormenta cada vez que estou sozinho.

Mas isso... Guardaria para si mesmo.

Capítulo Oito

Aramus ordenou aos prisioneiros que se banhassem, se vestissem, e um a um foram levados para serem interrogados. Com exceção das fêmeas mudas, e o macho ainda em mau estado, todos contaram invariavelmente a mesma história. Que foram atraídos com promessas de um trabalho excepcional e que requeria a máxima discrição. Uma vez separados de seus familiares e amigos, se viam levados a lugares desconhecidos, onde eram forçados a trabalhar em condições terríveis.

Suas histórias diferenciavam apenas nas suas especialidades.

O macho com o irritante impedimento da fala chama-se Percy e era biólogo. Tirou e examinou amostras de fluidos corporais e tecidos. O problema era que enquanto ele tivera contato em primeira mão do antes e depois dos resultados dos experimentos, falar com ele deixou Aramus irritado. Decidiu deixar o interrogatório dele para Einstein ou Joe, principalmente assim que se deu conta de que o macho não sabia nada sobre os Cyborgs prisioneiros.

A mulher, Carmen, uma psicóloga, resultou ser mais interessante.

Ela entrou balançando o quadril e com uma expressão desafiante se sentou em frente a ele, cruzou as pernas e

apoiando-se de tal modo que exibiu seu colo. Como se sua frágil intenção de sedução pudesse distraí-lo de seu objetivo.

Passaram pelo fundamental. Nome, profissão, as interações com os prisioneiros. Ela respondeu sem hesitar, mesmo quando ele disse a ela que estava a bordo de uma nave Cyborg, sua atitude se manteve inalterada, diferentemente de Percy que se desmanchara em suor e gaguejara ainda mais com a descoberta.

— Esteve com alguém que poderia ser um Cyborg?

Aramus se reclinou na cadeira e a cravou o olhar. Ela levantou um ombro e inclinou a cabeça de lado.

— Talvez. Ele não era um homem comum. Um cara muito grande, que parecia mais 'um galo de briga' se me entende, como se não estivesse preocupado com fato de ser um prisioneiro.

— Disse o nome?

Um movimento de cabeça implicando negação.

— Perguntei, mas ele só sorriu e me disse que se quisesse saber teria que dar algo em troca.

— Como o que?

— Bem, o que quer qualquer homem de uma mulher atraente?

Nada de timidez ou modéstia aqui.

— Então se negou a ter relações sexuais com ele?

— Não tivemos oportunidade. Depois de um período de

sessões, nunca mais o vi.

— É este o homem?

Aramus mostrou a ela uma imagem de Avion antes da tortura que o deixou tão marcado. Ela negou com a cabeça.

— Não. O sujeito tinha a pele e os olhos escuros. Apostaria que era um mulato ou alguém de Porto Rico.

Um desconhecido então, já que os bancos de dados de Aramus não mostravam Cyborgs com essas características, mesmo os desaparecidos ou dados como mortos. Passaram algum tempo mais, indo e vindo, ele buscando respostas, ela respondendo aparentemente sem malícia, flertando todo o tempo. No final, mostrou que nada de importância sabia.

— Isso é tudo por hora. Pode sair.

— Tem certeza de que é só isso? — Carmen se inclinou mais, o suficiente para que os seios quase saltassem do traje.
— Deve ser muito solitário aqui no espaço. Percebi que a falta de mulheres.

— Porque fêmeas são prejudiciais em missões.

— Nem todas. Algumas de nós ficam felizes em estar fora do caminho até que nos necessite.

Uma lambida nos lábios completou seu 'nada sutil' convite. Uma careta de desagrado torceu a expressão de Aramus.

— Não, obrigado. Diferente dos machos humanos, os Cyborgs controlam seus corpos, e a missão vem sempre primeiro.

— Bem... Se mudar de opinião, sabe onde me encontrar.

Com um olhar lançado em cima de seu ombro destinado a ser sensual, a fêmea descarada se foi com um meneio de seus quadris.

Essa será um problema com P maiúsculo.

Enquanto que Aramus achou fácil ignorar suas propostas indecorosas, não podia negar que outros Cyborgs poderiam achá-la atraente e aceitar sua oferta. Não todo Cyborg tinha seu férreo controle na hora de manter a luxúria sob controle.

Os Cyborgs eram muitas coisas: fortes, rápidos, melhorados e ávidos quando se referia a luxuria, especialmente depois de ter sido erradicada a programação militar controlando todos seus movimentos. Ao que parecia bons soldados requeriam muita testosterona, enquanto certas partes deles foram substituídas quando foram transformados de humanos em Cyborgs, as coisas que os davam vantagens, como o pênis e testículos, se mantiveram intactas. E extremamente funcionais.

Para uma sociedade lógica, mesmo Aramus não podia negar que eram um grupo quente. Às unidades cibernéticas gostavam de sexo. Muito. Era por isso que mantinham um acordo permanente com alguns bordéis espaciais. Manter um grupo de combates em modo de espera, com nenhum prostíbulo naquela zona espacial era difícil, então era quase certeza de que essa humana, Carmen, e seu jeito atrevido provocaria encrenca, especialmente se ela distribuísse seus

favores sexuais a toda tripulação.

Espero que não acabem arrebentando as cabeças uns dos outros. Ele pensou. ***No entanto, um pouco de exercício sempre faz bem.***

Mas agora tinha outra tarefa e se ocuparia desse futuro problema assim que surgisse.

Agora precisava interrogar os prisioneiros. Chamou à última, a fêmea pequena que tinha resgatado e cujo olhar esperançoso o impressionou.

Por que ficou impressionado com olhar dela fixo nele, não sabia dizer. Ele não vira nada particularmente extraordinário nela, com exceção da pequena estatura. Tal sensação talvez fosse causada por algum defeito em sua programação.

Por outro lado, os responsáveis pelo Projeto Cyborg, pareciam preferir usar fêmeas pequenas, do tipo delicado, para fazer experimentos cruéis, tal como as fêmeas Cyborgs que já tinha resgatado. Talvez estivesse impressionado com a fêmea... Sim, isso, piedade.

Mas a prisioneira não é Cyborg.

Era uma humana, ou assim indicavam os escaners a bordo. Uma médica humana que, voluntariamente ou não, possivelmente fez experiências em sua espécie e no ser estranho que tinham encontrado.

Não olhou imediatamente quando a porta da sua câmara privada se abriu, ocupado em olhar os últimos

informes de radar que não mostravam nenhuma atividade na área. Mesmo sabendo que a tecnologia usada por eles não era muito confiável já que os humanos, usando a suposta tecnologia alienígena passariam despercebidos.

— Humm!.. Olá?

A voz hesitante atraiu seu olhar e a réplica mordaz para silenciá-la morreu em seus lábios quando a viu.

O que aconteceu à ratinha suja e abandonada que eu resgatei?

A mulher que salvara estava diante dele, e não pode deixar de fitá-la.

Seu cabelo castanho chegando aos ombros brilhava sob as luzes fluorescentes, pontas desiguais e ligeiramente úmidas. Limpa e arrumada, sua pele mostrava uma coloração cremosa uniforme, com exceção das bochechas, que se avermelharam enquanto ele a encarava. Ele não conseguiu se conter, especialmente quando notou o macacão que abraçava suas curvas voluptuosas, não destinadas a seu tamanho e sexo, aumentando o volume dianteiro, seios.

Uma lambida de sua língua nos lábios carnudos provocou a reação em cadeia mais surpreendente que já tivera, a visão momentânea da ponta de sua língua, disparou sua imaginação.

Ah, deslizar a boca ao longo desses lábios carnudos, chupa-os, e... A simples cena vívida na mente o endureceu de maneira imprevista.

Acalme-se.

Ordenou ao seu pênis para que se comportasse. E conseguiu, mais ou menos.

Tamborilando os dedos sobre a mesa, ele a fitou. Ela sem se alterar, devolveu o olhar, e subitamente seu olhar fixo piscou e exclamou surpresa.

— OH, Meu Deus! — Sussurrou. — Você é um Cyborg.

Por alguma razão sua observação o desagradou.

— De certo que sim. O que pensou que eu fosse?

A vermelhidão em suas bochechas se acentuou.

— Eu não tinha certeza. Quando me resgatou você usava um traje espacial, não pude ver sua aparência física.

Sua resposta racional não aliviou a forma como ela havia reagido ao descobrir o que ele era.

Mas por que se importar com os pensamentos de uma humana?

— Não imaginei que me apresentar fosse uma necessidade naquele momento. Talvez na próxima vez que salvar alguém deva usar uma placa dizendo: Sou um Cyborg.

— Não precisa ser grosseiro.

— Grosseiro! Eu estava sendo sarcástico.

— Não sabia que os Cyborgs podiam agir deste modo.

— Como? Em usar o idioma Inglês?

— Não, fazer brincadeiras.

Ele não estava brincando ao ser sarcástico. Fora sua maneira de se expressar.

— Eu nunca brinco.

— Se você o diz. O que aconteceu a sua cabeça?

Menina nada sutil, mas sendo um homem que não gostava de dar voltas, não pode menosprezar sua franqueza. Entretanto podia fazer o mesmo jogo.

— É parcialmente metálica.

— Estou vendo, mas por quê? Eu vi Cyborgs antes, não em pessoa, é claro, mas nos noticiários, alguns tinham pernas ou braços mecânicos, nunca vi um com...

— Crânio de metal? Foi presente de uma mulher.

Seu primeiro encontro com uma Cyborg feminina não correu muito bem. Ela atirara nele, seu BCI estava programado para obedecer às ordens dos militares, e ela o fazia cegamente. Felizmente, ela tinha má pontaria, ou como Seth afirmou mais tarde, Aramus usara a ferradura da sorte armazenada em seu traseiro e tinha sobrevivido. A metade de seu crânio não. Ele preferia sua nova parte metálica coroando sua cabeça. Sabia que realçava sua aparência Cyborg. E chamava bastante atenção.

Os olhos da fêmea se arregalaram.

— Alguém atirou em sua cabeça?

Ela parecia genuinamente horrorizada. Como se um humano se importasse com o que acontecia a um Cyborg. Não acreditou em sua atuação nem por um segundo.

— Entre outros lugares. Também recebi um tiro no torso, nas costas, braços e pernas. A maioria não deixou cicatrizes duradouras, já que os nanos em meu corpo cuidaram dos danos.

— Como pode ser tão indiferente a esse respeito.

— Porque é um fato na vida dos Cyborgs. É a razão pela qual fomos criados. Para sofrer o maior estrago possível e ainda assim continuar lutando.

Por mais doloroso que seja. Sempre.

— Foi muito ruim, não é? Sabe, o que fizeram a vocês.

Uma vez mais, sua preocupação e curiosidade pareciam autênticas.

— Só no começo. Então aprendemos a apagar a dor e avançar rápido.

Por que não falar de aprimorar a pontaria para que os humanos miseráveis morressem antes de fazer a eles um dano irreparável. Os Cyborgs podiam sofrer muito, mas a nanotecnologia só podia chegar até certo ponto. E por que Diabos estava respondendo as perguntas dela? Ele era o chefe ali, não ela. Ele queria respostas... Não pena.

— Como se você desse alguma importância com o que acontece a um Cyborg. Pare de fingir.

— Quem diz que estou fingindo? Atiraram e torturaram vocês vezes sem fim. Teria que ser desumana para não sentir algo.

— Ou Cyborg.

— Então é verdade o que dizem? Não sentem emoções?

— Ah, nós sentimos. Neste momento, sinto-me irritado, violento e faminto. Rações militares não são adequadas para sustentar-nos.

A sombra de um sorriso nos lábios diante de suas palavras o irritou mais que a própria brincadeira inesperada. Zangado, se perguntou como seria ver um sorriso aberto em seu rosto.

Concentre-se em sua tarefa, soldado.

As expressões faciais da humana não tinham importância. Já o que fez para os militares ou para a Corporação, era outra coisa.

Então passou a se concentrar no conteúdo que tinha descarregado em seu BCI. Estava incompleto, já que os militares causaram danos aos arquivos do disco rígido apagado. Começou seu interrogatório a partir do básico.

— Seu nome é Riley Carmichael.

— Sim. E seu é?

— Quem faz as perguntas aqui sou eu.

— E, além disso, um grosseiro.

Ele levantou o olhar de seu relatório resumido. Por alguma razão, não gostou que ela não conseguisse sustentar seu olhar severo.

— Não sou seu amigo.

— Me parece óbvio.

Ela se zangou? Seu tom parecia indicar que sim. Ele preferiu ignorar.

— Tem vinte e sete anos. Solteira. Um insignificante metro e cinquenta e dois de altura, sessenta e cinco quilos e...

— Maravilha! Passei fome, mas valeu a pena.

Ele a ignorou e continuou.

— Sua especialidade é antropologia forense. Fez as práticas em um necrotério. Assistiu a...

— Sim, sim e sim. Esses pormenores realmente importam?

— Os fatos são importantes.

— Para você, talvez. Estou mais interessada em outras coisas, como por que me fez prisioneira?

Toda vez em que a descriminava como frágil e tímida, ela o surpreendia com as palavras seguintes. Descobriu que preferia ver seus pequenos ataques de coragem do que vê-la se encolher enquanto ele franzia o cenho o tempo todo.

— Você é prisioneira porque é o inimigo.

— Eu? Uma inimiga?

Ela soltou uma breve gargalhada. Olhando para si mesma, apontou o próprio corpo, algo que ele se negou a olhar, o tamanho de seus seios e seus quadris, não precisariam serem olhados para o interrogatório, antes de voltar seu olhar inquisidor a ele.

— Que parte de mim parece ser uma ameaça pra vocês?

Porque, apesar de manter o olhar em seu rosto, fez seu pênis se enrijecer quando deveria permanecer inerte. Ele apertou a palma da mão sobre o apêndice, sem nenhum efeito.

— Você é um ser humano.

— E você também é.

Obrigado por me lembrar.

Ele fez uma careta.

— Não mais.

— Mas foi. Certamente as máquinas implantadas ao seu corpo não erradicaram por completo quem foi, e ainda é, não?

— As máquinas não, mas os militares, com a ajuda da Companhia, fizeram isso.

Sua fronte se enrugou.

— Não entendo.

— Uma merda que não. Você trabalhou para eles. Já viu como nos tratavam. Ou vai fingir que nunca viu os Cyborgs mantidos em cativeiro?

— Só vi os corpos e meus carcereiros.

— Então, nega que participou do projeto Cyborg?

— Isso é uma piada, você é o primeiro Cyborg que vi cara a cara.

— Mentira.

— É verdade.

— A instalação de onde a tirei tinha vários Cyborgs encarcerados. Está me dizendo que nunca examinou um?

— Seria difícil esquecer um tipo como você, não acha?

Agora ela estava sendo sarcástica. Até irônica, mas isso não tinha importância para ele.

— Então, o que viu?

— Só vi corpos humanos modificados.

— Está certa de que eram humanos?

Ela encolheu os ombros.

— Sim, pelo menos eram antes das experiências.

Sua atenção, que tentou afastar dos lábios carnudos, por um momento ficou nas sombras do decote, subitamente voltou a olhar o rosto dela.

— Explique.

Ela se remexeu incomoda.

— Não sei o que estavam fazendo, mas vi os resultados. Você já viu filmes de mutantes, onde algum cientista louco tenta misturar humanos com animais e terminam criando monstros?

— Não.

Mas ele era o resultado da mistura de humano e máquina.

— Oh... Bem, imagine um corpo que tenha tido seu DNA reprogramado.

— Como se nunca tivesse visto ou ouvido isso antes! — Rodou os olhos e quase socou a si mesmo por sua reação humana.

Mantenha o controle, soldado!

Ela ruborizou.

— Sinto muito. Esqueci por um momento com quem estava falando.

Como se ele pudesse.

— Bem, como dizia a pouco, os corpos que me trouxeram eram disformes.

— Disformes como?

— Os corpos eram disformes. Uma massa com órgãos aumentados e, em alguns casos, duplicados. Costelas extras. Ossos maiores e mais resistentes, em alguns casos fundidos ou ligados a outros sem nenhuma função, a densidade e a composição interna modificada. E havia coisas crescendo no corpo, na maior parte, protuberâncias da coluna vertebral e no que deveria ser um crânio muitas vezes. Dentes longos e afiados. Pele cinzenta. Dedos mais largos, mas só em alguns deles.

Aramus franziu o cenho.

— E você acredita que não eram defeitos congênitos?

— Não. Não acredito. Tampouco eram implantados.

— Seus empregadores a disseram o que causou isto?

— Tentei perguntar uma vez.

Seu olhar caiu no colo, onde seus dedos se apertaram. Mesmo ele reconhecia o medo quando o via.

— E?

— Despertei três dias mais tarde com uma fratura na mandíbula, costelas machucadas e um saudável respeito pelo silêncio.

Uma raiva repentina o inundou. Quem se atreveria a bater em uma pequena fêmea indefesa por atrever-se a fazer uma pergunta razoável? Diabos! As mesmas pessoas que não tinham escrúpulos em pegar um simples soldado e transformá-lo em uma máquina de combate.

— Em sua opinião, o que estavam tentando fazer?

— Além de brincar de ser Deus?

— Deus não existe.

Estudara a Bíblia minuciosamente, e chegara a esta conclusão porque não havia nenhuma prova concreta. Como muitos podiam acreditar em uma entidade que ninguém vira, ele não entendia.

Uma vez mais, ela o surpreendeu.

— Nisso estamos de acordo. Mas sem dúvida queriam se tornar criadores de vida. Entretanto, perguntou-me o que pensava que estavam tentando fazer. Dado o que vi nas autópsias, eu diria que estavam tentando injetar em humanos um DNA estranho.

— Estranho...

— Olha isto vai parecer loucura, mas acho que estavam

usando algum tipo de DNA alienígena.

Por que, em todo lugar que fosse, quisessem fazê-lo engolir a evidência de extraterrestres?

— Tem provas disso?

— Não.

— Então não entendo como chegou a essa conclusão.

Ela agitou as mãos e deixou escapar um suspiro.

— Pode chamar de sexto sentido. Certos órgãos nos corpos simplesmente parecem sem função ou obsoleto. Certas características se repetiam e não se parecem com nada que eu tenha visto. Se ao menos eu tivesse acesso ao mapeamento do DNA, provavelmente teria alguma ideia do que eram.

Aramus fez uma nota mental para perguntar a Percy e lhe arrancar a resposta. Já que ele coletara e analisara as amostras, deveria ter acesso a alguma informação que omitira no interrogatório.

Ah, mas tenho maneiras de fazê-lo falar.

— Como terminou trabalhando para a Companhia?

Aramus não tinha nenhuma razão lógica para esta pergunta, além da curiosidade de saber o que conduziria uma mulher como ela, a estar de acordo em trabalhar com um grupo tão infame.

— Eles mentiram para mim. Disseram que eu teria uma grande oportunidade para estudar avanços médicos. O dinheiro e os benefícios que ofereciam eram um sonho

tornado realidade. E tola, agarrei a oportunidade.

— Foi comprada.

— Quando aceitei não sabia o que estavam fazendo, jamais participaria de algo tão asqueroso voluntariamente.

— É você quem diz isso.

Ela grunhiu com indignação.

— Acredite ou não, é a verdade. E você? Quais foram suas razões para ser voluntário no projeto Cyborg?

— Voluntário? — Diante disso ele se pôs a rir — Nenhum de nós se ofereceu como voluntário. Um dia fomos dormir como homens e mulheres normais, no seguinte éramos apenas máquinas.

— Quer dizer que fizeram isto sem permissão?

— Será que é tão ingênua para pensar que alguém se ofereceria voluntariamente para isto?

— Mas os meios de comunica...

— Dizem muitas coisas. Jamais passou pela sua cabeça que a maioria delas é mentiras?

Seu sorriso zombou dela. Em lugar de lutar com mais palavras, se encolheu.

— Estou me dando conta de quão tola tenho sido.

Ordenou sua língua a não dizer as palavras, 'não é tola, simplesmente confia demais'. Não devia consolar esta fêmea. Ela era como todos os seres humanos estúpidos da Terra, acreditando no que os meios de comunicação, os militares e

as corporações despejavam em suas mentes mediócras.

— Isso é tudo por hora. Uma unidade a levará a sua acomodação até que tenhamos necessidade de respostas outra vez.

***E decidir se mais tarde a terei em minha cama...
Não usando nada.***

Aramus empurrou o pensamento indigno à distância.

— Quer dizer minha cela, não? O que planeja fazer comigo e com os outros?

Lá estava a fêmea lutadora que preferia ver. Sua postura ativa tornava mais fácil para ser ele mesmo.

— Não é assunto seu.

— É meu assunto, sim. Tenho direitos ou seja...

Já que ela estava sendo tão irritante, Aramus deveria ter expressado sua resposta habitual “Morrerá quando não me servir mais”.

Em vez disso, disse: — Por que não tem medo de mim?

— Eu deveria ter?

A humana sustentou seu olhar e se manteve assim apesar do ligeiro tremor em seus lábios.

— Sou um Cyborg.

— E?

— E odeio os humanos.

— A todos indiscriminadamente? Isso parece bastante ilógico. Só uma ínfima fração dos seres humanos, por

vontade própria tem culpa do que aconteceu a vocês.

Que fascinante. Ela pensou em usar sua própria necessidade de lógica para argumentar.

— Segundo sua imprensa. Somos monstros sedentos de sangue. Vivemos para matar e vocês acreditam nisso.

— Como você mesmo disse os meios de comunicação nem sempre dizem a verdade.

— Ah, mas eles estão corretos a respeito de certas coisas. Nós matamos. Eu mesmo matei sem hesitar. Litros de sangue humano mancham minhas mãos, e agora você tem a ousadia de me questionar.

— E por que não, eu deveria ter medo de você? — Brincou com um sorriso tímido que o abalou. — Sim, admito que fui enganada, mas não sou estúpida. Não se precisa ser um gênio para perceber que os noticiários foram muito exagerados.

— Você não viu o que deixamos na instalação? Matamos os responsáveis. Degolamos um a um.

Por que sentiu a necessidade de enfatizar este fato não pode explicar a si mesmo. Queria que ela o temesse?

— Vi, e talvez isto me torne um monstro, mas estou contente. Os mercenários tanto quanto os médicos que dirigiam o lugar não podiam ser humanos. Mereceram esse fim. Estou feliz por estarem mortos.

Maldita mulher, com aquelas palavras ditas com veemência, só podia admirá-la.

— Eu posso matar você agora mesmo e não sentir remorso.

— Sim, você pode, mas não fará.

— Mas posso? Ninguém me deterá.

— E mesmo assim não fará.

— Por que tem tanta certeza disso?

Os olhos azuis se encontraram com os seus, o contato inalterável diante de sua carranca feroz.

— Porque você não é um monstro.

Seis palavras simples, entretanto acertaram seu coração em cheio. Se estivesse de pé, teria cambaleado.

Não fraqueje, ela é perigosa.

Teria de colocá-la em seu lugar, mas nada de torcer o lindo pescoço, coisa que não podia fazer, por razões práticas, ainda poderia precisar interrogá-la, tinha que fazê-la entender que ele não era seu amigo.

Que era uma força a ser respeitada, que era um ser perigoso. O que poderia fazer a esta fêmea sem causar danos físicos e ainda assim fazê-la vê-lo de outra maneira?

Culpou seu pênis em mau funcionamento pelo que fez a seguir.

E para aqueles que se atrevessem a perguntar, ele se recriminou duramente por sua ação seguinte... Mais tarde... Enquanto revivia o beijo.

Capítulo Nove

Em menos de um minuto, o Cyborg sentado na cadeira em frente à mesa tentava intimidá-la, querendo convencê-la de que era um monstro. E no instante seguinte, ele a arrastava por cima da mesa e a beijava com voracidade.

Surpresa com sua ação rápida, Riley levou um momento para processar a situação. Seu corpo, no entanto, reagiu imediatamente. Apesar da situação, sentia-se atraída pelo Cyborg desde o momento em que entrou naquela sala.

Claro que ele parecia intimidador. Que homem tão grande não seria? Com um metro e noventa e oito de estatura, com os músculos que usuários de esteroides invejariam e uma atitude áspera que faria qualquer carcereiro de prisões com vergonha. Mas... Quanto mais falava, tentando impressioná-la com sua franqueza e suas perspectivas violentas, mais viu o humano em seu interior. Um homem que só recebera violência e crueldade, que não confiava em ninguém, que resolvia as situações da única forma que sabia... Com violência.

E, entretanto, este Cyborg, o homem que queria ser visto como um assassino brutal a salvara, e a outros também, tratando-os com mais respeito que os chamados seres humanos que tão ferrenhamente combatia.

Ele não era um monstro mais do que ela era e nada

parecido com o que diversos meios de comunicação queriam fazer acreditar.

Não posso acreditar que engoli toda aquela propaganda.

Ele também era tremendamente sexy. Claro, ele não tinha a aparência de um supermodelo, mas era atraente de um jeito próprio, com características tão masculinas e fascinantes. Seu olhar penetrante se fixou em sua aparência e se desviou para seus seios mais de uma vez com óbvia apreciação masculina, e nenhuma só vez fez insinuações de cunho sexual.

Razão pela qual seu beijo a tinha surpreendido tanto. Uma parte dela entendia porque o fez, queria assustá-la, pô-la em seu lugar e que o temesse. Embora tenha obtido um efeito contrário. De fato, assim que seus lábios se tocaram, uma sensação quase elétrica passou por ela, uma sensação que aqueceu seu sangue e ela suavizou a boca até que o que tinha começado como um abraço esmagador se tornar em uma sensual exploração de seus lábios e logo a fusão de suas línguas.

Tinha se passado muito tempo desde que sentira o toque de um homem, um toque sem pretender causar dor. Mais tempo ainda desde que tinha beijado alguém, há tanto tempo que nem mesmo podia se lembrar do rosto de seu último namorado. Sem hesitar se entregou ao beijo de todo coração, a tenra carícia florescia como uma flor no deserto depois de uma chuva repentina. Seu corpo se aqueceu, a

umidade surgiu entre suas coxas, seus mamilos se arrepiaram em antecipação. Inclusive seus dedos se crisparam enquanto todo seu corpo... Até onde teriam chegado se o sistema de comunicação não tivesse crepitado com uma estática ruidosa?

— Avion acordou.

Apesar da interrupção, ele não a empurrou para longe nem terminou o beijo abruptamente. Com relutância evidente, deu em seu lábio inferior uma última sucção antes de se inclinar e se afastar dela. Então viu quando ele a fitou fixamente por um momento, ela adoraria saber por quê. De repente sua expressão mudou de um homem desconcertado para a de um homem endurecido, um soldado.

— Fora daqui! — Quando ela hesitou, ele gritou novamente. — Agora!

Ela se afastou em direção a porta um pouco desnorteada, a porta da sala se abriu enquanto ela se aproximava, lhe permitindo sair. Ela correu e se chocou com o peito sólido do Cyborg que estava esperando para escoltá-la. Ou pelo menos ela supôs que fosse Cyborg. Nada em seu aspecto exterior, com exceção de seu tamanho e físico exagerado, o fazia parecer não ser totalmente humano.

— Sinto muito — Murmurou, com os olhos baixos, perturbada e confusa com o que acabara de ocorrer.

Seu guardião não pareceu se dar conta de seu estado perturbado porque ele girou sobre seus calcanhares com uma ordem insossa.

— Siga-me.

Quase precisou correr para seguir o ritmo das passadas mais largas do macho, mas isso não a deteve de fazer perguntas, queria não pensar no beijo.

— Você é um Cyborg também?

O guarda virou a cabeça, mais do que uma coluna vertebral normal poderia ter feito, para lançar a ela um olhar divertido.

— O que acha?

— Que deveria fazer um teste para um papel em 'O Exorcista'.

Um alçar das sobrancelhas alterou a suavidade de sua frente.

— Não entendi a referência.

— Sinto muito. Referi-me a um filme que vi quando era adolescente.

— Ah... Uma das formas de entretenimento que os humanos apreciam tanto?

Que estranha forma de falar, como se estivessem falando de duas espécies diferentes. Será que realmente os Cyborgs se viam de maneira diferente? Eram humanos ou foram. E definitivamente beijavam como os humanos. Até melhor. Entretanto, parecia que se colocavam em um plano completamente diferente. Eles realmente não se lembravam do tempo em que tinham vivido como humanos na Terra? Subitamente deu-se conta de que seu guia estava esperando

uma resposta.

— Sim, isso mesmo. Os Cyborgs não as têm também?

— Não. Não têm nenhum valor educativo.

— Não são destinadas a ensinar, e sim para se distrair, passar o tempo.

— Prefiro passar meu tempo fazendo algo mais construtivo.

— Só trabalho, nenhum lazer? Isso não parece muito divertido.

— A diversão não é um requisito dos nossos sistemas de vida. Chegamos a sua cela. A comida será entregue em breve. Por favor, informe aos outros.

Não chegou a empurrá-la através da abertura, mas o Cyborg que pensava que não precisava de diversão em sua vida, escapou dela com suficiente rapidez. Antes que pudesse pensar em sua estranha maneira de ver as coisas, ou no incrível beijo, foi bombardeada por perguntas.

— O que fizeram a você?

— O... Qu... Que... Querem?

— Vão nos levar para casa?

— Vão nos matar?

Riley levantou uma mão.

— Hey. Um de cada vez.

Carmen, como de costume, se assegurou de fazer a primeira pergunta.

— Sabe o que eles planejam para nós?

— O grandão com quem falei não disse nada. Ao contrário, parecia querer saber o que estávamos fazendo na instalação.

— Você disse tudo a ele?

— Sim. Não vi nenhum motivo para esconder o que quer que seja.

— Mas são Cy... Cy... Cyborgs.

— Sim, e até agora nos trataram com mais benevolência que nossos empregadores.

Percy olhou para a câmara que registrava todos os seus movimentos e falou com olhar cauteloso.

— Di... Disse... Bem... Até agora.

— O que acha que estão planejando? — Perguntou Carmen.

Pensar no Cyborg com quem tinha conversado, além do fato de ser um sujeito grande, atraente, e a ter beijado melhor que qualquer um de seus antigos namorados?

— Eles definitivamente não são os assassinos sedentos de sangue que os militares queriam nos fazer acreditar.

— Nisso concordamos. Não são o que esperávamos — Disse Carmen, ajeitando os cabelos sobre o ombro com um olhar tímido para a câmara.

— Por quê? Porque não nos mataram ainda ou não nos n... No... Nos des... Desmontaram para pe... Peças?

Percy e suas atitudes negativas. Por que estava tão decidido a acreditar o pior? Riley tossiu para não rir.

— Bem, eu acredito que as notícias divulgadas foram exageradas.

— N... Não viu o ba... Banho de sangue quando assumiram o con... Controle da instalação?

— Sim. E também vi o que os chamados seres humanos fizeram aos outros detentos, assim como a alguns dos presentes também — Indicou com a mão às mulheres mudas que se sentavam no canto assustadas. — Se quer saber minha opinião, estamos bem melhor agora. Pelo menos os Cyborgs agem com lógica.

— E como isso pode nos ajudar?

— Porque enquanto sua lógica diz que podem nos usar, não vão nos machucar.

Bem, assim pensava. Porque, castigo ou não, ela não acreditava que o beijo fosse um elemento de dissuasão.

— Também são machos sem nenhuma fêmea a bordo.

Uma vez mais, Carmen lançou um olhar tímido à câmara, posando e lambendo os lábios carnudos. Riley queria girar os olhos. Ela não poderia ser mais objetiva?

— Você dormiria com eles? — Percy franziu o nariz.

— Sexo, fazer sexo, não dormir. Os Cyborgs devem gostar de sexo tanto quanto os humanos, por que já foram como nós.

A franqueza de Carmen fez o rubor subir ao rosto de

Riley.

— E como sabe disso?

— Não é preciso ser um gênio para perceber uma ereção. E onde há uma ereção, há uma oportunidade para seduzir.

A euforia de Riley com o beijo se evaporou. Seu captor Cyborg teria abraçado e beijado Carmen também? Faria com todas as prisioneiras? Não se atreveu a perguntar. Temia parecer uma tola diante dos outros, especialmente por ter pensado naquele beijo como uma resposta a um impulso, ao menos de sua parte.

Como fui idiota por pensar que tínhamos compartilhado algo incomum.

Seria uma ferida em seu orgulho, se soubesse que não fora à única.

— Então, o q... Que vamos fa... Fazer agora? — Perguntou Percy.

— Esperar.

Esperar para que os Cyborgs os deixassem viver, ou se, como Percy temia, morrer. No caso de Riley, também se perguntava se o grandão tentaria beijá-la outra vez, ou até algo mais.

Capítulo Dez

Aramus ordenou a si mesmo esquecer à pequena fêmea, mas ela não quis deixar seus pensamentos. Enquanto caminhava pelos corredores de sua nave em direção à enfermaria, não pôde evitar lembra a conversa... E o beijo.

Riley se mostrava um verdadeiro quebra-cabeça, um momento fazia perguntas audaciosamente, no seguinte se acovardava como se temesse às represálias. E nesse momento ele tinha vontade de matar as pessoas responsáveis por isso de novo, desta vez de maneira mais dolorosa, o que o fazia duvidar se estava funcionando 100% de sua capacidade.

Merda! O que está havendo comigo? Por que seu sofrimento me deixa tão malditamente zangado?

Se autoanalisando deduziu que sua fúria parecia provir da compaixão, compaixão por um ser humano. Que diabos era isso? Represália pelo sofrimento causado a Avion e a outros Cyborgs podia entender. Compartilhavam um vínculo. Faziam parte de uma espécie de família. Mas ela não era nada além de uma prisioneira que tinha a informação que ele precisava.

Preciso de outro beijo.

De onde saía esse pensamento? Certamente não dele.

Argh! Isso é inaceitável. Talvez não tenha perdido

energia suficiente durante a luta na instalação. Ou sua adrenalina ainda estava alta. Assim que tivesse falado com Avion, iria diretamente ao ginásio. Levantar algum peso. Desmantelar alguns sacos. Suar até pelos cotovelos. Talvez então pudesse convencer seu corpo a se comportar de maneira mais apropriada.

Eu estarei no controle, e você me obedecerá.

É muito fácil dizer agora com Riley longe de sua presença, mas não podia deixar de se perguntar quando a falha voltaria a ocorrer se precisasse passar muito tempo em sua presença novamente. Seu lado curioso o impulsionou a comprová-lo. Sua lógica gritou 'perigo'. Uma lobotomia para eliminar os sentimentos totalmente parecia cada vez mais atraente.

Ao chegar ao compartimento médico, entrou e encontrou Avion recostado em posição sentado e com melhor aspecto. Mais exatamente, limpo. Embora tivessem banhado o Cyborg, dando ao cabelo e a queixo uma limpeza mais apurada, ainda parecia tão frágil quanto antes, seus ferimentos ainda evidentes.

M.J., o único cyborg com algum tipo de formação médica a bordo tratava de colocar soro nas veias de Avion que tinham as marcas de que já fora usadas em excesso como agulheiro.

— Que diabos está fazendo?

— Tentando injetar um pouco de líquido nele.

— Então dê a ele algo para beber.

M.J. o fulminou com um olhar.

— Ah! Obrigado pela sugestão. Nunca pensei nisso.

— Não se zangue com ele — Disse Avion com voz áspera.
— Tentei beber, mas meu estômago não aceitou. Passei tanto tempo sem ingerir algo que meu corpo está se recusando a absorver.

— Estou tentando hidratá-lo usando métodos médicos mais tradicionais já que a absorção pelos nanos de sua pele também fracassou.

A notícia surpreendeu Aramus. Nunca ouvira falar de qualquer nano Cyborg falhando antes. Correndo pela corrente sanguínea e impregnando cada parte do corpo, os nanobots eram como minicomputadores que regulavam e cuidavam de todo corpo. Era parte do que fazia os Cyborg mais fortes e resistentes. Sem eles... Não eram melhores que um ser humano.

— Tentou reiniciar seu sistema para ativar os nanos?

— A reiniciação não ajudou. Tentei uma conexão com nosso sistema de diagnóstico médico a bordo e outras coisas, mas seu corpo continua a se recusar a ativar os nanos.

— O que fizeram a você? — Aramus pronunciou a pergunta interior em voz alta.

— É melhor me perguntar o que não me fizeram — Respondeu Avion, um pálido sorriso torcendo seus lábios.

— Por que não começamos com como você sobreviveu. Pensei que tivesse sido morto quando atacamos aquele

asteroide.

— Tive sorte, ou não muita... Suponho que depende de como se olha. Terminei protegido do pior da explosão pelo escudo ao redor do centro de comando, mas eu sofri muitos danos, o meu BCI me apagou enquanto meus nanos faziam os reparos. Uma unidade de resgate me recolheu. Despertei e me encontrei em uma jaula eletrificada rodeado de chumbo, sem jeito de entrar ou sair, nem sequer consegui enviar uma mensagem.

— Foi resgatado por militares?

— Isso foi o que suspeitei inicialmente até que percebi que os soldados falavam todo tipo de idiomas e vestiam uniformes civis, não os da federação.

— Então foi prisioneiro durante todo este tempo?

Aquilo não era nada bom.

Dado seu estado de esgotamento, Aramus se perguntou quantos segredos Cyborg Avion teria revelado, de forma deliberada ou não. Sua preocupação deve ter se mostrado em seu tom, porque Avion respondeu como se tivesse lido sua mente.

— Sim fui, mas não se preocupe quanto aos nossos segredos. Eu os protegi muito bem. Fechei meus receptores de dor tão assim que percebi que era um prisioneiro de guerra. Também limpei meus bancos de dados, eliminei tudo que fosse referente à fuga Cyborg.

— E a localização de nosso planeta permanece segura?

— Totalmente segura inclusive quando tentei escapar, o que me deixaram fazer uma vez, quando se deram conta de que a tortura não estava levando a parte alguma, mas eu não tinha como chegar ao nosso lar.

— Não me lembro de ter ouvido algo sobre uma tentativa de você se pôr em contato conosco.

— Porque não podia. Limpei tudo para mantê-los a salvo. As únicas informações retidas no meu BCI foram a certeza de nossa libertação, quem eu era, e o que me aconteceu. Usei essas informações como pontos centrais quando as coisas ficavam difíceis. Todo o resto se foi. Eu não vaguei por aí durante muito tempo antes que me trouxessem de volta para fazerem seus testes.

— Guardou um registro detalhado sobre como foi tratado nas mãos dos humanos?

— Sim.

M.J., que ainda lidava com os tubos, os interrompeu.

— Descarregamos o registro assim que tentei reativar seus nanos. Esperamos que Einstein ou alguém possa, através das lembranças, encontrar uma maneira de reverter os danos feitos aos seus sistemas Cyborg. Nunca vi nada igual. É como se suas peças mecânicas não estivessem aí, no entanto o corpo dele as usa como uma versão humana carnuda. É por isso que está se curando muito lentamente. Para todos os efeitos, apesar de suas atualizações, Avion agora é humano.

Aramus cambaleou diante da conclusão impactante,

totalmente horrorizado. Não podia imaginar uma vida sem suas atualizações.

Por mais que odiasse o que tinham feito com ele, admitia que era uma versão melhorada de seu antigo corpo humano. Passar de forte a frágil? Horrorizou-o ao extremo.

Ele apertou o ombro de Avion, contente de que o Cyborg, agora cego, não pudesse ver sua expressão de piedade. Avion mesmo assim percebeu.

— Não sinta pena de mim. Sou um Cyborg. Posso ser reparado. Vou voltar mais forte que nunca. E quando o fizer...

— Vamos matar os responsáveis, juntos.

Depois de sua visita a Avion, foi averiguar o estado das novas adições Cyborg. A fêmea permanecia sedada enquanto seu corpo se curava, os nanos respondendo adequadamente. O outro Cyborg masculino que tinham recolhido fora interrogado, mas não pôde proporcionar muita informação. Parecia ter passado muitos anos em um posto avançado, por conta própria, e que tinha chegado recentemente à instalação oculta.

Pareceu grato diante das mudanças em sua nova vida, em especial ao ter conhecimento de que os Cyborgs não recebiam mais ordens dos humanos. Isso não significava que Aramus lhe concederia algum benefício imediato. Até que as novas unidades passassem por uma sessão informativa completa e uma depuração, nenhum deles teria acesso sem restrições à nave ou a sua tripulação. Quem poderia saber que bombas de tempo ocultas havia dentro de seus corpos?

Não seria a primeira vez que as forças armadas ou a Companhia tornavam um Cyborg uma arma móvel.

Aphelion contatou Aramus para avisá-lo de que tinha conseguido tudo o que podia extrair dos computadores da instalação.

— Neste momento, não há nada mais que possamos copiar.

— Ótimo. Não podemos continuara aqui. Somos um alvo muito fácil. Prepare a nave para a decolagem.

— Sim, Senhor.

— Ah, e... Aphelion.

— Sim.

— Avise-me assim que estivermos a uma distância segura para lançarmos uma arma nuclear.

Aramus não deixaria de maneira nenhuma este lugar de tortura intacto.

Enquanto olhava momentos mais tarde as ruínas fumegantes da montanha e os horrores que tinha encontrado em seu interior, não podia se defender de seu humor lúgubre.

Um a menos, quantos a mais para encontrar?

E onde se meteu Seth?

Capítulo Onze

Passou-se um dia. Trancados na grande cela, os prisioneiros se sentiam aborrecidos, já se esgotada todo o tipo de conversa, cada um se sentou em suas camas, ruminando sua situação. O homem ferido, os Cyborgs levaram com o pretexto de cuidar dele. As mulheres mudas se consolavam mutuamente, encolhidas em um canto, olhando Percy com suspeita e recusando qualquer proposta que Riley e Carmen fizeram.

Sem nada que os distraísse, o silêncio caiu pesado, e Riley usou esse tempo libertando sua imaginação desenfreada à funcionar enquanto se perguntava o que esperar a seguir. Ela não vira o Cyborg grandão desde o interrogatório do dia anterior, só seu guarda, que deslizava as bandejas de comida em sua cela e se negava obstinadamente a responder a qualquer de suas perguntas.

Enquanto Carmen brincava com a câmara, Riley se negou a sequer olhá-la enquanto parte dela se perguntava se ele estava observando. Se ele observava, então conseguiu dar uma boa olhada em seu decote, já que Carmen tinha desabotoado seu macacão o suficiente para deixar pouco à imaginação, alegando que tinha muito calor. Era curioso, porque Riley pessoalmente achava a sala fria e teria assumido que Carmen também, tendo em conta que ela

estava mostrando os 'faróis' altos.

Pouco caridosa ou não, ela não podia deixar de etiquetar à psicóloga como uma desavergonhada. Ali estavam, esperando pela liberdade ou morte, ou alguma terceira opção desconhecida os esperando, e tudo o que Carmen parecia poder pensar era em seduzir um de seus captores. O fato de Riley pensar continuamente no beijo parecia não ter importância em comparação, em sua mente pelo menos. Sim, tinha, gostara muito do abraço, mas isso não precisava ser alardeado e muito menos que se masturbasse virtualmente para um público invisível.

Quando começaram a ser chamados pela segunda vez, um por um foram conduzidos para fora e não voltaram. Primeiro as mulheres mudas, depois Percy. E Carmen se foi com um sorriso brilhante lançado ao guarda e um...

— Oi, bonitão.

Até que restou somente Riley, uma Riley muito nervosa que se perguntava se seu tempo tinha acabado.

Então é assim que vou terminar?

Depois de tudo o que tinha passado, de não ter sido morta pelos maus tratos contínuos de sua própria espécie? A ironia da situação não passou despercebida por ela.

Quando chegou sua vez, ela lutou para permanecer firme, mantendo as costas eretas enquanto seguia o mesmo Cyborg pouco comunicativo de antes por uma área diferente da nave.

— Aonde vamos?

Para sua surpresa ele respondeu, entretanto, não esclareceu nada.

— Por este caminho.

— E onde nos levará este caminho?

— Ao nosso destino.

— Por quê?

— Porque Aramus ordenou.

Quase quis gritar e puxar os cabelos dele por suas respostas inúteis.

— Quem é Aramus?

Alguém grunhiu atrás dela com um: — Sou eu.

Riley se virou e encontrou o grandão com a cabeça metálica que a tinha interrogado, e que lhe deu um beijo, se aproximar silenciosamente deles.

— Alguma pergunta mais?

— Na verdade, várias.

— Por que não estou surpreso? — Murmurou. — Está dispensado, Smith. Cuidarei dela pessoalmente.

Ele fechou os dedos ao redor de seu braço, e praticamente a arrastou pelo corredor.

— Seu nome é Aramus?

— Pensei já ter confirmado isso.

— É o Capitão desta nave?

— Quem é o Capitão não é de sua alçada, a menos que seja uma espiã.

Ele parou de repente, e ela tropeçou. Só a pressão em seu braço a mantinha erguida. Também significava que quando quase caiu, foram as mãos dele que a sustentaram. Usava uma camiseta que se agarrava ao seu torso enorme, quando suas mãos se estenderam até seu peito, seu calor passou através do tecido, surpreendendo-a. Não percebera antes, durante o abraço.

Ela não pôde evitar dizer: — Você é tão quente.

— Em comparação a que. Frio?

Ela ruborizou.

— Na última vez em que conversamos não tinha notado isso — Ela mentiu.

Pensara que o extremo calor de seu tato fosse resultado de sua própria resposta febril ao abraço.

— Os Cyborgs tendem a regular a temperatura um pouco mais alta que a dos humanos, embora possamos deixá-la cair se for necessário.

— Por que precisariam baixar a temperatura?

— A maioria das unidades de detecção procuram assinaturas de calor. Ao planejar uma emboscada ou invasão, mascarar nossa temperatura pode permitir uma invasão sem muita resistência.

Isso tinha sentido.

— Estou surpresa por você estar me dizendo isto. Não

acaba de me acusar de ser uma espiã?

Ele encolheu os ombros.

— Nossa capacidade de regular a temperatura é de conhecimento comum.

— Que outra coisa poderia ser de conhecimento comum a respeito de sua espécie?

Assim que as palavras saíram de seus lábios se deu conta de como soava. Como se ela o considerava algo mais, alguém que não era como ela.

Por outro lado, eu diria que é bem óbvio que ele não é como eu.

Embora tivesse sido humano há muito tempo, ele deixara mais que claro que já não pensava em si mesmo como alguém da mesma espécie que ela. Seus lábios se curvaram em tom de brincadeira.

— Minha 'espécie'... — Disse, destacando as palavras —, é mais forte, mais rápido e mais inteligente que os humanos. Somos mais quentes que vocês. Os machos são maiores, tanto em altura como em massa corporal, espertinha. Também somos eficientes, lógicos quando se trata de agir e implacáveis quando se trata de lutar com os inimigos ou espiões.

Fixou seu olhar nela com a intenção de intimidá-la. Por alguma razão, não provocou medo.

— Oh, pelo amor de Deus. Não sou uma espiã. A quem diabos eu iria informar? E como? Por que faria uma tolice

dessas? Aqueles miseráveis me trataram com crueldade.

— Mas se precisasse escolher entre salvar um ser humano ou um Cyborg, nós dois sabemos quem você escolheria.

— Quem o merecesse mais.

— Então, suponho que estaria encrencado — Disse Aramus, arrastando as palavras com sarcasmo.

— Não esteja tão certo disso. Você pode agir como 'O Senhor Importante e Resistente', mas aposto que tem um coração mole.

Por que afirmou aquilo ela não sabia, mas não pode deixar de rir enquanto suas sobrancelhas se levantaram de maneira cômica diante de sua afirmação.

— Eu não tenho coração mole.

— De modo algum.

— Toque meu peito, ele bate forte.

— Não quis dizer fisicamente. Quis dizer, que você se preocupa mais do que pensa e não só com os Cyborgs.

— A preocupação, não está em minha programação.

— E eu digo que se dane sua programação. Não pode esconder o fato de que você sente emoções.

— As emoções são para os fracos.

— É aí que está enganado. As emoções nos fazem mais fortes. É o que nos faz lutar quando a coisa mais fácil seria desistir. Se me perguntar, os Cyborgs se preocupam muito.

Por que odeiam os humanos pelo que os fizeram e fazem, por que querem vingança?

— Nós usamos a vingança para que possamos ter paz.

— Se querem a paz, melhor fugir e nunca voltar. Entretanto, ainda desejam algo da humanidade. Vingança, respostas, aceitação. O que é?

— Nada — Espetou — Mas se não deixar de me irritar, vou matá-la.

— Não, não creio.

Uma vez mais, ele rugiu.

— Por que insiste em pensar que sou incapaz de espalhar a violência? Eu poderia quebrar seu pescoço neste instante e não sentir remorso.

— Isso diz o sujeito que me impediu de cair e me machucar — Ela olhou seu braço, que, embora seguro por ele, a mantinha equilibrada.

— Realmente está me provocando?

— Sim, estou e, no entanto, você ainda não me bateu, matou ou me calou arrancando minhas cordas vocais, isso só reforça minha crença. Você é um sujeito muito bom por dentro.

Enquanto suas sobrancelhas se juntavam para formar uma linha escura, e o vapor virtualmente escapava de seus ouvidos, ela não pode deixar de sorrir, mesmo enquanto questionava a própria prudência.

Deus, pareço estar desejando a morte! Por que o

provoco desta maneira?

— Retire o que acabou de dizer.

— Não.

Por que brincava com o Cyborg enorme e assustador não podia dizer, mas estava brincando com fogo, e sem dúvida acertou em cheio seu escudo emocional.

Espero estar certa, ou enlouqueci, estou a ponto de morrer.

— Você acha que me conhece, que não deve ter medo de mim, mas vou provar a você o contrário — Gritou, segurando-a com mais força, mas ainda sem ferir.

Se ele quisesse, poderia ter esmagado seu braço. Ao invés disso ele a empurrou contra a parede. Aramus poderia fazer dezenas de coisas para fazê-la calar. Os humanos que a mantiveram a força na instalação precisaram de menos motivos para lhe infligir dor.

— Eu retiraria o que disse se pensasse que realmente você pudesse me machucar. Mas não o fará. E não me assusta.

Manteve-se firme e enfrentou seu olhar furioso olhar com uma expressão imutável. Se monitorassem agora os seus batimentos cardíaco, diria que estava mentindo, já que acelerou mais que o normal. Mas ela era médica, e sabia a verdadeira causa. Atração. Quanto mais ele negava a sensibilidade e ternura em seu interior, mais atraente o parecia. Queria uma repetição do beijo. Queria mais...

Uma cabeça surgiu fora de uma porta no corredor.

— Se tiver terminado de gritar com a fêmea, poderia trazê-la até aqui? Avion está curioso para conhecer a humana com desejo de morrer.

— Quem é Avion? — Perguntou enquanto se via arrastada atrás de Aramus.

— Um dos Cyborgs que você afirma não ter visto enquanto trabalhava na instalação.

Essa foi à única advertência que teve antes que praticamente a atirasse dentro da sala e se encontrasse cara a cara com o Cyborg chamado Avion.

Deus, o que fizeram com ele!

As lágrimas subiram aos olhos, e se mordeu o lábio para não gemer. Antes, quando tinha examinado os corpos mutilados dos experimentos levados a ela, tinha achado fácil guardar uma distância profissional. Nunca os conhecera ou falara com eles. Estavam mortos.

Entretanto, o pobre homem diante dela? Estava todo coberto de ferimentos, fora tratado com toda a maldade que testemunhara nas instalações. Não precisava ser um médico, ou gênio, para ver que diante de si havia uma somente a sombra do homem que um dia fora. Só a pele pendurada em seu corpo dava a entender que tinha perdido muito peso, e também massa muscular. As cicatrizes suturadas e hematomas cruzavam seu peito e braços expostos, uma prova mais dos maus tratos sofrido nas mãos dos homens. Uma bandagem cobria os olhos, mas podia adivinhar o que havia

por baixo. Tinha visto antes em sua mesa, olhos que os cientistas mantiveram ali, quem sabe por que razão. Todas estas coisas combinadas rasgaram uma parte dela, queria chorar pelo Cyborg que nunca tinha conhecido, mas que instantaneamente sentiu simpatia por ele.

— Eu... Eu... — Murmurou. — O que fizeram a você?

— Como continuo dizendo seria mais fácil perguntar o que eles não fizeram — Brincou o Cyborg com humor irônico.

— Como pode brincar com isso?

— Porque não posso chorar. Além disso, o que ia conseguir me lamentando? Sou um Cyborg. Eu ficarei curado. Com o tempo. Espero.

— Como assim?

— Nada — Aramus grunhiu. — Suponho que como seus amigos, vai alegar que nunca o viu antes?

— E como já disse, só lidei com os corpos. E nunca tive um Cyborg morto em minha mesa.

— Tem certeza?

Voltando a olhar Aramus, ela o encontrou observando-a atento, em vez de olhar ao Cyborg na cama.

— Sim, estou certa. Ou você gostaria de voltar a me acusar de mentirosa?

— E não é isso o que os humanos fazem melhor?

— Nem todos nós.

Ele fez um som similar ao que seu avô fazia quando

ninguém estava de acordo com seus pontos de vista sobre a desordem política no mundo. Ela suspirou.

— Acreditando em mim ou não, eu não sou sua inimiga. Eu não entendo por que me trouxe aqui. O que exatamente quer de mim?

— Pode me dizer o que fizeram a ele?

— Não sei, já disse que nunca o tinha visto.

— Mas está mais que familiarizada com os resultados do que fizeram. Quero que examine Avion e veja se ele sofreu as experiências que comentou sobre os cadáveres em que realizou as autópsias.

— Não pode estar falando sério.

— Por que diabos não?

— Bem, para começar ele está vivo.

— E?

— Minha especialidade são autópsias em coisas mortas.

— Não é muito diferente. Todos eles têm as mesmas partes, mais ou menos.

— Há muita diferença sim senhor. Cadáveres não sangram ou gritam ao serem cortados ao se abrir.

— Um momento, doutora, ninguém disse nada sobre cortar — Interveio Avion.

— E eu de modo algum pretendo fazê-lo. Eu diria que o que te aconteceu já foi mais que suficiente.

Cruzou os braços e fitou Aramus, desafiando-o a

contradizê-la, uma vez mais pondo sua paciência a prova. Se não gostou da ideia, então paciência. Ele poderia fazê-la sofrer, mas ela jamais se tornaria um dos monstros que odiava.

— Os dois poderiam parar de fazer conclusões ilógicas? Quando disse que o examinasse, referi-me de modo geral. Nada invasivo.

— Oh!

Ela corou diante da ideia equivocada e Avion riu enquanto dizia: — Bem, isso é um alívio.

— Vocês dois estão parecendo crianças birrentas — Murmurou Aramus. — Vou pegar umas luvas.

— Para que? Está pensando em colocar o dedo em certo buraco e me fazer tossir?⁸

Riley não sabia quem parecia mais surpreso com a brincadeira de Avion, ela ou Aramus.

— Em primeiro lugar, não colocarei meu dedo em nenhum buraco, especialmente nesse em questão. E em segundo lugar, as luvas são por razões sanitárias. Sempre as uso, assim não contamina e nem sou contaminado. Mesmo os Cyborgs não são imunes às enfermidades — Anunciou Aramus.

— Deveria usar as luvas — Opinou Avion.

Riley sentiu algo oculto em suas palavras, e pensou na quietude que se prolongava quando Aramus franziu o cenho

⁸ Alusão ao exame proctológico que consiste em introduzir um dedo no ânus masculino, exame de toque

diante do Cyborg ferido. Depois de uns momentos, ele assentiu com a cabeça, dizendo: — Tem razão.

Hey? Será que perdi algo?

Riley sentiu como se definitivamente tivesse havido uma conversa entre os dois, mas se esse fosse o caso, teria sido uma conversa telepática, no que dizia respeito aos Cyborgs, tudo era possível. Qualquer que fosse o caso pegou um par de luvas da caixa poeirenta sobre uma bancada, e se aproximou de Avion.

— Boas notícias, não tem nenhum membro a mais — Ela anunciou enquanto colocava as mãos sobre suas costelas e começou a apalpar.

— Nem uma cauda? — Brincou Avion. — Viu uma grande quantidade de deformidades nos corpos que examinou?

— Sim e não. Muitas das mudanças não eram muito evidentes. Só quando começava a abri-los notava as diferenças, embora, na maioria dos casos, a cor da pele os delatava. Sem exceção, os cadáveres variavam em tons de cinza.

— Mas, eram humanos?

— Como disse ao grandão aqui... — Disse, ignorando Aramus, que se inclinava sobre seu ombro observando cada movimento —, minha opinião é que estavam misturando DNA estranho com humano, tentavam criar algo novo.

— E tiveram êxito?

Ela encolheu os ombros.

— Nunca vi um dos cinzentos vivo, se foi essa a sua pergunta.

— Como morreram?

— Violentamente. As balas na cabeça foram à causa mais comum de óbito.

— O segundo método mais comum?

— Decapitação.

— Está brincando? — Aramus parecia surpreso.

— Bem que gostaria. Os cadáveres decapitados eram ainda menos parecidos aos humanos. Eram os que tinham caudas, braços e pernas extras. Alguns inclusive tinham arcadas espinhosas nas costas. No mínimo era preocupante, eram quase como demônios.

— Tinham chifres? — Aramus zombou.

— Não tenho ideia. Nunca vi as cabeças.

— O que acha que fizeram com elas?

Ela encolheu os ombros enquanto se movia mais abaixo nas costelas de Avion para apalpar seu abdômen, seus dedos se afundando na cavidade flácida, tão diferente do abdômen duro do Cyborg respirando em seu pescoço.

— Não sei. Talvez as conservassem em formol⁹ e colocaram em uma prateleira como parte de uma coleção.

— Maldição. A equipe que invadiu a instalação

⁹ Produto químico usado na embalsamação e preservação de cadáveres

encontrou uma, mas assim que a as equipes de buscas entraram na sala o corpo tinha desaparecido.

Ela estremeceu.

— O que fariam com o espécime?

— Nossos cientistas o examinariam.

— Cientistas? Pensei que todos os Cyborgs fossem soldados.

— Nem todos — Respondeu Avion. — Nossa espécie está...

— Ela não precisa saber como nossa estrutura social Cyborg é dividida — Interrompeu Aramus. — E o que você acha que está fazendo?

— Examinando Avion como me pediu.

No processo de sondar os quadris do Cyborg com os dedos, Riley fez todo o possível para manter olhar longe da virilha.

— Não gostaria de um pouco de privacidade enquanto o acaricia? — Aramus disparou.

Ela parou o exame e se virou para fitá-lo.

— Qual é o seu problema? Só estou fazendo o que me pediu.

Entretanto, o Cyborg parecia irracionalmente zangado. Simplesmente ela não podia entender por que.

— Se eu não o conhecesse melhor, diria que está com ciúmes — Avion lançou.

Capítulo Doze

Aramus não sabia de onde veio à raiva. Não tinha nenhuma base racional. Riley estava fazendo o que ele queria. Examinar Avion, sua atitude era profissional, seu trato com o paciente amável e cortês. Mas assim que ela puxou para baixo o lençol que cobria a parte inferior de Avion, mais especificamente a virilha, que reagiu a seu contato clínico, Aramus se encontrou repentinamente possuído por uma raiva absurda... A vontade de socar seu amigo antes de lançá-lo à distância, explodiu nele.

O que há de errado comigo?

Para sua surpresa, seu BCI tinha uma resposta preparada.

Ciúmes.

Ciúmes? De maneira nenhuma. Ele não devia se irritar com a doutora tocando Avion. Ela estava fazendo seu trabalho. Então se lembrou de que mal podia controlar sua cólera... Ou deter o impulso de beijá-la quando ela o olhou com os olhos brilhantes e os lábios franzidos. Tentou justificar suas ações.

— Só estou garantindo que não tome vantagem sobre Avion. Ele está cego e não pode ver o que você está fazendo.

— Ah... Na verdade ela pode se aproveitar de mim o

quanto quiser — Interveio Avion. — Sabe há quanto tempo uma mulher me tocou aí embaixo? — Sorriu.

Aramus apertou os punhos junto ao corpo para não arrancar o sorriso no rosto de Avion.

— Este é um exame médico, não um encontro com brincadeiras preliminares. Espero que ambos se comportem de uma maneira profissional.

— Está pondo em dúvida minha capacidade profissional? — Ela o questionou com os olhos ainda cintilando com irritação. — Você está agindo como um louco. Se não pode suportar ficar só olhando, então talvez devesse sair da sala e esperar lá fora.

— Ah... Você gostaria disso, não é? Que a deixasse aqui sozinha com ele para alterá-lo. Está louca por uma oportunidade de plantar uma de suas bombas de programação humana na mente de meu amigo e matá-lo para que não possa dizer o que sabe.

Sua boca se arredondou em uma 'Oh' de surpresa.

— Você é quem está louco. Total e absolutamente demente.

— Não há nada errado com minhas habilidades cognitivas.

— É mesmo? Pois eu acho que você deveria checar sua programação e circuitos de novo.

Avion riu e os dois se voltaram para ele.

— Vocês são engraçados.

— Não vejo nada engraçado nessa situação.

— Eu digo o mesmo — Riley comentou.

— Oh, por favor! Aramus, nós dois sabemos que a humana não me fará mal algum e que não há nada que ela possa usar ou fazer aqui que possa me causar dano. Não sob a observação das câmaras. E ela tem razão. Você está agindo de uma maneira irracional. Entendo sua preocupação por meu bem-estar, mas tenha certeza de que, mesmo sem minha visão seria necessário muito mais que esta fêmea para me matar. Sem querer ofender, doutora.

— Não me senti ofendida... Obrigada.

Depois de seu lapso momentâneo de raciocínio tão profundamente açoitado, Aramus estreitou os lábios em uma linha fina e recuou um passo. Ele não disse uma palavra enquanto Riley prosseguia o exame, as mãos nenhuma vez tocaram as partes masculinas de Avion...

Ainda bem!

Porque Aramus não estava muito seguro do que teria feito se suas suspeitas se confirmassem. Ao finalizar o exame, ela tirou as luvas com um estalo de borracha e as jogou no cesto.

— Ele está normal.

— Normal como o que?

Ela encolheu os ombros.

— Normal como um ser humano. Se não soubesse que Avion é um Cyborg, nunca teria sabido. Ele não mostra sinais

físicos de ser diferente do que parece. Um macho desnutrido de uns trinta anos, com sinais externos de abuso físico. Sua estrutura óssea é o que seria de se esperar. A palidez da pele nem sequer se aproxima da cinza. E embora não tenha visto seus órgãos internos, não mostra volume ou protuberâncias que indiquem deformações. Se ele fosse um paciente humano, eu diria que necessita de descanso, alimentação e exercício. Mas veja bem, eu não sou uma perita em seres vivos.

Aramus levantou o lençol sobre Avion, mais alto que antes.

— Então acha que ele não foi submetido às experiências de DNA?

— Não, de acordo com meu exame geral. Mas gostaria que ele fizesse exames de sangue e que coletassem amostras de tecido para um diagnóstico mais apurado.

Já estava sendo feito. O idiota gago Percy estava fazendo as análises na sala ao lado, sob o olhar vigilante de Kentry. O humano fora a melhor opção para fazê-lo dada sua qualificação, ele o faria com os recursos que tinham.

— Deixemos Avion descansar.

— Mas já? E eu que esperava poder conversar um pouco com a doutora.

Cego ou não, Avion não tinha nenhum problema em lançar um sorriso radiante a Riley.

Amigos não batem nos amigos por apenas sorrir aos

seres humanos.

Aramus repetia está mensagem enquanto, uma vez mais, agarrava o braço de Riley e a guiava para fora da sala com brusquidão...

— Voltarei mais tarde para ver como está — Riley disse antes que a porta se fechasse. — Bem, isso foi muito grosseiro de sua parte — Comentou enquanto ele a conduzia pelo corredor.

— O que?

— A forma como saímos de lá a toda pressa, como se a sala estivesse em chamas.

— Terminou o exame.

— Sei que terminei, mas o teria matado deixar que eu me despedisse de maneira apropriada? Ou por tentar oferecer a seu amigo um pouco de solidariedade e conforto depois do que ele sofreu?

— Avion não é um menino que precisa que segurem sua mão. Ele compreende os resultados e não precisa de conversa ou conforto de uma fêmea humana.

— Não estou em desacordo com tudo o que disse. Mas ainda assim um pouco de boas maneiras e cortesia, especialmente dos amigos poderia ajudá-lo a passar pela sua má experiência.

Aramus não pôde evitar zombar.

— Maneiras? Somos Cyborg. Que necessidade temos disso?

— Nenhuma. Entretanto, tendo em conta o quanto se considera grande e poderoso faria algum mal mostrar um pouco de gentileza?

— Você está me recriminando?

— Sim, mas estou sendo educada, mesmo quando você está agindo como um tolo.

Ela sorriu. Ele grunhiu. Ela sorriu mais amplamente.

— Um, por favor, e obrigado são uma perda de tempo e oxigênio.

— Sua argumentação não tem sentido, entretanto não parece ter nenhum problema com isso.

— Não me obrigue a fazê-la se calar.

E com uma ereção que ao que parecia não poder domesticar. Argumentar com a fêmea era uma atitude ridícula, mas por que seu membro estava mais duro que uma viga de aço?

Não tivera problemas em dispensar a outra fêmea humana que tinham capturado. Seu pênis se comportou apesar da fêmea exibir abertamente seus atributos femininos. Entretanto, esta pequena doutora, com seus comentários o incitando, sorrindo abertamente, e com sua falta de medo, mesmo quando ele gritava com ela, despertava sua volúpia. O inflamando... Se infiltrando em seus circuitos... E tudo sem um único toque. Nunca ninguém conseguira afetá-lo tanto.

— Humm!..., será que vai me fazer calar como fez na última vez?

Ela parecia tão surpreendida quanto ele por comentar o beijo, e Aramus não pode deixar de lembrar. A forma como seus lábios ficaram debaixo dos seus. Como seu corpo se encaixava suave. Parecia que não estava sozinho na lembrança desse momento erótico. Seus sensores detectaram a mudança em seu corpo; seu pulso acelerou, e seu almíscar feminino, indicando excitação, o envolveu por completo.

Sem estar no controle das próprias pernas, encontrou seu corpo encurralado no vestibulo, uma mão de cada lado a retendo no pequeno espaço. Sem hesitar ela se inclinou até que estiveram nariz com nariz. Ele a olhou nos olhos azuis. Prendeu a respiração. Ela esperava que a ordenasse a se afastar, ele esperava que seu medo surgisse e nublasse seu olhar. E surpreendentemente... Ela esfregou a ponta do nariz no seu nariz.

— O que está fazendo?

— Beijo esquimó.

Sério? A risada dele explodiu inesperada e forte.

— Não posso acreditar que tenha feito isso.

Um sorriso malicioso inclinou seus lábios, e os olhos brilharam.

— Eu tampouco. Mas parecia que você precisava.

— Não. Não preciso... ***O que desejo é isto...***

Ele pressionou a boca contra a dela. Que erro. O maior e mais impressionante mau funcionamento que já tivera.

A parte lógica de seu BCI o avisou de que deveria se

afastar, mas a ignorou, queria experimentar o que só Riley parecia provocar: a paixão. A verdadeira paixão. Do tipo que fazia ferver o sangue, que acelerava alucinadamente seu eletrônico coração, e que levava sua mente a mergulhar no caos.

A ação era totalmente ilógica, mas o prazer, Oh, o prazer de ter seus lábios macios contra os dele! A respiração ofegante, e a forma como ela se agarrava a ele, o levava a dar às boas-vindas a atitude bizarra.

Até ouvir o som de passos se aproximando. Não pôde se afastar dela com rapidez suficiente. Bem a tempo de ver Xylo dobrando o corredor.

— Está tudo bem, Senhor? — Perguntou Xylo com a cabeça inclinada em ângulo.

— Sim. Só estava levando nossa prisioneira a seus novos aposentos.

— Quer que me encarregue disso, Senhor? Vou na mesma direção.

Primeiro impulso? *Não. Ele mesmo a levaria. Seu quarto os daria intimidade e uma cama. Resposta errada.*

— Sim. Tenho assuntos mais importantes a resolver.

Ignorou a inconfundível expressão de dor que se desenhava em seu rosto e disse a si mesmo que não se importava. Ela não ficou por muito tempo ferida, não a julgar pela forma como reagiu.

— É hora de lubrificar suas articulações mecânicas?

— Agora quem está sendo grosseira? — Ele zombou.

Por que ela levantou... Não um, mas os dois dedos médios o fez sorrir? Não saberia dizê-lo, e nem pôde resistir a uma despedida...

— Bye, bye, doutora. Que tenha uma noite agradável.

Sem educação.

— Cretino — Ela murmurou baixinho

Simplesmente ele tinha vencido.

Capítulo Treze

Imbecil, idiota, zombando e brincando com ela o tempo todo, enquanto a fazia de tola enviando sinais mistos. Num instante ele a beijava como se não pudesse viver sem sua presença, e no seguinte corria dela como se carregasse a Peste Negra... A qual ele era imune.

O cretino deve ter medo de meus vírus humanos.

Isso ou estava envergonhado e temeroso de que um de seus amigos Cyborgs o apanhasse beijando um ser humano.

Bem, tampouco eu quero ser apanhada beijando uma máquina.

Esse pensamento imediatamente a deixou séria. Não importava o que tinham a ensinado, ou o que Aramus fizesse ou dissesse para convencê-la, não podia comparar o homem que a beijara com um robô sem emoções. Seu beijo fora muito quente e real para negá-lo. Com partes metálicas, e um cérebro unido a um computador ou não, Aramus não tinha nada que o classificasse como máquina. Na verdade nunca conhecera alguém como ele.

OH, Deus! Só me falta agora sofrer da Síndrome de Estocolmo¹⁰.

Mas que Diabos, ela nunca quis se atirar a qualquer um

¹⁰ Síndrome de Estocolmo, quando uma pessoa é sequestrada cria vínculos afetivos com seu sequestrador.

de seus torturadores humanos, quanto mais beijar... Mas com o Cyborg, queria muito mais do que um beijinho.

Olhando as costas do Cyborg à frente, ela se debatia entre questioná-lo ou se calar. Diferente de seu guarda anterior, este emanava uma aura de 'Não se meta comigo', e não estava certa de que ele conteria o mau humor tal como Aramus e os outros. Mas isso não a deteve.

— Oi, meu nome é Riley.

— Eu sei.

Ao que parecia, a falta de boas maneiras era uma norma entre os Cyborgs.

— Qual o seu nome?

— Xylo — Conciso, mas pelo menos, respondeu. Um nome interessante.

— Muito prazer, Xylo.

Ele grunhiu. Não era do tipo comunicativo, mas até o momento não se mostrara violento, tampouco. Ela seguiu adiante.

— Sabe o que farão conosco?

— Não.

Ela se atreveu um pouco mais.

— Ouvi Aramus dizer que nos arranjaram novas acomodações. Continuaremos todos juntos?

— Não.

— Os outros estão mortos?

— Não.

— Onde estão?

Ele encolheu os ombros sem se virar ou responder. Ela contraiu os dedos, irritada.

— Alguém já te disse que você não é muito simpático?

Uh... Oh. A cabeça dele girou da maneira estranha que tinham os Cyborgs, especialmente quando o sujeito prosseguia caminhando em linha reta sem tocar em nenhuma parede. A frieza de seu olhar a provocou um calafrio na espinha.

— Não estou aqui para ser simpático nem para responder suas inúmeras perguntas. No momento, e contra minha opinião, você é uma passageira em nossa nave e como tal será concedido a você um mínimo de liberdade. Um passo fora da linha, ou que uma suspeita se torne real, esteja certa de que a pouca liberdade que a garantimos será cancelada. Fui claro?

Assentindo com a cabeça, Riley engoliu qualquer outra pergunta que faria. Confiava no comportamento de Aramus, e tinha suas dúvidas a respeito deste sujeito. Parecia querer só uma desculpa.

Bem, então não vou dar uma.

O Cyborg se deteve um momento diante de uma porta.

— Esta é sua nova acomodação. Você será monitorada o tempo todo, dentro e fora.

— Não ficarei trancada aí dentro?

— Não. Mas, lembre-se, isso depende de seu comportamento. O acesso aos computadores é proibido a você e a seus companheiros, assim não tente acessar nossos sistemas. Tal ato será tratado de uma maneira dura.

— Quanto a isso não se preocupe, sou um tremendo zero a esquerda quando se trata de computadores e informática, mas e se eu precisar falar com alguém?

Aramus, por exemplo?

— Use a ordem: 'Computador, desejo falar com... ' de o nome do tripulante. Um canal de comunicação se abrirá, mas lembre-se que todas as conversas serão monitoradas.

— Ê, já entendi! Não há privacidade. Vão ficar me espiando também enquanto tomo banho ou vou ao banheiro?

Cansada de sua atitude, que evidenciava desconfiança, não pôde evitar o sarcasmo. Ele não se dignou a responder, mas continuou seu discurso.

— O refeitório é por este corredor, quinta porta a esquerda. A sala comum é a próxima porta. Podem usar os dois. O centro de comando e a sala de máquinas estão fora dos limites, assim como os alojamentos da tripulação, a não ser por convite.

— E quanto à área médica?

— Que necessidade você tem de ir à área médica?

— Bem, eu conheci Avion hoje e pensei que talvez ele gostasse de um pouco de companhia. Diferente de outros, por aqui, ele parece ter senso de humor.

— Um momento, enquanto pergunto.

Seus olhos perderam o foco por um momento, e desta vez não havia dúvida. Estava se comunicando com alguém. Respondeu um momento depois.

— Aramus permite que o veja, mas que não tente fazer nenhum procedimento a Avion ou qualquer outra pessoa.

— Mas que droga! E eu que pensei em trazer minha maleta de primeiros socorros da Barbie, e brincarmos de Operação¹¹? Até me perguntava se Avion ia acabar apitando quando as pinças o tocassem.

A brincadeira foi ignorada, como se esperava, por isso não a surpreendeu quando, com uma careta final, Xylo virou sobre os calcanhares e se foi. Uma vez sozinha, Riley fez um balanço da nova acomodação. Pequena, o que a fez pensar em seus dias de estudantes na universidade com sua cama bem feita com uma manta de lã cinza e travesseiro. Acima da cama havia uma prateleira empoeirada e vazia. Ao longo da parede frente aos pés da cama havia duas portas de correr. Uma se abriu para um armário vazio e a outra para um pequeno banheiro para um asseio básico, pia, vaso sanitário e, **Oh sim, um chuveiro!** Não pôde se despir o suficientemente rápido uma vez que o viu. Sob o jato quente, ela gemeu.

O Paraíso. Foi só enquanto se ensaboava com o sabão

¹¹ Jogo eletrônico de mesa chamado Operação. O tabuleiro é um suposto paciente deitado. Consiste em extrair com pinças, pequenos órgãos de plástico de seu corpo sem roçar a cavidade que os contém. Quando se toca nas bordas dessa cavidade soa um assobio para indicar o erro. Evidentemente, o Cyborg não conhece o jogo.

líquido que se lembrou da advertência de Xylo quanto a monitorá-la o tempo todo. Repentinamente consciente, ela bisbilhotou, tentando encontrar a câmara, ou será que o Cyborg tinha mentido? Neste momento, não se importava realmente. Terminaria o banho, estando ou não sendo vista, se ensaboou e enxaguou-se. Se suas mãos esfregavam seu corpo por mais tempo e de modo sensual... Culpou o prazer da água quente sobre suas ações.

Capítulo Quatorze

A sós em sua cabine, Aramus apertou os punhos enquanto espiava Riley no banho.

Não sou melhor que um reles humano desprezível.

Um perverso, que invadia a privacidade de uma mulher enquanto ela se banhava. Até sabendo que estava fazendo algo indigno, que estava agindo como um voyeur, não se deteve. Ele não podia apagar as imagens diante de si e nem conseguia fechar os olhos. Mas fez a única coisa decente, bloqueou as imagens para que os outros Cyborgs não tivessem acesso a elas.

O que os outros Cyborgs diriam a respeito disto, preferia não pensar. O fato de que ele não tinha bloqueado qualquer das câmaras nas outras acomodações dos prisioneiros não influenciou em sua decisão. O fato de que não se incomodou com a privacidade dos outros humanos não o deteve ou o fez questionar suas ações. O fato de sua mão agarrar e acariciar seu pênis dolorido, só o fazia olhar com mais ardor à cena que se revelava.

Tão inocente. Era só uma mulher tomando banho e, entretanto, nunca vira nada tão sensual. A água dava à pele de Riley uma luminosidade diferente. A água deslizando por suas curvas abundantes, um corpo tão tentadoramente diferente de suas outras experiências com fêmeas. Como

invejava suas mãos, já que acariciavam a carne escorregadia. Como desejava lambe as gotas de água gotejando das pontas de seus mamilos. O que ele não daria para deslizar a mão...

Com um grito áspero ele gozou, seu pênis se sacudindo em seu punho, e, entretanto, não se sentiu satisfeito. De fato, seu ardor parecia ser pior que antes.

Obrigando-se a fechar os olhos, desligou a tela e, embora não necessitasse de oxigênio, respirou fundo várias vezes. Tinha que fazer algo para acalmar seu coração em tumulto.

O que há de errado comigo?

Por que estava espreitando esta mulher? Por que não conseguia arrancá-la de seus pensamentos? Por que Riley causava sua perda de controle sobre o próprio corpo... E mente?

Com um grunhido, levantou-se e entrou no banheiro e tomou um banho, enxaguando rapidamente a evidência de sua vergonha, secou-se e logo que se vestiu, convocou M.J. à cabine do Capitão. O Cyborg chegou ao quarto de Aramus, e mal a porta se fechou ele demandou: — Preciso que me reinicie.

— Como?

— Meu BCI. Quero uma reiniciação completa.

— Por que não faz você mesmo?

— Fiz. Mas não devo estar funcionando bem porque ainda estou com o funcionamento incorreto.

— Vai ter que se explicar melhor.

Explicar? Explicar que ele desejava uma fêmea humana e deixar que M.J. soubesse de sua vergonha e risse dele?

— Prefiro enfiar uma chave de fenda em minha orelha e ver se funciona.

M.J. grunhiu pensando que ele brincava, mas sua expressão logo se tornou mais séria.

— Merda. Está falando sério?

— Sim. Algo está funcionando mal em mim, e creio que está afetando minha mente.

— Pode manter o controle da nave?

— Sim. Essa parte de minha mente está funcionando corretamente. É a outra parte que está com problemas.

Aramus deu um olhar mordaz para baixo. M.J. pareceu confuso por um momento, mas logo compreendeu.

— Ah, está com um problema de pênis. Acontece.

— Não sou impotente.

Aramus não conseguia explicar seu problema com clareza.

— Então, qual o problema com o pênis? Sensação de ardor? Inchaço? Corrimento?

— Tente... Ereção não desejada.

M.J. riu dissimuladamente.

— Então?

— Então... Você está me irritando. De um jeito nisso.

A risada escapou do médico de bordo.

— Não é tão importante assim. Você deve relaxar. Acontece a todos nós e é muito fácil de consertar. Não há necessidade de procurar uma chave de fenda e ir a extremos, simplesmente se masturbe.

— Já tentei. Numerosas vezes, mas meu pênis se recusa a obedecer.

— E o que estaria provocando isto? Espere, eu já sei, não é o que, mas sim quem? Uma das fêmeas que recolhemos. É a fêmea Cyborg?

Aramus estremeceu. Embora não tivesse conversado com ela tinha visto seu arquivo e sua imagem, e sem chance.

— Vá à merda, não. A única coisa que a diferencia de um macho são suas tetas. Não, não é a fêmea Cyborg. É uma... Humana.

Dizer aquilo em voz alta lhe trouxe um estranho calor ao rosto, uma mudança incontrollável em sua temperatura.

Oh, pelos meus colhões, não me diga que estou corando.

Sua enfermidade poderia ser pior?

— Qual delas?

Não era óbvio?

— A mais sensual e atraente.

— Carmen?

Aramus franziu o cenho.

— Não. Refiro-me à doutora Riley.

— OH. A gordinha.

M.J. a menosprezava e Aramus quase lhe deu um murro como resposta. Sim, a doutora tinha um físico com curvas acentuadas, mas Aramus achava que as curvas lhe assentavam bem, davam a ela uma sensualidade e delicadeza nunca vista por ele. M.J. encolheu os ombros.

— Bem se o Senhor se sente atraído por ela. Não vejo o problema.

M.J. seria tão obtuso assim? Aramus não havia se explicado direito?

— O problema é que a desejo.

— Então a solução é fácil: faça sexo com ela.

— Fazer sexo? Essa é a sua solução? Fazer sexo com ela?

— Bem, se o Senhor disse que se masturbar não funcionou.

— E não funcionou mesmo.

— Então, faça o que seu corpo quer e volte à normalidade. Faça sexo.

— Mas eu não quero fazer sexo com ela.

Mentiroso!

— Mas acabou de dizer...

— Mas que merda, eu sei o que disse! Entretanto, não

quero. Odeio os seres humanos.

— Ah, não, esta não.

— Todos eles.

M.J. girou os olhos de uma maneira que não correspondia adequadamente a um Cyborg.

— Ah, o Senhor pode argumentar o quanto quiser! Você gosta dela. Quer sexo com ela. Então faça uma, duas, ou quantas vezes quiser. Isto limpará seu sistema sem a necessidade de uma lobotomia ou uma chave de fenda.

Aramus refreou a resposta entusiasmada de seu corpo enquanto perguntou em um tom mal-humorado: — Não há outra maneira?

— Não. Como médico a bordo, ordeno que obedeça a seu corpo. Faça sexo com a humana.

Bom, quando se colocava as coisas dessa maneira, como desobedecer? Parecia um pouco extremo como tratamento médico, mas não seria a primeira vez que Aramus se sacrificava, desta vez seria para seu próprio bem e não para os outros.

Capítulo Quinze

Passou vinte e quatro horas, um dia. Um longo e maldito dia aborrecido em que Riley caminhava de um lado a outro da pequena cabine, e quando se cansou das quatro paredes, dirigiu-se ao corredor. Na hora da refeição, comeu as insossas rações militares. Tentou ver um filme com os outros detentos, mas os únicos vídeos a bordo eram documentários. Visitou Avion, mas ele dormia, assim que saiu, voltou à sala onde tentou entabular uma conversa com os outros. Era muito difícil conversar com Percy, e as mulheres mudas tinham desaparecido, ao que parecia se negavam a abandonar a segurança da cabine que compartilhavam. Carmen se foi, alegando que tinha um encontro, e David ainda não estava em condições de conversar.

Dos Cyborgs, ninguém apareceu, nem sequer Aramus, mas tinha a sensação de que ele mantinha a atenção sobre ela. Não podia explicar exatamente por que, além de uma vaga sensação de ser observada. Isso arrepiava sua pele, deixando-a nervosa, e vagamente decepcionada quando, ao final de seu primeiro dia de liberdade, não tinha topado com ele.

No dia seguinte, depois de uma noite passada sonhando com o grande Cyborg, fazendo flexões e sem camisa enquanto ela se sentava escarranchada sobre suas costas, contando o

sobe e desce, lhe ocorreu que poderia pedir para falar com ele. Talvez se afirmasse que se lembrara de algo importante... Mas isso cheiraria muito a desespero, ainda mais tendo em conta que a única coisa de importância que a ocorria dizer era que a comida era muito ruim.

Então dormiu, despertando pouco depois quando os motores aceleraram, assinalando uma mudança na velocidade e a saída da galáxia em que estivera como prisioneira. Já era hora. Ansiosa por novas notícias dirigiu-se à sala comum.

— Saímos desta galáxia? — Perguntou, entrando e encontrando Carmen lixando as unhas.

— Sim. Não houve nenhum indício de perseguição, assim que abandonamos a instalação.

Riley não quis questionar as fontes de Carmen. Tinha muito medo de descobrir que fora Aramus... Estando nu na cama.

— Para onde vamos?

— Ao Planeta Cyborg assim que se assegurarem de que não estamos sendo seguidos e que nenhum de nós está abrigando algum sinalizador de rastreamento.

— Vamos para o planeta deles? Quer dizer que não vamos para casa, Terra?

Carmen fez uma pausa em sua manicure tempo suficiente para lançar a ela um olhar de desdém.

— Não, Terra nem pensar. Não me diga que é tão

estúpida em pensar que isso aconteceria?

Na verdade pensara nisso mesmo.

— Mas, o que acontecera as nossas famílias? E amigos? Temos que dizer a eles que estamos a salvo.

Um gemido mal humorado escapou dos lábios carnudos de Carmen.

— Não acredito. Como pode ser tão estúpida?

Arrepiada diante do insulto, Riley franziu os lábios enquanto respondia: — O que quer dizer?

— Não entende, estamos mortos.

Riley olhou a si mesmo e depois Carmen.

— Humm, eu não gosto de dizer o óbvio, mas, não, não estamos.

— Estamos para as pessoas que deixamos na Terra. Ou acredita realmente que a Companhia deixaria pontas soltas? Percy, David, as mulheres, eu, você, todos estávamos envolvidos em algum acidente fatal a caminho da Terra, não se lembra, estávamos trabalhando para eles.

— Do que está falando?

— Mas como você é ingênua. Pensei que já soubesse. A fim de garantir que nossas famílias não questionassem nosso desaparecimento, a empresa planejou e anunciou nossas mortes.

— Não posso acreditar nisso.

— Então não acredite, é um fato. Realmente não me

importa. Mas eu sei o que houve. Todos nós sofremos acidentes que não deixavam corpos. Ouvi um dos guardas que subornei, parece que o meu funeral foi um dos melhores.

Funeral? Não. Não pode ser.

Uma das coisas a que Riley tinha se agarrado, era a esperança de voltar a conviver com sua família. Ela negou com a cabeça.

— Não posso aceitar isso. Vou encontrar uma maneira de voltar para casa e mostrar a minha família que ainda estou viva. Então, vou...

— O que pode fazer? — Carmen a desafiou. — Garota tola. Nunca teria a oportunidade de voltar. A Companhia cobre bem seus rastros. Se voltar a Terra, não somente a matarão como também eliminarão a quem entrar em contato com você.

— Mas isso é uma loucura. Não podem se safar dessa. Sou uma civil. Tenho meus direitos.

— Já está morta e saíram ilesos dessa. Não há como lutar contra eles.

Incrédula, Riley balbuciou: — Lutar contra eles? Então devo simplesmente me esquecer de que tinha uma vida e uma família? Simplesmente terei de recomeçar onde quer que nos levem?

E fazer o que. Viver como.

— Os Cyborgs estão nos dando uma segunda chance. Por que continuar suspirando por algo que não se pode ter

mais? Eu estou agradecida por continuar viva.

— Por Hora. Não somos livres. Estamos à mercê dos Cyborgs.

Carmen baixou a cabeça.

— Devo admitir que a situação não é a ideal. Os Cyborgs são do tipo frio, pelo menos alguns deles. Mas são melhores que a escória da Companhia. Melhores amantes também.

O queixo de Riley caiu.

— Humm... Já teve relações sexuais com um?

— Sexo é uma palavra muito suave. O cara é uma máquina, e não me refiro ao real sentido da coisa. Nunca tive tantos orgasmos seguidos. Smith é um mestre em lidar com meu corpo e, ainda melhor, pode fazê-lo durante horas.

— Isso parece ser cansativo.

Um riso rouco borbulhou no peito de Carmen.

— Não critique até que prove.

Por mais que Riley quisesse negar, ela também aceitaria alegremente em ter relações sexuais com um de seus captores Cyborg, não podia negar ter imaginado em fazer sexo com o grandão.

— Tenho que ir.

Devia procurar Aramus e perguntar se nunca mais voltaria para casa. Então se pôs a caminho de sua cabine antes que se arrependesse de fazer algo estúpido, como seduzir Aramus e comprovar que Carmen dizia a verdade

sobre os Cyborgs serem mestres do sexo.

Perdida em seus pensamentos, não olhou antes de entrar no vestibulo e mal teve tempo de evitar se chocar com um estranho. Riley se conteve e murmurou...

— Sinto muito. Não estava prestando atenção.

— Criatura estúpida.

O que? Levantando seus olhos, encontrou o olhar furioso de uma mulher com cabelos curtos e um sorriso cruel nos lábios. Reconhecendo a expressão na estranha como se esta estivesse ansiosa por uma briga, Riley rapidamente deu outra desculpa, parecia ser a opção mais sábia.

— Sinto muito.

— Sente... Pois agora vai sentir ainda mais meus punhos, humana.

Enquanto uma parte de Riley queria declarar a rima horrível, o instinto de conservação a fez se mover e tirar o corpo da mira certa em seu rosto.

Com um chiado, se agachou. O golpe mortal perdeu por pouco seu rosto e encontrou a parede atrás dela com força suficiente para deixar o painel danificado.

Oh, isso teria doído.

Girando, se dispôs a correr a sala comum, mas a mulher a agarrou pelo traje e a jogou para um lado. Riley bateu na parede com um grito e fez uma careta. Cambaleando pelo impacto, não esperou para ver o que a mulher estava fazendo, girou sobre os calcanhares, mas encontrou Aramus,

que surgira de repente.

Seu braço enorme e musculoso se curvou ao seu redor enquanto dizia bruscamente: — Que diabos está acontecendo aqui? Por que está atacando minha prisioneira?

— É humana — Disse a mulher com um olhar frio em sua direção. — Isso não é o suficiente? De todos os Cyborgs a bordo, creio que é o que entenderia melhor.

— Ela está sob nossa proteção.

— Essa criatura trabalhou para eles, o que a torna uma ameaça para nós.

— Que ameaça? De pisar os dedos de nossos pés? É a única coisa que ela pode alcançar.

Em outra situação, Riley poderia se sentir ofendida e reagido, mas tendo em conta a mulher de aspecto cruel diante dela, com um ódio profundo na voz e com as palavras que a catalogavam como uma Cyborg, pensou que seria prudente permanecer em silêncio. Também pensou que era melhor ficar quieta e atrás de Aramus. Seria necessário algo bem maior que uma garota Cyborg para passar por ele. Ou isso esperava.

— Por que a defende?

— Pensei ter sido bem claro com toda tripulação da nave, disse que ninguém poderia feri-los.

Ele fez isso?

Riley relaxou um pouco diante da revelação. Ao que parecia, a outra não tinha pulado de alegria com a ordem

dada.

— Isso foi antes de libertá-los para vagar por aí. Está com algum problema? Todos os Cyborgs sabem que não se pode confiar nos humanos. Principalmente nos menores.

Alguém tinha problemas em controlar a raiva. Alguém mais. A única diferença era que ela não culpava toda uma raça por ter sofrido nas mãos de poucos.

— Eu não quero fazer mal a ninguém — Argumentou calma. — Diabos, sou uma pessoa que nem consegue matar uma mosca.

— Ninguém te deu permissão para falar — Gritou a mulher com fúria.

Riley suspirou e se aproximou mais das costas de Aramus, seu corpo grande era uma presença sólida em quem confiar. Que ironia...



Aramus sentiu a pequena humana mais perto de suas costas. Ao menos tinha bom senso em procurar refúgio contra a unidade visivelmente alterada diante dele.

— Ah... A criatura está assustada.

Por alguma razão, Aramus não gostou disso.

— É... É melhor ficar assustada mesmo. Quero vê-la tremer de medo e me pedir perdão.

— Por quê? Ela a prejudicou de alguma forma? — Perguntou a ela.

— Ainda não, mas quem sabe as armas que poderia ter escondido, ou os códigos armazenados em sua cabeça, à espera de serem liberados para nos tornar novamente em malditos bonecos de matar?

Merda, ela fala como eu? Será que sou paranoico e irracional?

Aramus podia ter arrogância em excesso, mas nem sequer ele pode suportar o eco de si mesmo, no discurso de ódio proferido pela Cyborg alterada diante dele. Era como se olhar em um espelho, se o espelho refletisse a atitude.

Por um lado, parecia rude; por outro, podia ver a inutilidade, especialmente com a classificada 'humana cruel' assustada as suas costas, o cheiro forte de seu medo o desagradando.

— Agora está a salvo, Unidade D802.

— Não me chame assim. Tenho um nome. Deidre.

— Sinto muito. Não fui informado de que tinha escolhido um.

— Não escolhi. Aphelion encontrou um nome em meus arquivos. É o nome que minha mãe escolheu para mim antes que os humanos me raptassem e me transformassem em Cyborg.

— Quando voltarmos ao nosso planeta, Einstein poderá liberar as informações bloqueadas em seu BCI.

— Não tenho certeza de querer lembrar meus anos como humana.

— Essa é uma escolha que cabe a você decidir. E, vale destacar, que nem todos somos capazes de lembrar o passado. Eu, por exemplo, só me lembro daquilo que me foi informado em alguns arquivos recuperados.

Mais alguns fragmentos aleatórios, a maioria do momento em que fora aprisionado, e a raiva e injustiça. De sua vida passada e de família biológica... Só o restara um espaço em branco.

— Quanto tempo mais até que chegarmos ao planeta Cyborg?

— Essa informação é restrita aos oficiais em comando — Ele mudou de assunto. — Está nesta parte da nave com que propósito?

— Ofereci-me para ajudar o Cyborg ferido. Como não me designaram funções a bordo, além de matar, não tenho muitas outras qualificações.

— Sabe por que não podemos permitir seu acesso a nosso centro de comando ou a sala de máquinas.

— Eu sei — Deidre respondeu entre dentes. — Porque há o risco de explodir uma bomba escondida em minha programação. E ainda me pergunta por que penso que a humana deve morrer?

A discussão voltou ao ponto de partida, irritado com a fêmea, Cyborg ou não, sua simpatia só ia até ali.

— Não falta muito tempo para que tenha permissão para desempenhar tarefas e colocar sua mente em liberdade. Mas,

enquanto isso precisa entender que eu sou o comandante da nave, e você obedecerá as minhas regras, e essas regras estabelecem que não haverá matança de seres humanos a menos que eu autorize.

Em especial à pequena humana às suas costas. Se alguém tivesse de matá-la por se meter sob a pele de um Cyborg, deveria ser ele, já que agora sabia ser ela a razão de seu desequilíbrio emocional.

— Cuide bem de suas costas, humana — Deidre grunhiu, e logo se pôs a caminhar.

Riley se afastou e ele se voltou para observá-la.

— Obrigado — Murmurou.

— Não. Eu posso entender como ela pensa e se não fosse pelas ordens que recebi, provavelmente você não estaria aqui e viva.

Aramus deu-se conta de que suas palavras a sobressaltaram e de imediato ela ergueu os olhos e o fitou.

— Você não é como ela. Não poderia me matar.

— Posso e o faria.

Matara muitos no passado.

— Não acredito nisso.

Ela se aproximou mais, entrando em seu espaço pessoal, tão perto que uma corrente invisível passou entre eles, despertando seu pênis. Por que não ficou surpreso com sua súbita valentia ao enfrentá-lo?

— Por que insiste em pensar que sou uma boa pessoa?
Não sou.

— Não, não é, mas não é totalmente sem coração como gostaria que todos pensassem.

Ela pousou a pequena mão sobre seus braços cruzados sobre o peito. O toque simples o queimou.

— Sou muito pior do que possa imaginar. Fiz coisas, coisas más, e gostei.

— A vingança frequentemente nos faz sentir dessa maneira.

Como ela se atrevia a entendê-lo?

— Eu destruiria o seu planeta se alguém me desse uma arma nuclear.

— É mesmo?

— Sem hesitar.

— Isso parece extremo.

— Eu odeio os humanos. Se os mortos pudessem falar, diriam que me temem.

Ela negou com a cabeça.

— Se está tentando me assustar, não está conseguindo. Não tenho medo. Só vejo um homem que está zangado e ferido pelo que o destino o reservou. Acredito que usa a violência e as ameaças escandalosas como uma maneira de lidar com isso.

— O que é agora, minha maldita psiquiatra?

— Estou tentando ser sua amiga.

— Não quero sua amizade.

O que queria era despi-la e usar sua boca para outras coisas, não para discutir.

— Na verdade você precisa, sim. Também acho que é deveria descarregar essa sua raiva de modo mais construtivo. Você passou por algo horrível. Não tinham direito. Ninguém tinha o direito de arrancar sua liberdade e decisões. Mas não pode culpar toda uma espécie pelas ações de uns poucos.

— Por que não?

— Porque não é lógico e Cyborgs são movidos pela lógica, não?

— Não tem visto as notícias ultimamente? Somos psicopatas sanguinários — Disse em tom de brincadeira.

— Chega. Pare de tentar parecer pior do que é. Estamos entendidos. É rude. Entendo que queira castigar alguém. Para fazer que a dor desapareça. Veja bem, eu também gostaria de matar o imbecil do Dennison que vivia me batendo pela simples razão de sentir prazer de agredir alguém. Queria bater nos guardas que me traziam a comida e a derramavam aos meus pés, enquanto riam me vendo comer no chão sujo porque estava faminta. É natural querer se vingar em quem nos torturou. O que não é natural, é se negar a reconhecer que nem todos são assim.

— Você tem os nomes e os rostos das pessoas que a feriram. Eu não tenho nada.

— Mas você sabe que eu não fiz parte disso.

— Isso quem diz é você.

— Você consegue me ver como alguém que te faria mal?

Não, só o fazia questionar sua razão de ser? Só queria mudar seu mundo cuidadosamente ordenado?

— Não confio em você.

Como poderia se não confiava em si mesmo perto dela.

— É claro que não, porque não me conhece. Só me dê uma oportunidade de te mostrar que nem todos os humanos são maus.

Seus olhares se encontraram. Não pôde afastar-se quando ela se levantou nas pontas dos pés, não era o suficientemente alta para chegar a seus lábios, por isso teve que se conformar com ela deslizando a boca sobre seu queixo.

Estremeceu. Tentou se manter controlado e não ceder ao seu encanto sedutor. Mas não conseguiu parar de recordar as ordens do médico, ordens que ele tinha decidido ignorar, ordens que o instigavam, ordens que, sendo um Cyborg, sentia-se obrigado a obedecer. Ou ao menos usou essa desculpa quando, com um gemido, agarrou-a pela cintura e a levantou para que seus lábios pudessem se encontrar. Uma vez mais, todo pensamento racional sumiu de sua mente, todos menos um.

Preciso de uma cama. Ou uma cabine. Algum lugar em que possa tratar a doença que está causando um

mau funcionamento em meus sistemas.

Como chegaram aos aposentos dele não poderia dizê-lo. Deve tê-la carregado porque ela se agarrava a ele e nem uma só vez seus lábios se separaram. Tropeçaram no pequeno espaço, à porta se fechou atrás deles, ocultando seu vergonhoso desejo do resto dos Cyborgs a bordo.

Com mãos hábeis, arrancou o macacão dela, ansioso por tocar a pele que tinha visto pela câmara. Mal podia esperar para explorar as curvas que o tentavam a cada minuto do dia e a cada minuto de sono. Deitou-a sobre sua cama, ela tinha os olhos entreabertos, cheios de paixão, os lábios inchados pelo beijo, a pele cor de rosa ruborizada. Armazenou a imagem em seus bancos de dados, uma foto instantânea de uma mulher que parecia desejá-lo realmente. Nunca tinha visto nada mais bonito.

Mas ele não estava ali para admirar. Estava ali para ter sexo, tocar e se deliciar.

Levou só um momento arrancar as botas e a roupa, segundos de tortura onde ela o fitava com seu olhar ardente, o queimando. Nunca tinha crescido tão grosso, nunca se sentiu tão fora de controle, tão necessitado...

Fixando as mãos sobre sua cabeça, afirmando seu domínio de uma situação que parecia decidida a tirá-lo de seu controle, caiu sobre ela, seus lábios saqueando a suavidade aveludada de sua pele. Mordiscou seus mamilos eretos, fazendo-a emitir gemidos maravilhosos. A coxa dela se inseriu entre suas pernas pressionadas contra seu centro

úmido, o calor e a umidade dela provocando uma ereção mais dura. Como nunca havia feito sexo com uma humana antes, e sem nenhuma lembrança passada de tê-lo feito, mal podia acreditar na diferença da textura em comparação aos droides de sexo que já tinha usado. Não havia comparação realmente. O autêntico, a carne flexível, a textura sedosa, o cheiro, tudo combinando em uma mistura embriagadora que o fez esquecer o controle por completo. A única coisa que queria, era enterrar seu pênis.

Suspirando sobre ela, ele manteve seus braços acima da cabeça enquanto a penetrava. Ela ofegou, e seu olhar se arregalou. Por um momento, a racionalidade voltou a sua cabeça.

— Te machuquei?

— Não. Só fiquei surpresa. É um pouco... Grande.

Era? Pois seu pênis cresceu ainda mais diante das palavras, e parou de respirar.

— Você é tão pequena — Observou.

Apertada. Perfeita.

— Não muito pequena — Respondeu ela.

Seus lábios se curvaram em um sorriso sensual para ele. E envolveu sua cintura com as pernas, atraindo-o mais fundo, e foi sua vez de fazer ruídos.

Por todos os nanos em seu corpo! Nunca experimentara algo tão erótico como estando enterrado até as bolas, profundamente dentro de seu corpo. Não. Espere. Pensou

extasiado quando começou os movimentos de vai e vem, a forte contração nos músculos internos de seu sexo, o agarrando e acariciando enquanto se movimentava para frente e para trás... Isso era absolutamente o máximo do prazer.

O nirvana, entretanto, quando o corpo dela estremeceu sob o corpo dele, seu canal pulsando em ondas, seu clímax explodindo em um grito em meio às respirações ofegantes. Com seu próprio som incoerente, Aramus se uniu a ela, seu membro pulsando no mesmo ritmo da carne que se agarrava a ele, e por um momento, fechou os olhos e quase... Quase... Lembrou-se do que era se sentir vivo... E humano.

Capítulo Dezesseis

Nesta noite por duas vezes fizeram amor, a cada vez, um encontro trepidante e erótico de peles ardentes, deixando todos os amantes do passado com vergonha. Riley se congratulou por demonstrar a pouca coragem que descobrira em si mesma ao fazer o primeiro movimento. Fora recompensada além de suas expectativas, e por isso o baque emocional na manhã seguinte lhe doeu tanto.

Começou com ele empurrando-a da cama e das mantas reviradas, fora do aconchego quente de seu peito bruscamente afastado. Sentada em meio à confusão de lençóis, ela piscou surpresa e se deparou com seu rosto sombrio e fechado enquanto se sentava na beirada da cama apressado vestia as calças e logo depois suas botas.

Bem, tenho a sensação de que não vou receber uma desculpa.

— Algum problema? — Ela se aventurou a dizer, agarrando o lençol e cobrindo os seios.

Não importava o fato de que ele tivesse visto e acariciado todo seu corpo, Precisava de um escudo contra sua raiva aparente, embora o tecido fosse efêmero para protegê-la.

— Não.

— Então, por parece tão zangado?

— É assim como sempre me vejo.

Não, havia algo errado. Ela já o vira com expressão e atitudes mais gentis, sentiu e comprovou isso ali, entre os lençóis.

— Vai a alguma parte? Está tudo bem com a nave?

— Não há nada de errado.

— Então, por que tanta pressa? — Perguntou a irritação dominando seu tom.

Parecia disposto a ignorá-la enquanto se levantava.

Ah, isso não vai ficar assim!

Ela ficou em pé e o bloqueou o caminho para a porta.

— Tenho deveres a cumprir.

— Quando nos veremos novamente?

E foi ali que levou o segundo baque.

— Não haverá outra vez.

— Como assim?

— Há defeitos em sua audição? Tenho uma nave a comandar, sem mencionar que não me relaciono com humanos.

A raiva, misturada à vergonha por sua estupidez, ardeu como ácido no estômago.

— Você me usou.

— Usamos um ao outro.

— Então, ontem não significou nada?

— Nós copulamos.

— Uma copula, e eu pensando que fosse mais que isso. Pensei que tínhamos nos conectado

— Exatamente. Meu pênis se encaixou bem na sua vagina. Somente isso. Apenas alívio sexual.

Ela o estapeou, como se sua pequena mão pudesse o causar danos.

— Maldito, usou-me apenas para ter sexo.

— Que mais podia esperar de mim?

Algo mais que sua maldita *indiferença*.

— Esperava um pouco de respeito.

— Respeito? Você é humana.

— Ah, então seu ponto é esse? Apesar de tentar não ser, metade de você continua a ser humano. Embora você não pense assim, eu esperava algum respeito e cortesia. Tivemos relações íntimas. E eu não faço sexo com qualquer um.

— Esse problema é seu. Não a obriguei ou fiz promessas. Tive uma necessidade e você estava mais que disposta a satisfazê-las.

Ela não podia acreditar na frieza, na falta de sentimentos em sua resposta.

— Filho de uma puta.

— Essa expressão não é apropriada.

— OH, pois eu digo que o descreve perfeitamente, maldito idiota.

Descontrolada ela avançou para ele, incapaz de se deter, sua raiva obstruindo seu bom senso. Sua ação impensada foi sem efeito; ele a deixou agredi-lo, com golpes sem importância, e com seus soluços furiosos de vergonha ao perceber a verdade. Ele não se importava.

Uma maneira perfeita de mostrar nossas diferenças. Talvez realmente não seja mais do que uma máquina, só algo sem sentimentos poderia tratar tão insensivelmente o que partilhamos como se fosse nada.

Mas ela era humana, e sua rejeição doía profundamente.

Como pude ser tão estúpida?

Claro, ele nunca afirmara que a queria nem fez promessas. Ela pedira que confiasse nela, que a deixasse provar que era diferente. E o fizera da única maneira que podia, entregando-se a ele, dando o prazer. Bem, parece que o Cyborg não tinha entendido o presente que dera a ele. Não pode entender talvez por não recordar como era ser humano.

Riley suspirou. Realmente tinha esperado curar os problemas dele de confiança com sexo? Há anos Aramus convivia e era guiado por sua raiva. Como em uma única noite de sexo poderia apagar tantas lembranças de sofrimento?

Vendo por esta perspectiva, era difícil ficar zangada com ele. Pelo contrário, sentia pena, sentiu que ele não conseguiria sozinho deixar de lado seu passado e seu ódio. Teria de se esforçar mais. Mas, como, se ele afirmou que não

queria voltar a vê-la?

Então veremos, Senhor Resmungão. Tenacidade deveria ter sido meu segundo nome.



Aramus nunca havia se sentido mais humano, e, ao mesmo tempo, desumano, como quando deixou Riley, com os olhos cheios de lágrimas. Que outra coisa o restava fazer a não ser isso?

Fizera o que receitara o doutor. Havia feito sexo. E sexo com Riley fora muito mais do que tinha imaginado. Tão incrível que repetira o ato várias vezes naquela noite. De fato, queria fazê-lo novamente agora, assim que acordou ao lado dela sua necessidade se tornou quase imperiosa, ali estendida sobre seu peito, com a face sobre sua pele, com a cabeça colocada logo abaixo de seu queixo, com a mão sobre o lugar onde seu coração orgânico batia acelerado.

Cuidadosamente deslizara uma mão por suas costas, ouvindo sua respiração, tão completamente em paz. Satisfeito... Suspirou... Feliz... Uma humana.

Mal tinha recordado o que ela era, o que ela representava, experimentara algo incomum. Não era um estouro na placa de circuitos ou um enguiço de um chip de silicone, era algo emocional. Absolutamente inaceitável.

Sou um Cyborg. Sou uma máquina. Não vou me tornar um idiota no cio. Não admiro mulheres adormecidas. Não me aconchego a elas. E definitivamente... Elas não me interessam!

Então, por que se sentia um imbecil quando se afastou de Riley? Por que queria voltar e pedir perdão? Prometer que nunca mais a magoaria?

— Aramus, parece que alguém desligou uma das came...?

Um punho lançado lateralmente fechou a boca grande de Xylo e assim começou a briga que o Capitão necessitava para gastar um pouco da tensão acumulada. Quinze minutos mais tarde, com o nariz quebrado, pela centésima segunda vez pela sua conta, sentado na mesa médica, com os ombros caídos, enquanto M.J. colocava o membro quebrado no lugar.

— Capitão, importa-se de me explicar por que sentiu a necessidade de bater a cabeça do Chefe de Segurança no chão? — M.J. perguntou enquanto uma luz brilhante verificava possíveis danos em suas retinas.

Xylo conseguira acertar um par de golpes pesados e Aramus vira o mundo triplicado durante alguns minutos após a briga.

— Isto é sua culpa. Fiz o que me recomendou. Fiz sexo com a humana.

— Suponho que a experiência o fez sentir-se insatisfeito, daí sua raiva contra um companheiro de tripulação que passava.

— Nada disso. Na verdade gostei tanto que fizemos mais três vezes.

— Então...? — M.J. hesitou esperando por mais

informação.

— Continuo querendo mais.

Queria continuar a ouvir seus gritos de prazer enquanto a penetrava profundamente, queria sentir seus dedos cravando-se em seus ombros, sua respiração quente contra os lábios. Fechar os olhos e desejar não ter de ver as imagens que queria esquecer.

— Suponho que a humana não pôde suportar seu ardor dada sua natureza frágil e disse não quando a procurou por mais sexo.

— Não exatamente.

Tinha a sensação de que Riley acolheria com imensa satisfação seu toque. Na verdade, tinha certeza disto. Bem, agora não mais, não depois de suas últimas ações, ele duvidava que ela sequer quisesse falar com ele. Agira como um idiota. Provavelmente ela o odiava agora, como deveria ser, então por que esse pensamento o enchia de remorso e insatisfação?

— Há uma expressão na Terra para pessoas que não oferecem voluntariamente informação aos que tentam os ajudar. Diz-se, 'como arrancar os dentes'. Exceto, que no seu caso, vou começar a tirar outras partes de seu corpo se não começar a falar. Não posso ajudá-lo sem saber qual é o problema.

— Toque em qualquer parte de meu corpo e vou te arrancar o braço e te bater com ele.

— Eu gostaria de vê-lo tentar — M.J. o fulminou com o olhar.

Aramus reteve um suspiro. Embora M.J. fosse geralmente de natureza tranquila, na verdade seu médico fora treinado para ser um lutador fenomenal e um assassino letal. Mesmo Aramus sabia que não era páreo para ele. Em um embate cara a cara, as coisas poderiam ficar feias.

— Estou esperando, soldado. Solte a língua antes que eu a arranque.

— Está bem. Quer os detalhes sórdidos, aqui estão. Estou me tornando uma sombra de mim mesmo. Possuí Riley, fiz que ela gritasse de prazer e gozei como nunca antes. Tive o melhor momento de minha vida, e depois nos cariciamos até adormecermos nos braços um do outro. Inferno, dormimos abraçados! — Gritou. — É sinto-me sujo! Não, pior que isso, sinto que abusei de uma maldita humana. E quero tê-la de novo.

Aramus esperava o desprezo, o desdém diante de seu defeito mental, os comentários depreciativos a respeito de ser um amante de humanos, um dos que dormiam com o inimigo e gostava de fazê-lo. Era o que ele vivia pensando e falando.

M.J. não fez nenhuma coisa nem outra. Ele somente encolheu os ombros.

— Eu não vejo o problema.

— Não ouviu nenhuma palavra do que eu disse?

— Ouvi perfeitamente. Você gosta dela.

— Eu! Não! Você está com algum circuito funcionando mau. Nunca me envolveria com humanos — Pronunciou as palavras com os dentes cerrados, sendo cada palavra uma mentira.

— Bem, aparentemente você tem algum interesse nessa humana, do contrário não estaríamos tendo esta conversa. Não vejo qual é o grande problema. Que ela seja humana? Metade de você também é.

— Menos da metade. E eu prefiro fingir que não está aqui.

M.J. levantou as mãos.

— Francamente, me dou por vencido. É o Cyborg mais teimoso que conheço. Não. Pior que teimoso, é racista.

— Não é racista odiar às pessoas que me fizeram mal.

— Sim, mas foi o exército e a Companhia que o fizeram isto. Não Riley. Nem a maioria dos seres humanos. Só dois grupos específicos. Quando vai colocar nessa cabeça espessa de metal que odiar todos os seres humanos, a longo prazo, não o fará nenhum bem. Gostando ou não, sempre teremos que enfrentá-los e sempre estaremos ligados a eles.

— Não, se eu os matar primeiro.

— Agora está sendo irracional. Possivelmente haja um defeito em sua programação, porque quando se trata de lógica e de culpar às pessoas certas, não o deixa pensar com clareza. Agora bem, se tiver terminado de ser um idiota, tenho coisas melhores a fazer, como cortar as unhas dos pés.

— Nossos nanos controlam seu crescimento.

— Isso pode chamar de desculpa para sair antes que suas divagações paranoicas me irritem e eu acabe fazendo de você uma obra artística de sucata.

M.J. pôs-se a andar, e Aramus observou o Cyborg em retirada. Maldito amante de seres humanos. Um verdadeiro Cyborg o entenderia. Uma gargalhada saiu da cama do canto onde Avion estava recostado em posição sentada.

— Falando de diversão.

— O quanto ouviu de nossa conversa?

— O suficiente para saber que M.J. tem razão. Francamente você é um idiota.

— Você também. Entre todos os Cyborgs, pensei que você tomaria meu partido, dada sua experiência com eles.

— Alguns, e não todos. Nem todo humano que teve contato comigo tentou me causar danos. Muitos não concordavam com a maneira como fui tratado. E isso podia até ser perigoso para essas pessoas. O controle estava nas mãos dos sádicos, o General providenciou isso, nunca mais vi as pessoas que foram amáveis comigo.

Aramus não podia acreditar no que estavam ouvindo seus órgãos auditivos.

— Está tentando me dizer que não odeia os humanos e não está ressentido com o que fizeram a você?

— Ah, ainda odeio alguns deles. Há alguns que eu adoraria por minhas mãos em cima, eu os mataria

lentamente, adoraria ouvi-los gritar enquanto lhes arrancasse pedaço por pedaço. Mas, diferente de você, não sou tão amargo que não possa perceber que são poucos e, se os outros humanos tivessem conhecimento de suas ações, isso não passaria impune na justiça dos humanos.

— Pois é um tolo. Eu não sou tão indulgente.

— Então, sinto muito por você, meu amigo. Não pode viver sua vida odiando parte de si mesmo.

— Não me odeio. Odeio os humanos.

Soava infantil até mesmo a seus ouvidos, mas Avion prosseguiu dizendo: — Onde está a lógica por trás disso? Tenha ódio daqueles que o merecem. Não das pessoas que nunca o fizeram mal. Pelo que pude entender da conversa Riley parece gostar de você... Mesmo que seja um idiota intolerante.

Seu coração acelerou com a mera sugestão de Avion de que Riley gostava dele. Energicamente regulou seu batimento cardíaco ao nível normal.

— Não me importa o que ela pensa e muito menos o que sente. Recuso-me a sentir qualquer emoção por está humana, exceto o desprezo.

— Então se afaste dela. Ela ficará melhor sem você por perto, de qualquer modo. Assim que chegemos ao nosso planeta, não terá que se preocupar com ela nunca mais. Com a escassez de fêmeas, certamente um Cyborg se interessará em torná-la sua companheira.

O que? Riley com outro Cyborg? Nunca!

A fúria o dominou só em imaginar a situação. Uh... Não era tão estúpido que não identificasse o próprio ciúme. Só mais um defeito por conta dela.

Ela só consegue tirar o que há de pior em mim, o ser humano que tento suprimir a qualquer custo. Tenho que me livrar dela.

— Ela não chegará ao nosso Planeta.

— Como não? Pensei que esse fosse o plano.

— Temos outras prioridades.

A primeira delas, o espaço no interior da nave era mínimo, o que significava que acabaria se encontrando com ela... E provavelmente sua luxúria o faria correr atrás dela. Seduzi-la não era uma opção; ele não queria que seus tripulantes soubessem seu segredo vergonhoso.

A segunda, não sabia se poderia manter o controle se a tivesse nos braços. Só a ideia fazia sua pressão arterial ignorar por completo as ordens de sua BCI para se acalmar.

E a terceira... Não sabia qual era a terceira puta razão, além de que precisava se livrar dela e, já que não podia matá-la, mesmo sendo este o curso de ação mais eficaz, então a única opção que lhe restara era desembarcá-la e os demais seres humanos com uma boa desculpa, é obvio, para manter seus irmãos Cyborgs a salvo. Admitir que se livraria daqueles humanos só para não enfrentar a uma determinada fêmea, simplesmente estava fora de questão.

— Já temos a informação que precisávamos. Esses humanos não servem para nada e não têm valor. Sem mencionar que são um risco de segurança. Há uma estação de abastecimento de combustível na Via Láctea. Vou deixá-los lá.

— Por quê?

— Assim ficarão com os de sua espécie.

— Mas o que acontece a eles se a Companhia os encontrar? Eles não admitirão um vazamento de informações sobre suas experiências.

— Não é problema meu.

Ele os advertiria sobre manter a boca fechada. Então só dependeria deles ouvi-lo ou não.

Enquanto isso, até que se livrasse deles na estação espacial, só teria que se manter afastado de Riley... E da tentação que ela representava.

Capítulo Dezessete

Após a cruel despedida de Aramus, Riley se sentiu mais só que nunca. Mesmo os outros seres humanos a bordo pareciam se manter à distância, com Percy mal trocara duas palavras quando se encontrou com ele, Carmen sempre correndo, fazendo sabe-se lá o que... Embora Riley pudesse imaginar ao ver o decote a mostra e o sorriso descarado em seus lábios. Dos outros, nada.

Tendo em conta a opinião de Aramus, e a de Deidre, sobre os seres humanos, não se incomodou em entabular conversa com os outros Cyborgs. Por que insistir? Não precisava ouvir o quanto a odiavam por sua herança humana. Uma garota só podia ir até certo ponto. Apesar disso, ela desejava companhia, razão pela qual terminou na área médica visitando David, ainda em coma induzido.

— Pelo menos, você não pode me ignorar — Disse em voz alta enquanto se sentava ao seu lado.

— Nem tampouco responder — Avion respondeu brincalhão do outro lado da sala.

— Sinto muito. Não queria incomodar. Já estou saindo.

Ela se levantou e se dirigiu à porta.

— Não, por favor, fique. Estou ficando um bocado aborrecido aqui sozinho. Não me importaria com um pouco

de companhia.

— S3rio? Voc3 sabe que eu sou humana? — Destacou, e ele p3s-se a rir.

— Ah, se sei. Confie em mim. Sei quase tudo. Sabe que conseguiu o interesse nada bem-vindo de Aramus.

— Pois, me perdoe. Se tivesse suspeitado de que poderia ser t3o imbecil, teria me mantido bem longe dele.

Aramus parecia n3o ter nenhum problema em mant3-la 3 dist3ncia. Como poderia faz3-lo mudar de opini3o e que viesse a confiar nela, se nem sequer podia v3-lo?

— Sim, suas a33es s3o muito dificeis de defender, mas posso entender.

— S3rio? Porque eu n3o. Quero dizer, sei que os Cyborgs devem estar zangados. Foram obrigados a estar em uma situa33o insustent3vel. Olhe o que fizeram a voc3. Entretanto, ele precisa saber que nem todo humano 3 assim. Eu n3o sou assim.

— Acredito que em seu 3ntimo Aramus saiba disso, mas viveu em meio ao 3dio durante anos. Esse 3dio foi 3 3nica coisa que restava a ele quando foi libertado. Diferente de alguns de n3s, ele n3o tem lembran3as de seu passado ou sua fam3lia. N3o se lembra do que se sente ao querer algu3m. 3 prov3vel que n3o reconhe3a essas emo33es.

Mesmo me deitando com ele.

— Ent3o, viver3 odiando toda uma esp3cie pelas a33es de alguns poucos?

— É uma das possibilidades.

— Há outra?

— Talvez ele só precise do incentivo ou a pessoa adequada para lhe mostrar o quanto está errado.

— Eu não.

— E por que não? Sei que vocês dois compartilharam... Humm!... Como dizê-lo com delicadeza... Ah, sim, um momento íntimo.

Ela soltou uma risadinha.

— Diga apenas a verdade, fizemos sexo, e isso não significou nada para ele. Só estava atendendo uma necessidade.

As palavras cruéis e insensíveis de Aramus, ainda doíam, mesmo dias depois.

— Oh, mas foi bem mais que sexo. Confie em mim, eu o conheço bem. Aramus sempre se manteve no controle de suas ações e do próprio corpo. Nunca deixou que suas emoções, ou necessidades fisiológicas, o desviassem do caminho para ser o perfeito soldado Cyborg. Ao menos, até que a conheceu.

— É difícil de acreditar.

A cada encontro, à exceção do primeiro momento, terminou em um beijo e também em algo mais.

— Creia-me. Aramus está assustado por ter tão pouco controle quando está em sua presença.

Não pode controlar a risada.

— Aquele brutamonte está assustado comigo? Mal posso acreditar.

— Ele teme perder o controle de seu ódio e se permitir sentir. Teme reconhecer que talvez nem todo humano deva ser sacrificado e que existe mais humanidade nele do que quer admitir. Vê as emoções como uma fraqueza.

— Por que está me dizendo tudo isto? Não posso deixar de pensar que Aramus ficaria furioso se o ouvisse falando comigo assim.

— Oh, estou certo de que já está furioso.

— Está? Quer dizer que ele está aqui, onde? — Ela olhou ao redor.

— Não está aqui fisicamente, mas está monitorando você. Na verdade sempre a está observando.

Então era assim?

Talvez ainda houvesse esperança.

— Você vai se meter em problemas.

— Aramus não me causará nenhum dano. Talvez grite um pouco, mas ficará só nisso.

— Então, já que está dizendo que o conhece tão bem, o que sugere que eu faça?

— Obrigue-o a sentir.

Ela soltou um resmungo.

— E como sugere que eu faça isso? Não posso abrir a

cabeça dele e fazer as emoções saírem até que grite “dou-me por vencido”.

— Uau... Eu adoraria ver isso. Inclusive posso segurá-lo enquanto o faz. Só me faça um favor, espere até que Einstein implante em mim outros olhos para que eu possa apreciar a cena.

— Trato feito. Mas ainda não me disse como posso fazê-lo sentir quando nem sequer posso vê-lo. Ele está nas áreas que me são proibidas na nave.

Avion encolheu os ombros, e seus lábios se inclinaram em um sorriso malicioso.

— Então o traga aqui.

— Como?

— Faça algo que possa provocar uma resposta emocional forte o suficientemente para que não consiga controlar a si mesmo. Deixe-o com ciúmes.

Se insinuar a outro Cyborg? Vetou a ideia.

Não, só parecia muito frio e perigoso, se Avion tivesse razão, Aramus poderia ferir gravemente outro Cyborg.

— Isso me parece muito perigoso.

— E se ele pensar que você está em perigo?

Colocar a si mesma em perigo? E se Avion estivesse enganado? Poderia sair ferida.

Não.

Não estava tão desesperada. Negou com a cabeça antes

de se dar conta de que o Cyborg não poderia ver sua resposta.

— Isso não nos servirá tampouco.

— Ele parece que não pode resistir a você, provoque-o.

Como ela poderia fazer com que ele a desejasse se não estava por perto? Ou ele estaria vigiando-a constantemente tal como Avion afirmava? Só havia uma maneira de saber.

— Você me deu muito em que pensar.

— Não pense muito. Eu não gostaria que tudo acabasse de repente.

— O que quer dizer?

— Nada. Basta que pense no que te falei.

Ela o faria. E então... Agiria.

Se sua experiência como prisioneira a tinha ensinado algo, era que a vida era curta demais para se sentar e esperar que outro alguém agisse em seu lugar.

Conseguira uma segunda oportunidade. E ela não a desperdiçaria.

Capítulo Dezoito

O que ela está fazendo agora?

Aramus se perguntou enquanto Riley entrou em sua cabine e começou a caminhar de um lado ao outro. Parecia estar discutindo consigo mesma, se alternando em franzir o cenho e morder os lábios, como se tentasse chegar a uma decisão. Perguntou-se o que a estaria perturbando.

Apesar de reconhecer a fraqueza de suas ações, Aramus não podia deixar de vigiar Riley. Como de costume, assim que entrou em sua cabine, os sensores de suas câmaras estavam em sintonia com ela. A observara de mau humor, já vira a esperança em seus olhos quando ouvia passos pesados no corredor, Também vira nublar sua expressão quando descobria quem se aproximava.

Ela sente minha falta.

Uma teoria confirmada depois da conversa com Avion. Maldito fosse o Cyborg por lhe dizer que estava espiando-a! Era humilhante ao extremo que não pudesse evitá-lo, mas mais ainda ao saber que Avion sabia de sua fraqueza. Quase se dirigira à enfermaria para dar um bom sermão no Cyborg, talvez uma sacudida colocasse seus circuitos no lugar. Mas, agir de qualquer maneira significava ter de admitir que a espionava e isso criava um dilema. Ele precisou ficar frio... Embora não tivesse engolido nada bem a situação. Realmente

preferia bater ou matar as coisas que o perturbavam.

Felizmente a tortura terminaria logo. Já estavam próximos à estação de combustível onde os deixaria. Podia aguentar mais um pouco. Podia resistir à tentação. Podia...

Que diabos há com ela?

Então ela começou a desabotoar o macacão lentamente, o que por si não era comum, mas a lentidão e o deslize da peça de forma sensual desnudando os ombros... Isso era incomum.

A peça de roupa caiu até a cintura, deixando seu torso coberto por uma camiseta sem mangas. Segurando o macacão, deslizou-o sobre o quadril, perfeito e delicioso quadril, e foi deslizando-o por suas coxas cremosas antes de deixá-lo cair a seus pés. Vestida só com a camiseta branca e as calcinhas, saiu do quarto, e ele trocou as câmaras, esperando vê-la entrar no banheiro para um banho, a única razão pela qual geralmente se despia durante o dia. E, sim, admitia ser um robô com mau funcionamento por espioná-la. Ele sabia que havia um nome para sua atitude, 'voyeur'. Mas isso não o impediu de vê-la... Nem de apreciar o momento.

Seu pênis cresceu, engrossando-se com antecipação. Adorava sua sensualidade inocente quando se banhava, mas ela não estava no banheiro. Estranho. Aramus volteou a câmara que monitorava a cabine, encontrou Riley nua e estendida em sua cama, com as pernas abertas, expondo seu sexo rosado. Por todos os nanos em seu organismo! Era um espetáculo visualmente estimulante. Memorizou-o e o salvou

em seus bancos de dados.

Mas... Um momento. Por que estava agarrando os seios e apertando-os? Por que para tocar seus mamilos entre os dedos até que se erguessem suplicando por uma boca, minha boca, que os chupasse? A resposta o deixou estupefato.

Está se masturbando.

Mais que nunca, com tendência voyeurista ou não, ele sabia que tinha que parar a transmissão da câmara. Isto era errado. Ruim. Tão miseravelmente tentador... Obrigou-se a permanecer sentado, mesmo enquanto permanecia estático com a cena que se desenvolvia a sua frente. Congelado, como que aturdido por um Taser 24, observava Riley acariciar o corpo que não podia esquecer. Um corpo que queria tocar de novo. Poderia ter lutado contra a fascinação que apresentava e ignorar enquanto ela se tocava... Se ela não tivesse torcido o dedo em direção à câmara. Logo pronunciou seu nome.

— Aramus — Sussurrou.

Aramus não se lembrava de ter se levantado de seu assento, ou deixado a sua cabine, e muito menos como acabou em frente a sua porta. Como se ela tivesse acionado seu piloto automático, seu comando sendo obedecido pelo soldado em suas calças. OH! A quem estava tentando enganar? Aproximou-se dela porque a desejava e sentia sua falta. Aproximou-se dela, porque o fazia sentir, embora nem sempre gostasse do que significavam esses sentimentos.

Estou aqui porque é onde quero estar. Aonde pertenço.

A porta fez o mais leve dos sons enquanto se abria, permitindo sua entrada. Entrou, e fechou a porta atrás dele, lhes dando privacidade. Seu olhar se dirigiu imediatamente à cama, onde esperava ver ao menos uma amostra de surpresa. Mas ele não entendera mal seu convite na câmara. Longe de se sobressaltar, Riley o saudou com um sorriso sensual.

— Já era hora — Murmurou com voz rouca. — Pensei que teria de terminar sozinha.

— O que está fazendo?

A pergunta saiu mais duro do que pretendia, até brutal com a fome que tinha suprimido.

— Tentando chamar sua atenção.

— Por quê?

Riley lambeu os lábios, o movimento de sua língua cor de rosa não ajudou em nada a sua ereção palpitante.

— Esteve me evitando.

— Estava fazendo meu trabalho.

— Ah, sim, cuidar de sua nave e da tripulação — Soltou uma gargalhada. — Como um bom Cyborg. Mas esqueceu de uma coisinha.

— Nunca esqueço nada.

— Ah, mas desta vez esqueceu. Seus passageiros, esqueceu de providenciar algo que necessito.

— De acordo com meus registros, estava mais que bem atendida. Mantimentos. Alojamento. Roupas. Que mais

necessita?

Uma parte dele sabia a resposta, ansiava por ele, mas a parte egoísta dele queria que ela dissesse.

— Preciso de você.

Aramus fechou os olhos enquanto as palavras se apoderavam dele, o aquecendo não só fisicamente, sua mente exultou.

— Não tem ideia do que está pedindo.

— Sêrio?

— Sou Cyborg.

— E?

— Não posso dar a você nada mais que meu corpo.

— Eu não estou pedindo nada mais.

Mesmo ele podia ouvir o não dito, por agora.

— Por que eu?

Por que não um dos outros? Por que queria ele? Por que o escolher conhecendo sua natureza intratável? Conhecendo sua opinião sobre sua espécie?

— Porque não posso evitá-lo. Desejo você, Aramus. A você e só a você. E sei que me deseja também. Não negue. Se não me desejasse, não estaria aqui neste momento.

— Eu não gosto desta fraqueza.

— Não é fraqueza querer sentir.

Com os olhos ainda fechados, ele não a viu se levantar

da cama, mas a ouviu e logo sentiu como ela o envolvia nos braços e se inclinava para morder a ponta de seu queixo.

— Estou cheio de defeitos — Sussurrou.

— Com defeitos ou não, você é meu.

E com essa afirmação possessiva, ele não pôde se conter por mais tempo. Gemendo em sinal de rendição, seus braços a rodearam, esmagando-a contra ele enquanto a levantava para triturar sua boca contra a dela em um beijo ardente. Ela se agarrou a ele, aceitando seu feroz abraço e retribuindo com sua língua ágil.

Como se atreveu a pensar que poderia resistir a ela? Era sua doce fraqueza. O único ser humano que poderia, se quisesse, deixá-lo de joelhos. E de joelhos se deixou cair, arrastando-a com ele, salpicando seu rosto de beijos, tentando chegar a todos seus pontos sensíveis, atrás do lóbulo das orelhas, o pulsar no pescoço...

Arqueando-se, ela jogou a cabeça para trás, dando acesso, fazendo-se vulnerável a ele. Esqueceram o fato de que havia uma cama facilmente acessível só a alguns palmos de distância. Não conseguia impedir a exploração sensual de seu corpo, ainda mais quando ocupava as mãos em arrancar sua roupa. Apressado ajudou a tirar a camisa e desabotoar as calças. Ele amaldiçoou quando precisou deixá-la para tirar as botas e as calças, um alívio temporário que ela usou para se arrastar sobre a cama, estendida sobre os lençóis em um convite erótico ao qual ele não pôde resistir; não importando o quanto a programação de seu BCI gritasse “perigo”. Afinal

ele sempre apreciara viver as coisas ao máximo.

Entre as pernas, sua ereção palpitava e suas bolas se penduravam pesadas. A doçura de sua excitação perfumava o ar, um cheiro quente e exótico, mais mortal que qualquer gás militar. Com suas pernas abertas, ele podia ver claramente seu sexo brilhante. Não pôde evitar tocá-la ali, sentir seu desejo nos dedos. Estava tão quente, escorregadia, só para ele, não a deixaria esperar.

Caiu de joelhos uma vez mais, como um suplicante diante de um altar pagão. Aproximou-se da cama e a agarrou pelas coxas, puxando-a para si, pousou suas pernas sobre os ombros, colocando-a em uma posição perfeita para devorá-la com a boca.

Desde que se libertara, Aramus provara vários tipos de alimentos, alguns considerados como delícias, doces, salgados, mas nenhum, nada do que podia lembrar se igualava a delícia que lambia agora. Seu mel cobria sua língua, sua excitação era uma ambrosia feita sob medida para ele. Devorava-a como se fosse um homem faminto, mordiscando e chupando, sua língua penetrando e explorando. Ouviu-a gritar seu nome, pedindo por mais, sua respiração irregular, sinais audíveis de que ela se deliciava por a devorar a carne.

Quando Riley gozou, quase a acompanhou, tão impressionado estava pela forma como seu corpo reagia com a força do orgasmo, como o interior de seu sexo se convulsionava no auge do clímax. Estava surpresa,

lindíssima. E ainda implorava por mais.

— Possua-me, Aramus — Suplicou. — Por favor. Por Deus, como preciso de você.

— E eu também preciso de você.

Ele ajeitou-a sobre a cama, mantendo suas pernas abertas para poder se colocar entre elas. A ponta de seu pênis se esfregou no clitóris inchado. Riley soltou um som inarticulado enquanto se arqueava, tentando atraí-lo para seu âmago. Mas acabara de gozar, ele sabia que ela precisaria um pouco mais de estímulo se quisesse fazê-la alcançar o clímax de novo. O arqueamento de seu dorso chamou sua atenção para os seios exuberantes.

Apoiado nos antebraços; continuou esfregando a cabeça de seu membro contra o clitóris escorregadio enquanto se inclinava e capturava um bico contraído na boca. Chupou, e ela agarrou sua cabeça, ignorando totalmente a placa de metal que a recobria, e empurrou seu seio mais dentro de sua boca. Como se ele a deixasse ditar suas ações na cama. Levantou mais o tronco dela para poder deslizar os dentes sobre o mamilo ereto. Riley ofegou e se retorceu. Definitivamente gostava daquilo. Aramus formou redemoinhos com a língua ao redor do botão rígido antes de aplicar a sucção.

Sua umidade brotava do sexo, empapando a cabeça já lubrificada do pênis. Perto. Estava quase pronta para ele. Dirigiu sua atenção ao outro seio e lhe deu a mesma atenção, para seu deleite ela gemeu mais. Tenso, esqueceu-se de

continuar a deslizar a glândula de seu membro sobre o clitóris. Afoito empurrou a cabeça grande de seu pênis na entrada de seu sexo. Apertada, alucinadamente, deliciosamente apertada. Perfeita.

Minha.

Com esse pensamento possessivo dominando sua mente, empurrou, se aprofundando em seu aveludado canal e não pôde evitar gemer diante da sensação deliciosa. Seus músculos escorregadios o apertaram como uma prensa ao redor de seu membro turgido, agarrando-o, não querendo deixá-lo ir. Aramus quase se perdeu nesse momento. Mas era um Cyborg. Ele tinha mais controle.

Voltou a se afastar, a sucção de seu sexo parecendo resistir a dar liberdade a ele. Quando só a cabeça do pênis estava enterrada, voltou a penetrá-la tão profundamente quanto pôde, embainhando-se até que suas bolas esbofetearam contra as nádegas macias. Riley deixou escapar um som queixoso e o arranhou nas costas. Aramus se retirou e a penetrou novamente, de maneira dura e profunda. Desta vez Riley deixou escapar um grito curto. Parecia ter encontrado seu ponto certo, e decidiu aproveitar ao máximo. Com movimentos largos e medidos, Aramus pressionou e logo se retirou. Cada golpe atingia seu ponto G, seus músculos internos se tencionavam cada vez que a penetrava. Mais e mais forte, seu canal o apertava até que, com um forte grito, ela explodiu, seu orgasmo foi selvagem, com a união intensa de sua carne que o ordenhava. Mais que ordenhou, roubou todo seu controle, e Aramus se uniu a ela no gozo violento,

estava tão ligado a ela nesse momento que não pôde evitar em pensar...

Nunca a deixarei se afastar de *mim*.

Capítulo Dezenove

Santo céu! Ela conseguira mais do que tinha esperado dele, no bom sentido. Aramus viera até ela, esmagado por seu desejo, também incapaz de resistir. Isso a fez se derreter por dentro ao ver a batalha interior em que ele estava, por ao menos uma vez, sua expressão não era uma máscara fria e distante, ela percebeu o quanto lutava contra seu desejo por ela, a cautela e... A melancolia. Ele queria o que lhe oferecia, mas não confiava em si mesmo. No final, acabara por sucumbir.

Fizeram amor. Selvagem, incrível e intenso, e mesmo quando gozou, gritando seu nome com sua voz crua, não a esqueceu. Ao invés de desabar em cima dela, o que provavelmente poderia tê-la sufocado mortalmente, lembrou-se de sua natureza humana mais frágil e rolou de lado, mantendo-os unidos, até que se deitou de costas com ela estendida sobre ele.

Tentando normalizar a respiração, com a face contra sua pele, notou algo estranho e não pôde deixar de perguntar, apesar do momento íntimo.

— Por que não posso ouvir seu batimento cardíaco?

— Porque não tenho um coração.

A resposta a surpreendeu o suficiente para que se

levantasse ligeiramente para fitar seu rosto.

— Perdão? Você acabou de dizer que não tem um coração?

Um leve sorriso curvou um canto de sua boca, suavizando as linhas duras de seu rosto.

— Sim. Não tenho um coração. Uma de minhas mais recentes atualizações requeria a eliminação desse órgão em particular e sua substituição por um mecânico mais eficiente.

— Então é assim que bombeia o sangue e o mantém vivo?

— Sim.

— Oh, graças a Deus! — Suspirou com alívio. — Por um momento pensei que acabava de fazer o sexo mais incrível de minha vida com um cara morto.

— Se houvesse prestado mais atenção as minhas ações teria tido certeza de que estou bem vivo — Foi sua resposta irônica.

Uma risadinha escapou dela.

— Sinto muito. É que de um ponto de vista lógico, quando não se ouve o batimento cardíaco, se pressupõe que a pessoa deve ser um vampiro ou um zumbi.

— Está me comparando a um personagem fictício?

— Não veja isso com um insulto. Eu adoro ler histórias onde vampiros seduzem à garota.

— Exceto, que neste caso, foi você quem me seduziu.

— Sem dúvida — Riley sorriu. — E... Digo que estou feliz por ter encontrado coragem para fazê-lo.

— Então está confessando.

— Não vai me jogar no chão agora e sair correndo, vai?

Por um momento, algo passou por seu rosto, pesar, tristeza... Mas suas palavras seguintes lhe trouxeram alívio.

— Não. Pelo menos enquanto estivermos a bordo desta nave.

Algo na frase a incomodou, mas não sabia o que.

— Ah, mas que romântico.

— Se está esperando me transformar em um idiota que diz poesia, é melhor pensar de novo. Não faço discursos floridos. Não sou gentil. E não me aconchego a ninguém.

— Então, como se chama o que estamos fazendo?

Moveu-se em cima dele e arqueou uma sobrancelha. Um lento sorriso travesso esticou seus lábios.

— Preparação para uma segunda rodada.

Aramus fez amor com ela de novo, lentamente e com reverência. Explorou seu corpo com as mãos e a boca. Para um homem que professava que não fazia gentilezas, tornou falsas suas palavras com a maneira de como tratou cada centímetro dela, tratou seu corpo todo como um templo, ele agiu como um devotado coroinha encarregado dela. Nunca se sentira mais bonita ou desejada.

Vários dias se passaram nessa felicidade. As únicas

vezes em que se separavam era quando ele se dirigia a ponte de comando da nave. Comiam em sua cabine. Dormiam. Até tomavam banho juntos e faziam amor muitas vezes. Mas não faziam somente amor.

Também conversavam. Ela falava da vida que tinha anteriormente, enquanto Aramus, depois de muita insistência, contou a ela sobre sua libertação e como despertara à capacidade de sentir. Ele se deu conta de como a experiência o tinha marcado e de quanto estava ressentido pelo fato, diferente de alguns dos outros Cyborgs, não pode lembrar-se quase nada de seu passado.

Riley notou o afeto em sua voz enquanto contava histórias de seus amigos Cyborgs. Notou que Aramus, “O senhor não sinto nada”, não fazia ideia de como seu rosto se iluminava quando contava algumas das brincadeiras e missões que tinha realizado com seus irmãos Cyborgs. Durante todo esse tempo, nenhuma só vez surgiu seu ódio pelos humanos.

Ela pensou que Aramus estava finalmente começando a confiar nela. Pensou que estava sentindo algo por ela.

Como pude me enganar tanto?

Capítulo Vinte

Não posso acreditar nisso.

— Estão partindo.

Mesmo enquanto olhava pela janela da estação espacial, vendo o S.S. Bite Me se afastar da área de ancoragem, não podia acreditar. Aramus a tinha deixado. Tratando-a como se fosse apenas uma amante e, com tanta frieza, como se fosse uma peça não desejada da carga, largou-a em uma maldita estação espacial no meio do nada.

Como pôde me abandonar?

Mordeu o lábio, esperando que a dor mantivesse a seus olhos secos.

— Bem, ao me... Menos não nos mma... Mataram — Disse Percy.

Bem que ele poderia tê-lo feito, estava se sentindo como se a tivessem apunhalado no coração.

Só Carmen não parecia muito surpresa quando ela murmurou: — É claro que não nos matariam. Os Cyborgs podem se autodenominar como máquinas e falar que não sentem emoções, mas são mais humanos do que querem admitir e sujeitos a muitas das mesmas fraquezas que nós. Um verdadeiro robô não teria hesitado em acabar conosco na mesma hora para que não pudéssemos contar a ninguém o

que vimos. Mas, ao que parece, não são suficientemente lógicos. Deixam-se que governem por seus sentimentos — Ela zombou, sem se incomodar em amenizar seu desdém habitual com um verniz de civilidade. — Foram fracos e nos deixaram vivos aqui.

— Não é fraqueza sentir empatia — Respondeu Riley.

Embora, de acordo com Aramus, fosse. Ou ao menos isso constituía a base de sua lógica e do porquê de fugir com sua tripulação em vez de tratar o fato de que ele sentia algo por ela.

Sei que ele se preocupa comigo.

Vira isto muitas vezes ao longo dos últimos dias para duvidar, o que fez seu ato de abandono, sem sequer se despedir ou dar a ela a oportunidade de argumentar, muito mais difícil de suportar.

— Se você acredita nisso, é uma tola. Deixar pontas soltas é uma falha, não uma qualidade redentora. Não estranho que os Cyborgs tenham fracassado como projeto. Os militares deveriam os ter queimado a capacidade de sentir em seus cérebros.

— Está louca? — Riley não pôde deixar de exclamar. — Está realmente criticando o fato de que são capazes de sentir? Que eles tenham conservado sua humanidade e que, apesar das mudanças em seus corpos, não são mais que máquinas?

— Sim. São Cyborgs. Construídos para servir à humanidade. O exército e a Companhia desenvolveram a

ideia de tornar seres humanos imperfeitos, em seres que não davam nada à sociedade ou que feridos se tornavam uma carga inútil a ser carregada, lhes deu a oportunidade de ser algo mais. Algo melhor. Que pena restar somente esses fracassados!

— Como pode dizer isso? Passou tempo com eles. Inferno, até mesmo estive dormindo com um.

— Mais de um, mas agora estamos aqui, não lá. Cometeram um erro enorme nos deixando aqui. Eu teria matado a todos ou os manteria como ferramentas.

— Com esse tipo de raciocínio, então não é melhor que os monstros dos quais escapamos.

E agora que conheciam muito mais a respeito dos Cyborgs. Riley se sentiu incomodada ao saber que Carmen estivera omitindo sua verdadeira opinião sobre mais que uma coisa, dada sua fala mordaz. Desejava poder dizer a Aramus. Provavelmente ele haveria de querer interrogar Carmen de novo, dada esta nova visão. Só havia um problema. Aramus se fora, e ela nunca mais o veria.

Suponho que já não importa mais.

— Ah, você ou sua opinião não me interessam. Vou dar uma volta.

Carmen se voltou sobre os calcanhares e se dirigiu ao outro lado da sala quase vazia que servia de bar e restaurante para a estação espacial. A estas horas, havia somente alguns frequentadores reunidos ali, perdidos em seus próprios pensamentos enquanto ingeriam suas bebidas

e murmuravam em voz baixa entre eles. Não deram mais que um momento de atenção ao pequeno drama do outro lado da sala.

Riley resistiu ao um impulso infantil de dar a Carmen uma saudação de despedida com um só dedo. Percy, por sua vez, parecia perturbado com a partida de Carmen.

— A... Aonde v... Vai?

— N. Não é da s... Sua conta — Carmen zombou. — Tenho coisas melhores a fazer do que perder tempo com perdedores.

Putá.

Partir ou permanecer, Riley não se importava. Não tivera um bom relacionamento com Carmen a bordo da nave Cyborg, não se importava com o que a mulher faria agora que estava em liberdade, especialmente tendo em conta seus comentários grosseiros e cheios de rancor a respeito de seus captores.

Talvez ela seja a mais inteligente. Não está por aí suspirando e se lamentando pelo fato dos amantes se livrarem dela.

Se somente pudesse deixar de lado suas próprias emoções tão facilmente. Mas o Cyborg mal-humorado se colocou debaixo de sua pele. Mostrou a ela o homem que pensava não poder sentir nada. Deixou-a cair apaixonada e então quebrou seu coração, largou-a ali sozinha em uma estação espacial, sem dinheiro e sem casa.

O que devo fazer agora? Pedir ajuda? A quem?

A advertência de Carmen, há pouco mais de uma semana?, a respeito de não se comunicar com a família para que a Companhia não a matasse, e a eles também, ecoou-se em sua cabeça. Mas, se não podia entrar em contato com eles para poder voltar a casa, ou mesmo pedir ajuda para voltar à Terra sem desencadear algum tipo de alerta, o que deveria fazer?

Ao que parecia, aquele bando de Cyborgs insensíveis lhes arranhou acomodações. Foram reservadas cabines para cada um deles e pagas até o próximo mês, isso ao menos tirou um dos dilemas da equação. Também os deixaram créditos suficientes para se alimentarem e comprar alguns artigos de primeira necessidade, bem, não morreria de fome ou viveria com os mesmos objetos íntimos. Agora, só os restava decidir o que fazer com o resto da vida.

A qual, como se viu depois, poderia não durar muito tempo.

O ataque se deu apenas umas horas após sua chegada, horas que tinha passado chorando até cair em um profundo sono. A estação foi invadida enquanto ela dormia, e pareceu que não foi a única a perder o evento. Nenhum alarme soou. Nenhuma premonição a advertiu. Entretanto, foi bastante difícil ignorar a mão sobre sua boca ou a pistola em sua cabeça assim que ela piscou para afastar o sono de seus olhos.

— Não se mova ou grite, senão estouro a sua cabeça.

Na penumbra da cabine, só pôde assentir com a cabeça já que o intruso, vestido com uniforme antimotins espacial, um traje espacial completo com reciclador de ar, obrigou-a a se levantar.

— Quem é você?

O golpe na parte posterior de sua cabeça a deixou cair de joelhos.

— Que parte de silêncio você não entendeu?

Olhos ardendo, cabeça doendo... Reprimiu um soluço, não devia deixar que o valentão a golpeasse de novo por não obedecer. Esqueceu-se de como deveria lidar com idiotas. Seu tempo com os Cyborgs a tinha estragado, que irônico.

— Levante-se, puta estúpida, e se mova quando eu mandar. E não quero ouvir um pio.

Felizmente, Riley se vestira com uma camiseta e calças de moletom ao se deitar porque seu agressor não deu tempo a ela para se vestir, nem sequer colocar um par de sapatos antes que a guiasse à porta.

Entraram na área comum da estação, onde esperavam vários dos mercenários vestidos com roupas de camuflagem. Observou Percy, sua boca se fechava em uma linha apertada, com as mãos presas e os olhos arregalados, nas garras de outro valentão.

Dedos gelados fizeram cócegas em sua coluna vertebral.

Merda. Isto não era bom.

Obviamente, tratava-se de um sequestro, uma crença

reforçada quando viu Carmen sair de sua cabine diante de outro soldado.

A outra mulher não parecia nervosa ou surpresa. De fato, caminhava adiante dos sequestradores que pareciam acompanhá-la, como uma líder seguida por seus asseclas em vez de uma prisioneira. A suspeita chegou à sua mente rapidamente. Carmen faria parte do comando da instalação destruída pelos Cyborgs? Seria ou não. Mas não se atreveu a perguntar, não com o “Senhor Valentão” as suas costas.

— Estão todos aqui? — Um dos valentões a questionou.

— Sim. Estes são os que procuravam.

Quem os procurava?

Percy estupidamente perguntou em voz alta e recebeu uma bala no abdômen como resposta. Riley decidiu que não precisava saber tanto. Baixou os olhos, ficou olhando seus pés descalços e caminhou enquanto eles a empurravam. Não estava disposta a pôr a prova sua paciência ao desobedecer ordens ou tentar escapar. Com este tipo de dificuldade, mesmo se fosse um Cyborg com super recuperação de danos, ela hesitaria em agir. O suicídio não estava em seus planos.

Caminhando pela estação espacial, em hora tão tardia significava que percorriam muitos corredores às escuras, quando as luzes da instalação estavam no modo noturno, simulando o horário da Terra. O que mais a surpreendeu foi a falta de agitação e o silêncio quando chegaram à área de atracagem. Estações espaciais, pelo que sabia, sempre tinha algo acontecendo, inclusive nas horas de descanso, sempre

havia cargas chegando e partindo, sem contar o deque da manutenção de naves sempre...

De repente viu os corpos estendidos no chão do outro lado, em um semicírculo caótico em frente à entrada do deque e a rampa de uma nave estacionada, o sangue espalhado pelo lugar anunciou a violência que tinha ocorrido recentemente.

A sensação de temor se acentuou. Arrastou os pés, mas isso não impediu o inevitável golpe em sua cabeça, tropeçou, uma mão enluvada se enrolou a seus cabelos, manteve-a em pé e um puxão praticamente a arrastou para a abertura da espaçonave.

Às vezes ser uma garota normal é mau negócio.

O que não daria por um pouco da força Cyborg agora. Estava farta de homens violentos a ditando ordens. Já a bordo, não se surpreendeu ao ver a expressão maliciosa de Dennison.

— Seja bem-vinda novamente, doutora. Espero que não pense que a tenhamos abandonado.

— Uma pessoa pode ter esperança.

Sim, e ver a esperança virar fumaça.

— Uma vez empregado da Companhia sempre será empregado.

— O que uma garota tem que fazer para ser despedida?

A bofetada no rosto a desequilibrou e quase a levou ao chão. Grande surpresa, Dennison parecia adorar bater em mulheres indefesas. Onde estava um Cyborg insensível

quando precisava de um?

— Putinha à toa. Parece que se esqueceu das boas maneiras. Mas não tem problema. Mais tarde a farei recordar dos bons costumes. Assim que alcancemos algumas máquinas que precisam se lembrar de quem é realmente a espécie superior.

— Nunca os encontrará.

— Não me diga que agora é uma defensora de robôs também? Ah, sim, quase havia me esquecido. Segundo minha fonte, você desenvolveu carinho por um. Aparentemente ficou muito satisfeita em foder com uma máquina obsoleta, até posso imaginar o quanto ficaria feliz em foder com carne de verdade, hein?

Como o miserável sabia? Quem o informara? O que estaria tramando? Ela se fez de tola.

— Do que está falando?

— Oh, não se faça de idiota comigo. Sei tudo sobre sua pequena aventura com o bruto feio que se diz chamar Aramus. Antes que os militares o agarrassem o sujeito era um vagabundo sem teto. Mendigava nas esquinas. Delitos como roubo e assalto a mão armada eram bem corriqueiros a ele. Sabia?

— Ele mudou.

Dennison pôs-se a rir.

— Aposto que sim. E tem que agradecer a Companhia por isso.

— Não querer dizer os militares? Pensei que ele fosse um soldado.

— E era. Os militares o acolheram e tentaram torná-lo um bom soldado. Mas, como acontece a muitos de seu tipo, falhou. Foi aí que a Companhia interveio. Ele se ofereceu como voluntário para o projeto Cyborg.

— É mentira, ele não teve escolha.

— Minha cara, gente como ele não merece uma. São estúpidos demais para fazer o que é preciso. É por isso que há homens como o General Boulder para tomar as decisões difíceis.

— Homens como você.

Ela não falou de forma amável, mas ele sorriu como se o tivesse elogiado.

— Sim, homens como eu. Vi o potencial nele, em toda aquela carne sã e forte. Dei a ele outra oportunidade. Uma oportunidade de se tornar algo melhor que ele mesmo. Uma oportunidade para servir. Mas, merda é sempre merda.

— Aramus é um homem bom.

— Uma reles máquina. Parece se esquecer disso.

— Podem ter implantado algumas partes eletrônicas e metálicas nele, mas continua a ser um homem, um homem bom e digno.

— Aparentemente. E muito bom amante também, a julgar por sua defesa enaltecida. Se eu soubesse que estava tão desesperada por atenção masculina para se contentar

com um mero robô, teria resolvido seu problema, mesmo sendo um pouco gorda para o meu gosto. Não se preocupe. Com bunda grande ou não, vou me assegurar para que fique satisfeita nesta ocasião.

O brilho sádico em seus olhos a fez saber que não seria uma boa experiência. Um estupro nunca seria. Mais não podia gritar e chorar, nem ceder ao terror correndo nas veias. Tinha que permanecer alerta e controlada, para não perder a chance de se libertar deste pesadelo.

Esperança tola e absurda. Como poderei escapar de uma espaçonave?

Talvez devesse esperar que os alienígenas a apanhassem com seu feixe de luz. Certamente, a ideia de enfrentar alienígenas era preferível ao que a esperava no futuro próximo.

— O que, nada de lágrimas? Não vai implorar para que eu seja misericordioso? Ou ainda resta a você esperanças de que seu amante Cyborg a salvará?

— Aramus e sua nave se foram. Nunca os encontrará.

— Nossa! É mesmo — Riu Dennison. — Cadela estúpida. Certamente não pensou que os deixaríamos escapar tão facilmente? Planejamos muito bem para o caso de uma invasão de Cyborgs naquela instalação, na verdade contávamos com isso, já que precisamos de mais exemplares.

— Você implantou algum aparato de rastreamento em todos que estavam na instalação?

Por que isso não a surpreendia?

— E arriscar que os Cyborgs os descobrissem? Não. Nada disso. Mas tínhamos deixado um presentinho na instalação, um presentinho que as máquinas estúpidas até se deliciaram em abrir.

Ela captou sua implicação.

— Um dos cativos era espião.

— Só um? — Riu. — Garota tola. Não somos tão estúpidos para ter só um. De fato, apesar do fato de terem se livrado de você e dos outros, ainda há um a bordo. E nem sequer imaginam. Nem sequer suspeitam.

— Quem?

— Realmente importa?

— Quero saber.

— Que criatura estúpida — Respondeu Carmen enquanto se movia para se colocar ao lado de Dennison e sorria.

— Você? Mas se deitou com os Cyborgs.

A traidora encolheu os ombros com desdém.

— Sexo é apenas sexo. Que melhor maneira de desviar suspeitas?

— E quem é o outro? As mulheres mudas? David?

A quem ela nunca realmente chegou a conhecer e nem ao menos tinha visto desde que foram abandonados na estação.

— Essas criaturas inúteis. Não. Logo nos livraremos deles agora que não os necessitamos para camuflar nossos verdadeiros espiões.

— Mas então só resta...

Oh, Deus! Um dos Cyborgs resgatados por Aramus é um traidor.

— Irônico, não é? As máquinas salvam outras máquinas, agem sobre a moralidade de que precisam resgatar os de sua espécie, entretanto, isso será sua perdição.

Oh, por favor, não me diga que é Avion.

Gostava do Cyborg ferido e não podia imaginá-lo como um traidor. Não depois do que sofrera nas mãos humanas.

Destruiria Aramus ao descobrir que seu amigo os tinha traído. Ou talvez Avion não soubesse. Talvez lhe tivessem implantado algo indetectável, que o fazia um traidor involuntário. Em qualquer caso, não era um bom presságio.

Os motores ronronaram sob seus pés enquanto a nave se preparava para iniciar o voo.

— Chega de conversa. Por mais que me deleite com sua estupidez, a conversa acabou. Levem-na para a cela. Assim que acabarmos com a nave Cyborg, estaremos a caminho de sua nova casa, com novas possibilidades de testes.

— Se refere a mais cadáveres?

— Só se não tivermos sorte. Veja, com o fracasso do exército humano em aceitar o DNA alienígena, optamos por uma nova direção, uma que estávamos a ponto de começar

quando fomos tão grosseiramente interrompidos. Mas isso veio bem a calhar. Os Cyborgs que capturaremos agora nos proporcionarão novas cobaias para a próxima rodada de experimentos, com sorte os nanos em seus corpos serão o catalisador necessário para aceitar e se misturar ao DNA alienígena.

— Com que propósito?

— Você não gostará de saber.

Com um sorriso malicioso, Dennison fez um gesto aos guardas atrás dela. Desta vez, quando eles agarraram seus braços, ela lutou. Não podia voltar a uma jaula. Não, sabendo que desta vez não escaparia viva, que todo o pouco tempo de liberdade não passara de um embuste. Não podia voltar a viver como uma vítima.

Mas eles não se importaram com sua resistência, chutes ou impropérios lançados. Com apenas uma coronhada na cabeça mergulhou na escuridão.

Capítulo Vinte e Um

— Você fez o que?

Aramus lançou uma olhada rápida a Avion antes de voltar seu olhar à tela diante dele e as estrelas açoitando ao redor enquanto se afastavam a toda velocidade da fonte de seu mau funcionamento. Até agora, a distância ainda não havia proporcionando a cura instantânea que tinha esperado.

— Você não deveria permanecer na cama? — Resmungou.

— Estou cansado de ser um inútil. Além disso, quando soube da notícia, fiz questão de vir a dizer pessoalmente o quanto você é idiota.

— E quantas paredes encontrou no caminho?

Porque sem seus olhos e com seus sentidos Cyborg ainda se negando a funcionar corretamente, Avion poderia se machucar ainda mais.

— E quem vai se preocupar com alguns painéis que podem ser substituídos? Como pôde abandonar Riley desta forma?

— Fiz o que tinha que fazer.

— Covarde! Fez o que foi mais fácil.

Fácil? Exatamente como deixar Riley para trás era

considerado fácil? Aramus tinha deflagrado uma batalha interna desde que a abandonara junto com os outros humanos na estação. Quase se sentira obrigado a não acompanhá-la, temeroso de que se visse sua reação, ele voltaria atrás em sua decisão.

— Os humanos são um risco a segurança.

— A segurança de quem?

— Para todos nós. Alguém esteve tentando enviar mensagens.

— E você acha que era um dos prisioneiros?

— Exatamente, quem mais poderia ser?

— Eu. Deidre. Qualquer um da tripulação. Se você estava tão certo de que um deles era um traidor por que não os colocou dentro de uma cela para fazê-los confessar? Ou o que faz normalmente: executar.

— Não tenho que me explicar a você.

— Talvez não, mas terá que explicar seus atos irracionais a Joe.

— Eu cuido de Joe.

Que provavelmente também o chamaria de maldito idiota por praticamente abandonar inocentes, só porque não conseguiu controlar o que sentia por uma pequena mulher.

— Eu não gosto de interromper tão fascinante discussão... — Interveio Aphelion. — Mas pensei que gostariam de saber que a estação espacial foi atacada.

— Atacada?

Um calafrio percorreu a espinha de Aramus, em desacordo com sua temperatura geralmente alta. Aphelion destacou o SOS em sua tela.

— Quatro horas depois de nossa partida, uma nave não identificada se acoplou e soltou gás sonífero pelo sistema de suporte de vida da estação.

— Pensei que todas as estações espaciais adotassem medidas para evitar esse tipo de coisa, desde que os piratas começaram a fazer uso dessa tática há alguns anos, principalmente depois das invasões as colônias.

— E fizeram, mas só na área de ataque. Os que estavam de guarda na área tinham máscaras e não foram afetados. Todos os que resistiram foram assassinados.

O frio em Aramus tornou-se gelo.

— O que fizeram depois?

— Bem esta é a parte ruim. Capturaram os prisioneiros que deixamos lá, depois partiram.

Seu coração mecânico deixou de pulsar por um segundo.

Não! Merda não!

Temera este desfecho tão logo Aphelion mencionou a invasão.

— Estão mortos?

— Nem todos. Mataram ao homem em estado comatoso

e às duas mulheres mudas, mas parecem ter levado os outros três.

— Levaram Riley?

— Riley, Carmen, e Percy.

Quase suspirou de alívio.

Riley está viva.

— Tem certeza?

— É o que acabo de dizer, não?

Sim, mas ele precisava confirmar antes que fizesse algo irracional e imprudente.

— Trace um curso de volta aquele quadrante.

— Para que?

— Vamos atrás da nave.

— Uma vez mais, tenho que perguntar para que?

— Está sendo deliberadamente obtuso? Vamos salvá-los, é lógico.

— Ainda não entendo por que. Só são seres humanos — Aphelion provocou. — Não é sempre você quem diz, “o único humano bom é um humano morto”? Por que devemos salvá-los? Se querem matar uns aos outros, então é assunto deles.

Aramus estava apavorado, certo ou não, o era imperioso salvá-la.

— Desde quando é um imbecil ignorante?

— Eu? Só estou repetindo o que o ouço dizer desde que

o conheci.

Maldição. Por que Aphelion tinha que escolher justamente agora para dar razão ao que sempre dizia a quem quisesse ouvir sua opinião irascível?

— Bom, isso foi antes.

— Antes do que?

Antes de encontrar uma pequena humana que o fez lembrar que nem todo humano era mau. O fez lembrar que era capaz de dar carinho e que gostava de recebê-lo em troca, mesmo enquanto estava sendo um imbecil intratável.

— Esqueça minhas ideias. Merda! Desde quando alguém me escuta?

— Desde que nos aplica uma chave de braço e grita suas convicções sobre os humanos nos nossos ouvidos até nos faz pedir arrego.

— Bem, talvez eu tenha mudado de opinião.

— Você? — Avion, ainda presente, riu. — “Desde quando o Senhor que nem sequer mijaria sobre um ser humano ardendo em chamas”, de repente começa a se importar?

Maldito Avion por assumir o papel de Seth em provocar, zombando e o obrigando a admitir que talvez tenha se enganado.

— Maldição, sim, de repente me importa. É isso o que querem ouvir? Tenho ódio deles, mas me importo. Não deveria ter deixado que minhas emoções nublassem meu julgamento, muito menos abandonar Riley ali desprotegida.

Quer me despojar de meu posto? Quer zombar de mim um pouco mais? Pois bem, caguei e agora tenho que limpar.

Precisava voltar e salvar Riley antes que a ferissem ou...

— Entenda, ela já pode estar morta?

Aphelion expôs um ponto válido, um em que Aramus preferia não pensar porque se ela estivesse...

— Não. Ela não pode estar.

Não pôde evitar seu rugido frustrado ou o murro que explodiu contra a pilastra metálica que servia como viga estrutural do centro de comando. Seu braço e mão não doeram tanto quanto saber que tinha falhado com Riley. Por causa de seu medo, ele a expusera ao perigo, agora que ela se fora, talvez para sempre, pode admitir seu medo. Deveria ter escutado seus amigos, ter se aberto apesar de ter que lidar com os próprios prejuízos, e mantê-la a seu lado.

Não teria me matado admitir o que sentia por ela, e eu poderia ter moído a murros qualquer um que se atrevesse a zombar de mim *por* isso.

— Ela não pode estar morta.

Nenhuma lógica respaldava sua afirmação além de sua própria esperança. Avion deu a Aramus uma esperança.

— Tendo em conta os problemas que passaram para tê-la de volta, não é provável. Se estiverem querendo silenciá-la e também aos outros, os teriam executado na estação ou explodido o maldito lugar.

— Assim crê que está viva?

— Sim. No momento. Mas quanto mais esperarmos para salvá-la, mais tempo eles têm para mudar de opinião ou a machucar.

— Não!

A frustração e a impaciência não se misturavam. Aramus necessitava algo para matar. Agora mesmo.

— Trace o curso. Rápido!

— Boas notícias, Capitão. Não temos que voltar a estação e procurar os responsáveis.

Ocupado em planejar um modo de resgatar Riley, em seu BCI, Aramus fez uma pausa para olhar Aphelion.

— Não estou seguindo sua lógica.

— Não temos que voltar porque... Estão nos seguindo.

Não precisava ser um gênio para entender o que isso significava. Só havia uma forma de uma nave seguir outra com tanta rapidez, logo após atacar a estação, quando eles tinham feito todo o possível para cobrir seus rastros.

Tinham um rastreador a bordo. Mas, onde? Estaria entre os arquivos informatizados ou aparelhagem que resgataram da instalação? Impossível, tinham se esmerado em vasculhar tudo minuciosamente. Bem não havia humanos a bordo. Isso deixava só uma possibilidade. Tinham um espião?

Ele não tinha brincado antes sobre a tentativa de hackear seus computadores para enviar uma mensagem. Tinha suspeitas de que fosse um dos humanos tentando

entrar em contato com amigos ou a família na Terra. Sem humanos na nave, só restava uma inquietante perspectiva. Um espião Cyborg. A única questão agora era se o Cyborg participava voluntariamente ou não?

Por favor, que não seja Avion.

Se odiaria ao ter de matar seu amigo. Precisava armar uma armadilha e apanhar o traidor.

— Bloqueie as comunicações. Todas, até nossa frequência de BCI a BCI. Passe a comando verbal somente, cara a cara.

— Mas isso vai nos separar da sala de máquinas.

— Eles sabem como fazer seu trabalho, e confio que serão capazes de controlar os sistemas manualmente. Não daremos ao nosso possível traidor mais informação que a necessária.

— Sim, Senhor. E quanto à nave que nos segue? Tentaremos despistá-la?

— Ah, isso não.

Primeiramente, Riley estava a bordo, e ele a queria de volta. E em segundo...

— Escolheram o Cyborg errado para provocar. Dê a volta, Aphelion. Querem uma briga, então a terão. Vamos acertar algumas contas em aberto com a Companhia.

Capítulo Vinte e Dois

As explosões sacudiam a nave de maneira bem alarmante. Parecia que os Cyborgs não se renderiam sem lutar, ou isso presumiu Riley. Esquecida em uma cela, sem janelas, sem tela de vídeo, ou alguém a quem perguntar o que acontecia, só podia se sentar, escutar, e rezar. De acordo com as explosões que faziam a nave sacudir, e os gritos ocasionais, o embate fora violento, mas agora o silêncio era assustador.

Apavorada viu que os Cyborgs, apesar de serem considerados como máquinas de matar, não foram fortes o suficiente. Apesar de sua reputação e a facilidade com que invadiram e dominaram a instalação, os Cyborgs perderam a batalha.

Com as mãos presas às costas com correntes pesadas, a cabeça encurvada e o rosto ensanguentado, acompanhados pelos mercenários enquanto Dennison fiscalizava o encarceramento de seus prisioneiros na área de confinamento. Riley reconheceu alguns Cyborgs, Xylo e Avion entre eles, mas também notou que nem todos os tripulantes foram capturados. Provavelmente porque a luta não estava completamente acabada... Indicou a vibração sob seus pés, quando algo bateu contra a nave.

Deus! Mantenha Aramus a salvo.

Apesar de ter sido abandonada por ele, não queria que o machucassem. Se ele sofresse algum dano, ela faria com que pagassem em dobro!

Por ironia do destino, o quarto corpo arrastado para a área de detenção era seu ex-amante. Inconsciente e sangrando, Aramus terminou largado na cela em frente à dela. Ele permaneceu imóvel, a carne e metal que ela queria desesperadamente odiar, mas não conseguiu.

Ela se agarrou as barras de ferro, pressionando o rosto contra o metal frio, desejou que ele se movesse, que recuperasse seus sentidos, que desse um sinal de vida. Ela até daria as boas-vindas ao seu humor ácido! Por outro lado, talvez fosse melhor não recuperar a consciência... Não, com o que enfrentaria no futuro. Como prisioneiro da Companhia se tornaria mais uma vítima involuntária de experiências pela segunda na vida, desta vez com consequências mortais. Deus! Teria de se juntar a Dennison na esperança de que ele estivesse certo quando afirmou que os corpos melhorados dos Cyborgs poderiam suportar a dor e a fusão com o DNA alienígena.

Não posso suportar a ideia de fazer uma autópsia no corpo de Aramus.

Mas primeiro ele teria de viver o suficiente para se tornar um paciente 'Frankenstein'. A lógica tentou dizer a ela que não se dariam ao trabalho de pôr um cadáver em uma cela, mas assim que o viu se mover, vários minutos depois que os soldados se foram brincando a respeito de sua vitória

sobre os “Não tão poderosos Cyborgs”, que suspirou de alívio, e quando Aramus abriu os olhos, sussurrou um sincero...

— Graças a Deus.

— Deveria agradecer aos meus nanos. Que uma vez mais, salvaram meu traseiro metálico.

— E eu que pensava ser essa sua cabeça dura como pedra há salvar o dia — Brincou Xylo.

Outra piadinha.

— Até parece! Mas que sorte, seu couro é tão duro que as balas ricocheteavam.

Duro? Depois de ela ter percorrido cada centímetro daquela pele, com algo mais que seus dedos, Riley discordava da opinião. Mas se manteria calada. Aramus não merecia nenhum tipo de defesa, não quando ela ainda estava zangada por ter sido abandonada.

Levantando-se, Aramus girou seus ombros largos e se alongou, com cuidado de não tocar as barras, que zumbiam com corrente elétrica.

— Está ferida? — Perguntou ele, enquanto seus olhos a escaneavam da cabeça aos pés.

— Como se isso o importasse.

— Importo-me bem mais do que deveria — Murmurou.
— E não respondeu a minha pergunta. Está ferida? Machucaram você?

— Estou bem, exceto pela pancada na cabeça quando quiseram me fazer calar. Eu gostaria de perguntar se você

está bem, mas estou certa de que será uma total perda de tempo, sem contar que seria um esforço inútil. Além disso, você ficaria apavorado se eu dissesse que me importo — Disse, enfatizando com os dedos a última frase, antes de lhe dar as costas.

Ele riu entre dentes, um som baixo e atraente que fez vibrar seus sentidos de uma maneira que ela tentou ignorar.

— Ai! Parece estar zangada.

Ela? Não. Não o daria o prazer de ouvir a respostas, de costas para ele permaneceu observando a parede?

Que parede interessante. Os rebites que sustentam as placas. Os arranhões na pintura cinzenta.

— Ignorar-me não fará com que eu desapareça.

Ele tinha razão. Mas gostou da pequena satisfação nisso.

— Ajudaria se dissesse que sinto muito ter agido de modo estúpido e covarde?

Sim!

Não, ela não o deixaria escapar impunemente. As ações falavam mais que as palavras.

— Soube que cometi o maior erro de minha vida logo que nos afastamos da estação.

Entretanto, ele não voltara. Deixou-a lá. Sozinha. Não desejada.

— Sinto sua falta, apesar de que só se passaram dez

horas e quatorze minutos desde a última vez em que nos vimos.

E quem estava fazendo a conta? Sua tripulação provavelmente mantinha um registro de todos os eventos, até os mais ínfimos, como o abandono de uma amante humana.

— Vamos, Riley, fale comigo.

Ela cruzou os braços e realmente apreciou a visão da parede sem traços distintivos. Só faltavam algumas manchas de ferrugem para completar o ambiente.

— Assim que soube do ataque, dei meia volta para vir te buscar.

Ah, ah. Era mais provável que quisesse se assegurar de que ela e os outros não revelassem algum segredo.

— Sei que provavelmente está um pouco assustada neste momento, e só quero que saiba que não precisa se preocupar. Vou tirá-la daqui.

Um gemido lhe escapou antes que pudesse sufocá-lo. Aprisionado também, como Aramus a salvaria?

Ele reagiu ao som.

— Ei, eu ouvi isso. Está duvidando de minha capacidade de salvá-la?

Ela respondeu, apesar de sua promessa de permanecer em silêncio.

— Aramus, você não acha isso um pouco difícil de fazer, veja onde estamos?

— Não acredita que esses humanos podem nos manter cativos?

Riley ficou incrédula com a ideia

— Aramus estamos presos, não notou? Senhor “Sou um cara tipo ruim”.

— Não exatamente.

— Ah... Isso diz o cara em uma cela.

— Só porque os deixei me apanharem.

Ela se voltou, incapaz de resistir.

— Deixou que o pegassem? Mas é claro que sim. Deus, acredito nisso. Conheço-o muito bem, Aramus. Sei que jamais permitiria que um humano levasse a melhor sobre você. Muito menos que um humano se preocupe com seu destino. Deus não permitiria que um humano fizesse nada de ruim ao grande e poderoso Aramus.

— Eu não sou tão mau assim.

— Não, é pior.

Porque a fizera se apaixonar por ele e logo fez exatamente o que tinha prometido... Tratá-la como um inimigo.

— Você não pensava deste modo.

— Mudei de opinião — Ela disparou.

— Isso significa que não vai querer copular comigo quando a libertar?

— Ahhhh!... Isso é tudo o que sou para você? Um meio

para fazer sexo? Sabe, você é pior que uma máquina. Mesmo um androide sexual tem mais capacidade de ser gentil que você. Na verdade são tão gentis que no final dizem obrigado também.

Aramus se aproximou das grades, perto o suficiente para que ela temesse que ele pudesse se ferir com a eletricidade fluindo nas barras.

— Dizer obrigado? Você é quem deveria me agradecer. Controlei com cuidado a minha língua e meu pênis para me assegurar de que tivesse prazer.

De todas as coisas arrogantes que ele podia dizer...

— Sim, você me fez gozar, mas o mesmo acontece quando uso meu vibrador, e pelo menos uma vez feito não me joga no chão ou me abandona em uma estação esquecida por Deus, sem dizer um adeus.

Ele fez uma careta.

— Eu agi como um louco.

— Foi um filho da puta, isso sim.

— Podemos nos conformar com idiota?

— Não.

— O que preciso fazer para que me perdoe?

— Nada, porque não vou o perdoar, e nunca mais você vai por suas mãos em mim.

— Eu gostaria que não mentisse assim.

Ela bateu o pé no chão.

— Não estou mentindo.

— Acabou de fazê-lo, porque me perdoará, e logo faremos sexo. Provavelmente várias vezes. Consecutivas. E no dia seguinte. E provavelmente todos os dias a partir de então.

— Nunca!

— Fará.

— Não!

— Não discuta. Seremos companheiros de vida, então precisamos de algumas regras básicas. Regra número um, não deve me fazer parecer fraco diante de meus irmãos.

— Companheiros do que?

— Companheiros de vida. Na Terra, acredito que as religiões o denominam de casamento.

Com a boca aberta e os olhos arregalados, ela o olhou fixamente.

Você não disse o que penso que disse.

— Não vai se casar comigo.

— É claro que não. Eu não acredito em Deus, ou religião. Mas vamos registrar uma união civil, com o Departamento de Assuntos Interpessoais Cyborg para que todos saibam que me pertence.

— Ai meu Deus. Alguém instalou vírus em seus sistemas.

— Não, de acordo com meus diagnósticos.

— Você foi hackeado, porque está dizendo coisas sem

sentido.

— Oh, tenho plena consciência do que estou dizendo, estou gravando e posso reproduzir nossa conversa quando tiver dúvidas de minha palavra; mas imploro que pare de me fazer aparecer um humano castrado em frente aos meus irmãos. Sei que é humana e frágil, tenho muita afeição por você. Tentei lutar contra isso. Cheguei a pedir ao médico de bordo para alterar meus sistemas ou me operar, uma lobotomia, mas parece que não existe solução para o que eu sinto a não ser uma. Tenho que mantê-la comigo.

— Ou me matar.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Não. Isso não é um curso de ação aceitável.

— Mas eu sou humana. Não deveríamos todos morrer?

— Só os responsáveis pelas atrocidades que nos têm feito. Ah, e todo aquele que colocar um dedo em você, Cyborg ou humano. Eu, entretanto, tentarei não matar os que a olharem. Um homem tem limites — Disse com desgosto.

Levou um momento para entender tudo o que dizia e ler a mensagem subliminar.

— Um segundo. É este o seu jeito maluco de dizer que me ama?

Ele assentiu com a cabeça. Seu coração se agitou.

— Então diga.

— Preferiria não fazê-lo.

— Diga em voz alta, Aramus.

— Mas meus irmãos estão nas celas próximas a nós e vão ouvir — Disse entre dentes.

— Com público é até melhor. Diga.

— Você está pondo a prova minha maldita paciência, doutora.

— Bata-me.

— Não temos tempo para jogos prévios. Mais tarde.

— Araaaamus — Ela arrastou seu nome enquanto batia o pé e cruzava os braços.

— Muito bem. Mas um aviso geral, se alguém rir, morrerá. Provavelmente dolorosamente.

— Só se merecerem.

Ele grunhiu.

— Humana obstinada. Tem muita sorte por eu ter tanto apego a você.

— Continuo esperando.

— Ohhh!... Está bem. Amo você. Está contente agora? Podemos seguir adiante?

— O que? Não consegui ouvir.

Ela levou a mão à orelha e fingiu que se esforçava em ouvir.

— Eu... Amo... Você — Os dentes apertados acrescentaram um toque de eloquência a suas palavras.

— Ohhh!... Meus pobres ouvidos humanos! Simplesmente não escutam muito bem.

— Amo você, Riley Carmichael! — Aramus gritou justo no momento que Dennison e um grupo de soldados dobravam a esquina.

Só mesmo em seu mundo caótico Riley poderia, finalmente, receber a declaração mais importante de sua vida bem no momento que toda a violência do universo a batia a porta.

— Não é emocionante? — Dennison zombou. — Uma máquina amando uma “carnuda”. Será que continuará a amar depois de me ver fodendo-a?

Aramus apertou os punhos ao longo do flanco, sua expressão era uma máscara de fúria.

— Já está programado para morrer. Ameace-a de novo, ou a toque de algum jeito, e será doloroso. Sua escolha.

— Grande ameaça vinda de um Cyborg atrás das grades.

— Estas grades? Ora. Não vão me deter.

— Se é tão grande e poderoso... Então como é que o apanhamos tão facilmente?

— Quem apanhou a quem?

Um sorriso esticou os lábios de Aramus, Riley recuou um passo, confiante e assustada ao mesmo tempo. O sorriso zombeteiro que Aramus exibia, junto com o brilho de seus olhos, era a matéria da qual nasceram às lendas dos Cyborg,

psicótica com um pingo de perigo.

— Quanta fanfarronice. Sabemos como fazer para enfrentar a sua espécie agora. As unidades cibernéticas que capturamos anteriormente tiveram um valor inestimável para nossa investigação. Por exemplo, as barras da cela estão eletrificadas. Um toque e vai assar a carne de seus ossos mais rápido do que seus nanos podem reconstruir, sem falar que danificaram seu BCI. Mas é só tocar para comprovar. Mas procure não gritar mais alto que sua namoradinha aqui. Odiaria perder a chance de ouvi-la gritar enquanto a fodo.

Falando em agitar uma bandeira vermelha diante de um touro. O vapor virtualmente escapou das orelhas de Aramus, mas Dennison ignorou enquanto avançava para dentro de sua cela, com um olhar lascivo. Riley recuou até que suas costas tocou a parede. Apesar da ameaça de Aramus, ela não via uma saída. Dennison tinha todos os trunfos na manga. Com os soldados em suas costas, ele podia fazer o que tivesse vontade. Lutar só tornaria tudo pior. Ela tinha visto os resultados de primeira mão durante seu encarceramento. Simplesmente fecharia os olhos e tentaria só pensar na declaração de Aramus enquanto suportava a dor e a humilhação. Seria o desgosto posterior nos olhos de Aramus o que não estava tão certa de poder suportar.

A fechadura de sua cela fez um 'clique', e a porta deslizou em seu trilho de metal com apenas um pequeno chiado. Os soldados que tinham acompanhado Dennison se alinharam de cada lado da abertura, as pistolas embainhadas, as armas Taser sustentadas apontando para

fora, seus sorrisos evidentes. Eles não impediriam o estupro prestes a acontecer. Engoliu o nó do medo que se formara em sua garganta enquanto Dennison dava um passo. Dois.

— Eu avisei — Grunhiu Aramus. — Estúpido filho da puta.

Ouviu-se um som de metal, quando uma força enfrentava outra, rangendo e gemendo.

SCREEEEEEEECH!

Um som alto e inesperado.

Isto, junto com alguns gritos de surpresa... Merda! Causados por um ruído que só poderia descrever como uma maravilha. O cheiro acre da carne, um chiado? Algo que ela nunca pensou que poderia ser feito, entretanto, não parecia incomodar Aramus enquanto punha sua força em ação.

Ele saiu da cela, fez ranger os dedos e grunhiu: — Quem quer morrer primeiro?

Capítulo Vinte e Três

Aramus jamais compreendeu por que seus inimigos nunca ouviam seus conselhos. Avisou-os para que o levassem a sério. Avisou ao frangote que deixasse sua mulher em paz. Humanos estúpidos, simplesmente os malditos nunca escutavam, e ele os dera um aviso razoável.

O medo nos olhos de Riley o levou à ação. Aramus jamais permitiria que o idiota que estava entrando em sua cela tocasse sequer um cabelo de sua obstinada cabeça. Só ele podia dar um puxão no cabelo ou fazê-la chorar, preferivelmente com prazer.

Além disso, humano ou não, que homem não queria uma oportunidade para demonstrar que era o maior e mais duro guerreiro perto de sua fêmea? Uma reputação como a sua não vinha à toa. O que era um pouco de carne chamuscada quando se tratava de manter a lenda de Aramus, o Cyborg mais cruel vivo? Adorou ver a parte branca dos olhos dos filhos de puta, quando se deram conta de sua estupidez... E enfrentaram a sua mortalidade.

Antes, se obrigara a amainar seu temperamento, deixar que os humanos que abordaram sua nave pensassem que o tinham capturado. Ele não estivera completamente de acordo com o plano que Aphelion propôs, mas tinha que admitir que fazia mais sentido. Se ele queria se assegurar de que não

matassem Riley ou qualquer outro prisioneiro a bordo, então precisava estar na nave inimiga e encontrá-los. A melhor maneira de obter a informação e agir era ser um prisioneiro.

Então os Cyborgs levaram seus inimigos perseguidores à um embate dissimulado. Não muito falso. Não queriam despertar as suspeitas, sobretudo quando souberam que tinham um espião a bordo. Mas tampouco o suficientemente intenso para causar um dano permanente à nave ou aos seus passageiros.

O fato de terminar em uma cela em frente à Riley demonstrou uma vantagem inesperada. Então riscou alguns elementos em sua lista de tarefas pendentes. É claro que devido à maneira como ela o levou a admitir que a amava, em frente a uma audiência, algo que nunca mais viveria, significava que sua lista ficou mais longa... Já que agora teria de matar os que tinham ouvido.

O que se podia ajeitar.

Sentiria falta de seus irmãos, especialmente Xylo, que rira sem ao menos dissimular o tempo todo em que conversou com Riley. Mas superaria.

Ou podia deixar que seus irmãos vivessem e os fazer jurar silêncio. Mesmo ameaçá-los com a visita de seus punhos de ferro, ou, ainda mais horrível, ameaçar jogar Deidre, a fêmea Cyborg louca, atrás deles. A mulher não o deixava em paz. Ela parecia decidida a se deitar com ele, apesar de suas numerosas recusas.

Mas agora não era momento para refletir sobre isso, seu

plano já estava em andamento. Com o perigo cortejando a sua fêmea, precisava agir.

Foi muito fácil. Apesar da bravata do humano baboso, não haveria nenhuma cela, eletrificada ou não, que pudesse detê-lo, não quando sua 'doutora' precisava dele. Parecia que a Companhia não tinha atualizado a todo seu pessoal sobre o fato de que os Cyborgs podiam resistir à eletricidade, ou ao menos alguns, Aramus era um deles.

Em sua última atualização, Einstein modificara a programação principal e o configurou em um programa especializado para resistir a descargas elétricas, aumentando a voltagem continuamente, até fazer com que suportasse mais que um Cyborg normal. Aprenderam rapidamente que com o uso das armas Taser, certamente os militares passariam a fazer uso desse tipo de armamento. As descargas continuavam a doer, já que percorria o corpo, mas ele era um Cyborg. Não deixaria que isso o detivesse, não quando Riley precisava dele. Tratou de suportar a dor. As barras se dobraram com um som agudo diante da força bruta. Deu um passo fora da jaula, estalou os dedos enquanto perguntava quem queria morrer primeiro. A intimidação sempre o parecia muito divertida. Como de costume, ninguém se ofereceu como voluntário.

— Imbecis! O que estão esperando? — O líder humano gritou aos mercenários. — Usem o Taser contra ele.

De repente os mercenários se lembraram das armas na cintura, e todos os valentões contratados descarregaram as

armas de uma vez. Só dois acertaram Aramus, com a descarga elétrica correndo por seu sistema, ele não achou muito agradável. Forçou um sorriso nos lábios.

— Isso faz cócegas. Não tem algo mais forte?

— Como Diabos está resistindo a isto? Asseguraram-me que a eletricidade o tornaria impotente.

— Um, jamais use a palavra “impotente” comigo. Dois, nunca subestime um Cyborg. Sempre nos adaptamos as contingências. Afinal foi para isso que fomos projetados.

Essa capacidade é o que tornava maravilhoso ser um Cyborg. Se algo se danificasse ou não funcionasse bem, resultando um ponto fraco, como neste caso, tudo se resolvia com outra programação, ou outro hardware, e ali surgia uma unidade cibernética melhorada.

Não mencionaria o fato de que só alguns de sua espécie conseguiam ter atualizações especializadas. Os Cyborgs tinham recursos limitados, nem todos podiam resistir como ele.

— Não fique aí parado. Atire nele — Gritou o idiota de olhos saltados.

Levou outro momento para que os soldados aturdidos apontassem armas normais e atirassem novamente. Aramus estremeceu quando as balas atravessaram sua carne, algumas se alojaram em seus músculos, enquanto que outras transpassaram o corpo.

Malditos mercenários mau treinados. Não sabem

que só um tiro na cabeça, e em um ponto muito exato, pode acabar com um Cyborg?

O “plink” de uma bala caindo no chão enquanto seu corpo as repelia, ecoou se no espaço repentinamente silencioso.

— Ai! Isso picou! — Aramus os repreendeu maliciosamente, sua carne já se fechando sobre os buracos, seus nanos cantarolando enquanto trabalhavam.

Agora os olhos dos humanos mostravam pânico e a compreensão de que talvez morressem. Os soldados contratados levantaram suas armas para atirar de novo. Muito lentos. Aramus os golpeou nas cabeças antes que pudessem ter uma segunda oportunidade. Logo se pôs a trabalhar ou, como Seth gostava de falar, “era tempo de brincar com os novos brinquedinhos”.

Poderia ter tirado as armas de suas mãos e as usar para libertar seus irmãos, que adorariam pôr as mãos nos humanos, mas isso significaria compartilhar a diversão. Assim prosseguiu sozinho, golpeando a carne macia, sentindo o ranger de ossos, ouvindo os grunhidos e gritos dos homens que pensavam que eram duros até que conheceram alguém mais desagradável que eles. Logo se deram conta do engano de seus procedimentos. Azar para eles que não viveriam o suficiente para aprender realmente a lição.

Um grito do Riley chamou sua atenção já que o pequeno idiota que zombara dele segurava-a em uma chave de braço, usando-a como escudo.

Ah, não! O maldito não fez isso.

— Mova-se e ela morre — Ameaçou.

— Como um ser tão estúpido pode assumir o posto de comando?

Aramus, com reflexos mais rápido que qualquer humano, agarrou a arma de um soldado choramingando e atirou.

Riley gritou quando o cadáver desabou no chão, arrastando-a com ele. Aramus se lançou adiante e a atraiu para a segurança de seus braços. Ela tremia, mas, ao mesmo tempo, agarrou-se firmemente a ele, sã e salva.

— Disse a você que nos tiraria daqui.

Sim. Soava petulante. Não há nada como ter razão e salvar o dia e derrubar a arrogância de um homem covarde... Sem contar que seria uma lembrança aos que tinham testemunhado de sua admissão ignóbil anterior de que ele ainda tinha o necessário para chutar alguns traseiros.

Ela soluçou enquanto mergulhava em seus braços.

— Odeio você. Não. Amo. Deus! Você é o homem mais arrogante, bonito e estúpido do universo.

Ele ignorou a maior parte de seu discurso e se concentrou na única parte que o importava.

— Mas, me ama?

— Sim.

— E vai registrar uma união civil comigo?

Torná-la sua aos olhos da sociedade e leis Cyborg, esclarecer qual seria seu status, também lhe daria uma linha de defesa quando matasse qualquer Cyborgs que tentasse flertar com ela.

— Sim.

— Então vamos fazer muito sexo — Declarou.

— Não força.

— Oh, mas estou ansioso por fazer muito.

Que fácil conviver com as insinuações quando ele não lutava contra seu lado mais humano!

— Como pode pensar em sexo quando não escapamos ainda?

— Detalhes minha querida. Só se coloque atrás de mim enquanto tomamos o controle da nave.

— Está louco? Está ferido. Vamos libertar os outros para fazê-lo.

— E deixá-los ter toda a diversão?

Não disse completamente a sério, mas estive perto.

— Creio que deveria fazer o que ela diz — Xylo grunhiu.

— Deixe que tenhamos alguma diversão e enquanto limpamos a desordem você pode ir se aconchegar com sua humana.

— Podemos nos livrar dele e fazer que pareça um acidente? — Perguntou ela.

— Facilmente — Respondeu Aramus com um sorriso

mau.

— Hey. Isso não tem graça — Xylo se queixou.

Ela riu, um som doce.

— Está bem. Não vou deixar que te matem, mas vou guardar suas costas.

— Não preciso de sua ajuda.

Aramus a fulminou com o olhar. Ela sorriu diante da expressão de aborrecimento.

— Embora esteja seguro de que poderia realmente assumir o controle desta nave, sozinho, temos coisas mais importantes a fazer, temos que localizar Deidre.

— Por quê?

Aramus fazia todo o possível para se afastar da fêmea irritante.

— Porque ela é uma espiã.

— Mas ela odeia os humanos.

— Ela odeia a todos. É parte de sua programação. É por isso que não suspeitamos dela. Mas a lógica diz que tem que ser ela porque Avion está aqui conosco.

— Resgatamos outro macho também, seu paradeiro atual é desconhecido. Poderia ser ele.

Ela negou com a cabeça.

— Meu instinto diz que é ela.

Em outras palavras, devia confiar nela. Olhando, ele assentiu com a cabeça.

— M.J. — Gritou a seu médico. — Venha aqui.

— Tão logo você me deixar sair. Nem todos nós recebemos as novas melhorias — O Cyborg lembrou-o.

Aramus libertou rapidamente seus irmãos e os outros prisioneiros, Percy incluído, quando as sirenes soaram. Acabavam de libertar o último ocupante das celas quando se ouviu o bater de botas no piso. Aramus posicionou Riley a suas costas, usando seu corpo como escudo, e bem a tempo, os mercenários surgiram disparando suas armas de forma errática.

— Eliminem todos — Gritou. — Antes que... — A atmosfera artificial se desestabilizou, o ar foi sugado para fora da nave, à chuva de balas abriu um rombo no casco da nave antes que ele pudesse terminar a frase: causem uma brecha.

Merda.

A falta de oxigênio não seria um grande problema para ele porque podia regular seu corpo para sobreviver sem ar, Riley, por outro lado, não.

— Que alguém se encarregue do idiota gago, enquanto que o resto de vocês assume o controle desta nave. Preciso levar Riley à segurança.

Jogando-a por cima de seu ombro, abriu caminho entre os corpos lutando em busca de um traje ambiental ou de uma passagem de volta à área protegida da nave, o que primeiro alcançasse. Ela ficou sem respirar sobre suas costas, em silêncio, consciente do perigo e não deixando que

sua teimosia habitual se interpusesse no caminho que ele tinha que seguir. Não disse uma palavra, mesmo quando ele agarrou um soldado que saiu de uma sala vestido com traje espacial completo, Aramus lhe quebrou o pescoço, e logo o despiu.

— Obrigado — Riley pronunciou com suavidade quando ele lhe colocou o traje e o capacete. O caos deixou os corredores livres enquanto a nave inimiga adicionava advertências computadorizadas às sirenes a todo volume.

RUPTURA DO CASCO. SELANDO PASSAGENS PARA CONTENÇÃO NA SEÇÃO 4F E X9 EM TRINTA SEGUNDOS. TODO O PESSOAL DEVE EVACUAR ESSAS ÁREAS. REPITO... 29...

Assumindo que seus irmãos eram o suficientemente inteligentes para sair por conta própria, preocupou-se com sua tarefa mais importante. Tirar Riley da nave inimiga. Já sem se preocupar com seu suprimento de oxigênio, levantou-a de novo, Riley não pesava quase nada para ele, buscou em seu BCI uma rota segura até o local onde as naves estavam acopladas.

Tendo fingido inconsciência ao ser carregado a bordo, teria de confiar totalmente na interação de seu computador interno com o computador central da nave humana, o que funcionou bem até descobrir que os diagramas registrados no computador de bordo foram modificados pelos construtores da nave. Uma porta de contenção inexistente de acordo com os diagramas barrava seu caminho.

Merda, esses construtores humanos estúpidos são incapazes de seguir um simples diagrama técnico.

Não querendo perder tempo recuando. Sacou a pistola e atirou no painel de controle. Circuitos e chips se espalharam, o cheiro forte de cabos queimados dominava o corredor. A porta não se abriu, entretanto, o buraco irregular revelou um brilho laranja, a cor que se usa para identificar as alavancas de emergência, oculta atrás do rombo. Colocou a mão e puxou. Com um ranger de metal, a porta de contensão se abriu, e penetraram em uma câmara contendo seis cápsulas criogênicas lacradas. Todas em funcionamento.

— O que acha? — Perguntou Riley com a voz amortecida pelo capacete.

— Faço uma ideia, mas será melhor salvarmos o que pudermos antes que a Companhia decida eliminar qualquer evidencia.

Ele não queria uma repetição do que houve na instalação, todas as evidências e testemunhas foram praticamente eliminadas, ele não deixaria que isso acontecesse novamente. Enviou uma mensagem a Aphelion.

— ***Hey, encontrei algo interessante.***

— ***Então se divirta*** — Provocou seu primeiro oficial. — ***Estou um pouco ocupado.***

— ***Pare de brincar com os mercenários e traga algumas unidades para cá e depressa. Posso ter encontrado alguns dos aliens intactos, mas teremos que retirá-los o mais rápido possível.***

— Logo agora que a brincadeira estava divertida, não pode se virar sozinho? — Resmungou Aphelion. **— Sabe quanto tempo não pratico com soldados reais em vez de simulações?**

— Vai praticar com uma só mão se não me obedecer, chorão. Ou se esqueceu de nosso último treino?

Enquanto discutiam, o computador da nave inimiga anunciou uma nova mensagem.

SEQÜÊNCIA DE AUTODESTRUIÇÃO ATIVADA. QUATRO MINUTOS E TRINTA SEGUNDOS ATÉ A FUSÃO DE NÚCLEO.

Maldição. Teriam que se apressar. Desceu Riley do ombro e deu uma olhada mais de perto às cápsulas. Levantou uma. Pesada, muito pesada para correr com ela, proteger Riley, chegar a sua nave e retornar por mais cápsulas. Um toque no ombro o fez grunhir.

— Estou um pouco ocupado agora, doutora.

— Sim, mas enquanto está ocupado levantando pesos, pensei que devia mencionar que estas câmaras de criogenia têm rodas e estes interessantes aparatos chamados de motores para transporte.

Ele olhou para baixo.

— Garota inteligente.

Sua risada abafada não aliviou seu aborrecimento.

— Sempre fico encantada por te ajudar. Você guia o primeiro, e vou segui-lo com os outros.

Kentry, que chegou pisando duro, amuado, com Xylo às suas costas, pegou mais dois. No final, conseguiram salvar cinco das seis unidades de criogenia antes da nave se autodestruir.

Também salvaram alguns prisioneiros, algumas caras novas, alguns conhecidos... E alguns indesejáveis. Aramus cuidaria primeiro destes.

Capítulo Vinte e Quatro

Ao chegar a bordo da nave Cyborg e milagrosamente sem baixas, Aramus se negou a permitir que Riley se afastasse de sua vista. Mesmo depois de terem chegado à nave enquanto ele distribuía ordens para desacoplarem e afastar a nave para a um lugar seguro, insistiu em mantê-la por perto. Ela não discutiu. Depois de tudo o que tinha passado, era agradável se sentir querida. É claro que Aramus não encarou a coisa dessa maneira.

Sua desculpa foi que: **O espião ainda estava à solta.**

Mas se ele queria usar Deidre como motivo para sentá-la em seu colo enquanto gritava ordens, quem era ela para contradizê-lo?

Alguns de seus irmãos de tripulação levantaram uma sobancelha diante de seu descumprimento do protocolo Cyborg, mas nenhum se atreveu a opinar, provavelmente porque ele fulminava com o olhar qualquer um que sequer olhasse para ela.

Assim que se afastaram da área de explosão da nave inimiga, Aramus não perdeu tempo em convocar seus passageiros recém- resgatados. Percy entrou no centro de

comando, junto com Carmen. Igual a um rato, a mulher de duas caras salvou sua pele. Percy ao menos não perdeu o tempo em demonstrar sua gratidão.

— O... O... Obrigado por sal... Salvar-me.

— Não me agradeça. Não foi ideia minha.

Pelo contrário, parecia que esse tal de Joe, líder dos Cyborgs, tinha ordenado que salvassem qualquer pessoa que pudesse ser útil a nova sociedade Cyborg.

— Já que parece não ter participado da emboscada planejada pela Companhia, terá certa liberdade a bordo desta nave, mas o aviso — Aramus se inclinou adiante e cravou sobre Percy um olhar severo —, mantenha-se afastado de confusão, ou o deixo no primeiro planeta habitado que encontrarmos, com ordens ou não.

Meneando um sim com a cabeça, Percy praticamente saiu correndo do centro de comando. Carmen, tranquilamente se virou, com a esperança de que, a ordem se aplicasse a ela também.

— Não, mulher. Traga esse seu traseiro traiçoeiro de volta aqui.

Carmen congelou, e quando se voltou, a víbora tinha lágrimas nos olhos e seu lábio inferior tremia.

— Eu não tinha a intenção de trair ninguém. Fui obrigada, me ameaçaram caso não os ajudasse, do contrário...

— Mentirosa — Riley não pôde deixar de interromper.

Aramus não caiu em sua explicação falsa tampouco.

— Ajudou ou não? Conspirou com a Companhia?

— Sim... Mas não tive escolha.

— Colocaram uma pistola em sua cabeça?

— Não foi bem assim.

— A trancaram em uma cela e ameaçaram estuprá-la?

— Não, mas...

— Não preciso escutar suas ladainhas. Você entrou em contato com a Companhia, os instigou a atacar a estação espacial. Você deliberadamente divulgou informações sobre os Cyborgs. Colocou Riley em perigo. Nada disso é aceitável. Xilo?

— Sim, Senhor.

— Pegue essa criatura mentirosa e ejete-a pela eclusa de ar.

— O que? — Exclamou Riley junto com Carmen.

Riley voltou o olhar surpreso a seu amante.

— Aramus, o que está fazendo? Não pode simplesmente matá-la.

— E por que não?

Queria realmente dizer isso com toda seriedade.

— Ela os delatou. Colaborou com a Companhia. Provavelmente nos trairá na primeira oportunidade. Que mais posso fazer?

Riley não sabia o que dizer. Por um lado, matar a mulher parecia cruel. Sim, ela se mostrara uma serpente por colaborar com o inimigo, mas matá-la desta maneira? Tão friamente? Assim...

Com um grito de ódio, Carmen se lançou sobre Aramus, brandindo uma faca, que uma vez mais passara pelos Cyborgs sem dificuldade.

— Morra, robô maldito! — A latina gritou enlouquecida.

Riley nem sequer pensou duas vezes. Lançou-se sobre Carmen, com as mãos tentando alcançar a faca. A lâmina deslizou ao longo de sua carne, não doeu imediatamente, mas o sangue fluíu rapidamente. Aturdida, Riley caiu de joelhos, olhando sua essência gotejar enquanto atrás dela Aramus gritou furioso.

— Não!

Ela mal notou a refrega enquanto era agarrada e conduzida para fora, enquanto ouvia Carmem gritando injúrias. A escuridão se apoderou dela.

Capítulo Vinte e Cinco

Quando as pálpebras de Riley se abriram, encontrou Aramus junto a sua cama, o rosto preocupado sobre o seu.

— Já era hora de acordar — Grunhiu.

— Me alegro em vê-lo também — Murmurou — O que aconteceu?

A última coisa que lembrava foi seu desmaio infame à mera visão de seu próprio sangue.

— Merda, o que tinha na cabeça. Em que estava pensando se colocando diante de mim daquela maneira?

— Estava protegendo você.

Bom, isso soou mal quando o disse em voz alta, e a expressão de Aramus se mostrou surpresa e incrédula.

— O que? Não sabe que nada menor que uma espada me decapitando pode me causar um dano permanente?

Ela fez uma careta.

— Sim, bem, eu não pensei naquele momento, só reagi.

— Humana.

— Sou muito consciente disso. Obrigado por me lembrar.

— Mas você precisa se lembrar disto. Fui criado para enfrentar o perigo. Você não. Nunca, nunca mais se coloque

em perigo assim novamente. Sabe o que te ver ferida e sangrando me fez? Dor, Riley. Senti dor e medo! Não entende o quanto me tornou defeituoso? Até mesmo a ideia de perdê-la é suficiente para me desesperar. Preciso de você, entende? — Sua voz se rompeu na última parte.

De repente, ela se encontrou piscando para conter as lágrimas.

— Sinto muito. Não posso dizer que não vou fazer o mesmo outra vez. Amo você, Aramus. Cyborg invencível ou não, eu não posso deixar de querer te proteger.

— Se sente a necessidade de cuidar de mim, então o faça com coisas menos perigosas.

— Quais?

— A comida de Xylo, quando ficamos sem rações prontas. Ou de Seth, quando faz serviço de lavanderia e usa muito sabão. Isso irrita.

Ela não conteve o sorriso.

— Suponho que te pedir que se mantenha afastado do perigo é demais.

A expressão de dor em seu rosto se intensificou.

— Tudo, menos isso.

— Não prometo, mas vou tentar. Da próxima vez que você correr o risco de ser esfaqueado, ficarei de lado.

— Bom. Isso serve para as balas também.

— Está pensando em ir à guerra?

— Não vou procurar uma, se for isso o que está perguntando, mas tampouco vou fugir. Meu povo precisa de mim na primeira linha, eu os protejo.

— Não vou te deixar ir sozinho.

— Bem. Acredito que será melhor você estar onde eu possa vigiá-la.

— Por quê? Não confia em mim?

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Entenda. Não confio em meus irmãos, e Joe provavelmente enlouqueceria se eu matasse muitos machos de nossa colônia por te desejar, sobretudo porque não seria culpa deles.

Uma forma estranha de dizer que a achava atraente, mas aceitaria o elogio disfarçado. Aceitaria qualquer coisa do Cyborg grande e impetuoso... Porque o amava.

— Quanto tempo eu terei de ficar aqui até que o doutor me libere? — Perguntou, olhando às escondidas para seu braço enfaixado, que na verdade não doía.

— Até agora. Ele disse que a ferida era superficial e a suturou bem, a área foi anestesiada com um unguento tópico que acelerará o processo de cura.

— Então, por que ainda estamos aqui? — Ela levantou uma sobrancelha. — Lembro-me perfeitamente de alguém me prometer um bocado de sexo assim que me salvasse.

— Sou um Cyborg de palavra.

Carregando-a em seus braços, Aramus se dirigiu a

porta, que se abriu enquanto Riley o perguntava.

— O que aconteceu a Carmen?

— Ela está morta. Por sua própria mão.

Riley ficou sem ar.

— O que?

— Quando seu ataque contra mim não teve êxito, a fêmea louca voltou à faca para si mesma, cortando suas artérias. Morreu antes que pudéssemos deter a hemorragia.

— Oh, meu Deus. Não posso acreditar que ela se suicidou.

Aramus encolheu os ombros.

— Eu sim. Sabia que estava programada para morrer. Ela só escolheu o método e o fez em seus termos.

Nem por isso era menos espantoso.

— E quanto a Deidre?

— Isso foi horrível. Foi preciso quatro membros de minha tripulação para submetê-la. Mas tinha razão. Ela era o espião.

— Ela confessou?

— Não exatamente. Entretanto, Aphelion encontrou os artefatos para se criar uma bomba em sua cabine, assim como também um transmissor. Felizmente, nenhuma comunicação escapou do interior da nave, graças ao bloqueador ativado. Está presa, e continua a gritar que o final dos dias está chegando para humanos e Cyborgs. Está

totalmente descontrolada, não só causa danos a quem cuida da sua segurança, como causa ferimentos em si mesma.

— O que vai fazer com ela?

A tristeza, uma emoção que estava segura de que Aramus desconhecia, desfigurou seus traços duros.

— Não sei. Sua programação está muito danificada. Suas emoções estão fora de controle. Atacou com ferocidade Cyborgs durante sua captura e prometeu nos matar porque nos vê como aberrações da natureza. Talvez tenhamos que eliminá-la.

— Mas ela é Cyborg. Não pode apagar sua programação ou reiniciá-la?

— Muitas coisas foram feitas a ela. Não sei se conseguiriam repará-la. A decisão ficará nas mãos da colônia. Enquanto isso será colocada em êxtase.

— Vai usar uma das cápsulas que encontramos?

Ele assentiu com a cabeça.

— Mas... E o ocupante?

— M.J. está despertando um deles neste momento. De acordo com as plataformas biológicas parece ser uma unidade Cyborg.

— Não quer estar presente quando ele despertar?

— Terei tempo mais que suficiente para saber quem é e o que se passou com ele, mais tarde. Como certa humana me lembrou agora a pouco, fiz uma promessa. E sou um Cyborg de palavra.

Aramus sorriu, provavelmente por terem chegado aos seus aposentos e, mais importante, a sua cama. Colocou-a sobre ela e começou a despi-la da roupa suja. Tinham passado por muitas coisas, e as manchas de sujeira em sua pele era algo que não pode suportar.

— Podemos tomar um banho primeiro?

— Não podemos tomar banho depois? — Resmungou ele.

— Amor! Farei com que valha a pena — Brincou ela, levantando-se da cama e lançando um olhar sensual sobre o ombro enquanto caminhava para o banheiro.

Como comandante da nave, a cabine de Aramus tinha um banheiro maior que as outras cabines. O suficientemente grande para que coubessem dois no box do chuveiro.

Ficou de pé sob a água quente, tomando cuidado de manter seco o seu braço enfaixado, a prova de água ou não, não queria ter de voltar à enfermaria. Com a cabeça inclinada para trás, lavando o rosto no jato quente, sentiu que ele dava um passo atrás dela, seu corpo grande tornando-a pequena ao lado dele. As mãos dele se estenderam pela cintura e a ponta de sua ereção a tocava na parte baixa das costas. Ela não pôde evitar menear os quadris contra ele.

— Riley — Ele gemeu seu nome.

— Onde está o famoso controle Cyborg? — Brincou.

— Não existe controle quando no que se refere a você.

Ela se virou em seus braços e sorriu.

— Você sabe como agradar uma garota.

— Só você afirma isso quando eu admito ser defeituoso.

Um riso suave escapou dela.

— O desejo não é um defeito. Só se gozar antes que eu o faça, é.

Seus lábios se arquearam.

— Está me provocando?

— Veremos o quanto pode aguentar antes de me implorar satisfação.

— Eu não imploro.

— Veremos.

Em seguida se ajoelhou diante dele, o ângulo das gotas golpeando o peito de Aramus, deslizando por seu abdômen definido. Mas não era seu ventre plano e duro como pedra o que ela queria. Era seu pênis, que balançava diante dela, ávido por atenção, e ela estava mais do que disposta a dar a ele a atenção merecida.

Mas primeiro, brincaria um pouco. Ela o agarrou na base, apreciando a textura aveludada sobre a barra de aço. Acariciando de cima abaixo, maravilhada, não pela primeira vez, por seu tamanho. Realmente tinha um membro de dar inveja a qualquer macho, humano ou não.

Inclinando-se para frente, Riley moveu a língua sobre a cabeça. Isso a premiou com um gemido, então lambeu a água que deslizava nele outra vez, banhando seu pênis com a língua, lambendo de cima a abaixo, como se fosse a mais

saborosa das guloseimas.

Oh, os sons guturais que ele fazia!

Ela formou redemoinhos com a língua ao redor da cabeça grande do membro antes de abocanhá-lo, sua espessura tornava um ajuste perfeito.

— Oh, vou gozar.

Ele gemeu as palavras enquanto os dedos se enroscaram nos fios úmidos do cabelo dela, os quadris se movimentando para frente e para trás enquanto ela o sugava. Trabalhou seu pênis na boca, suas bochechas fazendo sucção enquanto o chupava. Humm!... Parece que ele nunca gostou tanto de algo como isto, a julgar por sua respiração áspera.

Enquanto uma de suas mãos se apoderava da base do pênis, ela usou a outra para brincar com suas bolas, as fazendo rolar entre seus dedos. Seus quadris se arquearam, e de algum jeito se fez ainda mais grosso.

Quanto mais excitado o deixava, mais crescia seu próprio desejo. Sabia que se tocasse a si mesma encontraria sua vagina molhada e preparada para ele. Mas tinha jurado fazê-lo implorar. Portanto, continuou chupando e brincando e lambendo até que...

— Basta, você ganhou — Disse com voz rouca. — Não posso suportar mais. Quero estar dentro de você.

Ainda bem, pois ela o queria dentro de si... Agora!

Levantou-se e se virou, pondo as mãos na parede molhada do box e se inclinando o suficiente para o

apresentar seu traseiro. As mãos dele agarraram seus quadris enquanto seus pés empurravam os dela, separando mais as pernas. Esfregou seus clitóris com a ponta de seu membro inchado e ela gemeu, ficando sem ar.

— Agora, quem vai implorar?

Ele a penetrou profundamente e ela deixou escapar um grito de prazer.

Por todos os meus nanos, como isso é bom.

Seu pênis longo e grosso a enchia completamente, o membro palpitante enterrado profundamente dentro dela até as bolas, esticando-a.

Oh, como gostava quando ele girava os quadris, esfregando a cabeça de seu membro em seu ponto G! Adiante e recuando, oscilando em cada penetração acabando com um meneio extra que a fazia enlouquecer antes de se retirar. Então começava outra vez, seu corpo curvando-se sobre o dela enquanto a penetrava, uma das mãos grandes encontrou seu clitóris, beliscando-o. Sensações sobrecarregadas! Ela gritou enquanto seu corpo estremecia. A força de seu orgasmo pegando-a de surpresa. Seus músculos internos ao redor de seu pênis se contraindo, fazendo-a gemer e logo gritar de novo enquanto ele pulsava seu clímax desencadeado pelo dela.

Com a respiração ofegante, os corpos unidos, sem perguntar, ou ameaçar, ele disse...

— Amo você. E enquanto meu coração pulsar. O que será por algumas centenas de anos, tendo em conta a

duração da bateria... Vou te amar.

— Eu também te amo, Aramus.

Aramus podia pensar que era mais máquina que homem, mas ela sabia que ele era muito melhor. Com coração mecânico ou não, os Cyborgs sentiam, os Cyborgs podiam amar mesmo uma humana como ela.

Epílogo

No resplendor do sexo, passou a ser “fazer amor”, com a adição das emoções desse ato que transcendia o básico de fazer sexo, Aramus queria ignorar os zumbidos repetidos de seus tripulantes tentando chamar sua atenção. Por uma vez, tinha total intenção de ignorar o dever e agir de forma egoísta. A menos que a nave estivesse em chamas ou sob ataque, o resto podia esperar. Estava vencendo seu primeiro combate com o dever com Riley estirada e dormindo em cima dele, quando a porta de sua cabine se abriu.

Que merda? Ninguém deveria ser capaz de anular o bloqueio de sua porta. Ninguém exceto...

— Seth — Grunhiu o nome, feliz, e ainda assim nem tanto, por ver entrando em sua cabine o Cyborg irritante. — De onde saiu?

— Era um dos convidados da nave que acabou de chegar. Suponho que não teve tempo de ler o registro do Capitão. Eu estava tirando um cochilo reparador em uma de suas cápsulas de êxtase, não de todo por vontade própria, quando M.J. me acordou. Disse que você estava ocupado em agradar uma humana. Pensei que estava delirando, mas quando dei repetidas palmadas em sua cabeça para sacudir suas sinapses e não mudou sua história, tive que vir aqui e ver por mim mesmo.

O Cyborg perdido não mudara em nada, absolutamente. Continuava a ser o mesmo tipo irritante que sempre foi.

— Fora!

— Mas, você nem sequer nos apresentou.

Seth moveu os olhos para Riley, que mordeu o lábio, provavelmente para não rir. Não era difícil ver a alegria em seus olhos. Entretanto, Aramus ainda não estava de humor para partilhar, especialmente tendo em conta que a única coisa a cobri-la era um lençol fino.

— Fora!

— Ora, vamos, Aramus. Não seja mal humorado. Aposto que está tão contente de me ver como um adolescente apaixonado, certo?

Com certeza, mas eu nunca admitirei.

— Fora daqui.

— É curioso. Eu diria a mesma coisa.

A nova voz surpreendeu a todos. Uma mulher estranha entrou na cabine de Aramus, uma loira escultural que pousou o olhar em Riley com interesse.

— Se você for à médica forense. Tenho perguntas a te fazer.

— E eu tenho algumas perguntas para você também. Quem é e o que quer?

Seth sorriu, parecendo totalmente satisfeito consigo mesmo.

— Acredito que as apresentações estão na ordem do dia. Aramus, e a garota nua de aspecto quente na cama, eu gostaria que conhecessem Anastasia. Minha mulher.

— Ex-mulher.

— Mas, querida, você sabe que eu não acredito em divórcio.

— E eu estou quase me tornando uma viúva.

Com essas palavras, Anastasia, em um movimento extremamente rápido, jogou Seth no chão e colocou uma pistola em sua cabeça. Merda. Aramus nunca pensou que chegaria o dia em que alguém seria mais rápido e ardiloso que seu melhor lutador. Só um Cyborg louco como Seth sorriria dizendo...

— Não é maravilhosa?

O que era maravilhoso foi à risada de Riley.

Minha mulher.

O único ser humano capaz de ensiná-lo que o amor nem sempre era uma fraqueza. E, se alguém se atrevesse a dizer o contrário... Ele tinha um punho de ferro para ajudar a ajustar sua maneira de pensar. Tinha uma reputação a manter, antes de tudo.

FIM





Aviso Um

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso Três

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).

Sobre a Autora

Eve Langlais nasceu na Columbia Britânica, mas por ser filha de militar, viveu um pouco por toda parte. Quebec, New Brunswick, Lavrador, Virginia (EUA) e por último em Ontario. Sua família e ela atualmente vivem nos subúrbios da Ottawa, a capital de sua nação. E Eve é a primeira pessoa a admitir que leva uma vida monótona. Sua ideia de diversão é ir às compras no Wal-Mart, gosta dos vídeo games, cozinhar e ler. Sua inspiração é seu marido, já que é um macho alfa total. Mas, apesar de seu ocasional mau gênio, o ama muito. Eve diz que tem uma imaginação retorcida e um sarcástico senso de humor, algo que gosta de refletir nos seus livros. Escreve romance a sua maneira. Gosta dos fortes machos alfa, com o peito nu e dos homens lobo. Um montão de homens lobo. De fato, se dará conta de que a maioria de suas histórias giram em torno de grandes enormes licantropos, superprotetores que só querem agradar a sua mulher. Também é muito parcial com os estrangeiros, do tipo de sequestrar a sua mulher e logo em seguida se dirigem para fazer alguma loucura... de prazer, é obvio. Suas heroínas são de amplos aspectos. Tem algumas que são tímidas e de voz suave, outras que chutam a um homem nas bolas e riem. Muitas são gordinhas, porque em seu mundo, as garotas têm curvas – Assustador! Ah e algumas de suas heroínas são pequeninas e más, mas em sua defesa, precisam de amor também.

<http://evelanglais.com/wordpress/home>